

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“ONDE ESTÁ O JOVEM NEGRO?”**

**Fragilidades socioeducacionais da juventude negra: evasão escolar, violência  
e extermínio.**

**SUELI ANGELITA DA SILVA**

**São Leopoldo**

**2022**

**SUELI ANGELITA DA SILVA**

**“ONDE ESTÁ O JOVEM NEGRO?”**

**Fragilidades socioeducacionais da juventude negra: evasão escolar, violência e extermínio.**

Dissertação de mestrado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora: Adevanir Aparecida Pinheiro (até dezembro 2021)

Orientador: José Ivo Follmann (a partir de janeiro 2022)

São Leopoldo

2022

S586o Silva, Sueli Angelita da.  
“Onde está o jovem negro?” fragilidades socioeducacionais da juventude negra : evasão escolar, violência e extermínio. / por Sueli Angelita da Silva. – 2022.

117 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, 2022.

Orientadora: Adevanir Aparecida Pinheiro.

Orientador: José Ivo Follmann.

1. Jovens negros. 2. Violência. 3. População negra. 4. Cultura. 5. Educação. 6. Evasão escolar. I. Título.

CDU: 316.347-053.6

*Certidão de óbito*

*Os ossos de nossos antepassados  
colhem as nossas perenes lágrimas  
pelos mortos de hoje.*

*Os olhos de nossos antepassados,  
negras estrelas tingidas de sangue,  
elevam-se das profundezas do tempo  
cuidando de nossa dolorida memória.*

*A terra está coberta de valas  
e a qualquer descuido da vida  
a morte é certa.*

*A bala não erra o alvo, no escuro  
um corpo negro bambeia e dança.  
A certidão de óbito, os antigos sabem,  
veio lavrada desde os negreiros.*

**Conceição Evaristo**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e a os orixás que me levaram pelo caminho do saber.

Em segundo minha família que entendeu minhas ausências nos momentos importantes devido aos estudos, que me apoiaram a cada dificuldade passada, e vibraram comigo as vitórias alcançadas.

Queria agradecer em especial meu filho Jeferson Luís da Silva pelo acompanhamento do trabalho e meu companheiro Flavio Wilmar da Silva pelo suporte emocional nas horas mais difíceis deste meu caminhar ao conhecimento.

Tenho um agradecimento muito especial aos meus orientadores: Adevanir Aparecida Pinheiro e Jose Ivo Follmann, que ao longo do período do mestrado me proporcionaram intensos debates, troca de saberes, e que me permitiram ampliar o meu conhecimento.

Agradecimentos especiais ao NEABI (Núcleo de estudos afro brasileiro e indígena) da Unisinos o presente trabalho foi realizado com o seu apoio.

## LISTAS DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Sociedade Cruzeiro do Sul .....                             | 48 |
| Figura 2 – Artista e sua obra .....                                    | 50 |
| Figura 3 – Artista e Álbum .....                                       | 50 |
| Figura 4 - Logo do coletivo comissão de cultura região leste.....      | 52 |
| Figura 5 - Imagens que auxiliam o conceito dos últimos capítulos ..... | 82 |
| Figura 6 – Praça da caixa d'água .....                                 | 84 |

## LISTAS DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1- índices do IBGE relacionados à evasão escolar, por cor e etnia.....  | 19 |
| Quadro 2 - Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo e que já frequentaram escola, segundo a idade que abandonou a escola pela última vez, por sexo, cor ou raça e Grandes Regiões – 2019..... | 35 |
| Quadro 3 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais, por raça ou cor e por grau de instrução, em 2010.....  | 43 |

## LISTAS DE SIGLAS

|          |  |
|----------|--|
| COMPOTMA | Conselho Municipal de povos tradicionais de Matriz Africana  |
| CMPIR    | Conselho Municipal de Promoção de Igualdade Racial   |
| LGBTQI+  | Movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. O seu nome demonstra: lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer, com um sinal “+” |
| IPEA     | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada   |
| IBGE     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  |
| INEP     | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira:  |
| SEDHU    | Secretaria de Direitos Humanos - São Leopoldo  |
| SINAPIR  | Sistema Nacional de Promoção de Igualdade Racial   |

## SUMARIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>8</b>   |
| <b>2 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS EA JUVENTUDE NEGRA .....</b>  | <b>16</b>  |
| 2.1 Identificações do problema .....  | 23         |
| 2.2 Construções das políticas afirmativas .....   | 26         |
| 2.3 A participação política da juventude.....   | 30         |
| 2.4 A comunidade e as políticas educacionais .....  | 32         |
| 2.5 A transformação política e cultural do bairro Feitoria e as ações sociais e a interações em São Leopoldo e no Bairro Feitoria ..... | 35         |
| <b>3 HISTÓRIA DO TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DA COLONIZAÇÃO .....</b>   | <b>40</b>  |
| 3.1 Movimentos negros e presença da juventude .....   | 46         |
| 3.2 O território a partir da vivências de suas lideranças suas percepções sobre educação e violência no aspecto da negritude.....       | 52         |
| <b>4 GENOCÍDIO DE JOVENS NEGROS NA PERIFERIA DO BAIRRO FEITORIA .....</b>   | <b>69</b>  |
| 4.1 Raça & cor em um processo de construção identitária .....   | 73         |
| 4.2 O processo de identidade da juventude negra no bairro Feitoria.....   | 83         |
| 4.3 Violência estrutural Racismo.....   | 87         |
| <b>5 INDICATIVOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS.....</b>   | <b>91</b>  |
| 5.1 Política da Promoção da Igualdade Racial .....  | 91         |
| 5.2 Gestão de políticas públicas, direitos humanos, igualdade racial, juventude .....   | 94         |
| 5.3 Saúde mental da população negra .....   | 96         |
| 5.4 Juventudes negras e seus desafios.....  | 99         |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>102</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>105</b> |
| <b>ANEXO A – DEPOIMENTO DE PROFESSOR DO CAIC DO BAIRRO FEITORIA</b>   | <b>109</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visou basicamente compreender a evasão escolar e sua relação com a violência e o extermínio da população negra do bairro **Feitoria**, bem como externar o quanto a falta de acesso determina quem morre e quem vive. Dados comprovam que no Brasil a população negra está morrendo indiscriminadamente, sobretudo, a sua juventude. Visibilizar este extermínio tem como meta fazer pensar no modus operandi do combate ao preconceito institucional, pois quando o Estado não dá a devolutiva necessária para salvaguardar a juventude negra, conseqüentemente é, também, um dos atores causadores das mortes dela.

Quando tratamos das relações estamos falando em “causa e consequência” e queremos dizer que a evasão escolar e as fragilidades socioeducacionais, podem ser consideradas tanto causas como consequências da violência e do extermínio da juventude negra. A nossa pesquisa quer não somente constatar que a evasão escolar e as fragilidades socioeducacionais são geradoras de violência e extermínio, mas também são produtos deles. A percepção deste complexo “emaranhado social” nos ajudará a mostrar a dificuldade na compreensão da significação social da evasão.

Neste sentido, acreditamos que a pesquisa se torna mais viável proporcionando maior aprofundamento, pela sua especificidade por se tratar de um recorte de estudo dentro de um contexto comunitário ao qual a própria pesquisadora pertence. Assim, nos colocamos, além de Sueli Angelita da Silva, a pesquisadora, como Sueli mulher, negra, periférica, moradora da comunidade do bairro Feitoria (São Leopoldo – RS) e mãe de um jovem negro.

Para fazer esta reconstrução da nossa trajetória, voltamos a nossa linha do tempo. A partir desta memória lembramos união da juventude trabalhadora nas lutas sociais para adquirirem os seus direitos, como, educação, transporte e lazer nas cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo. As lutas, as propostas e as organizações sempre foram focadas nas melhorias das escolas.

Neste sentido, podemos perceber as limitações estruturais da sociedade quando não há a sensação de pertencimento por parte dos jovens negros no sistema educacional e em decorrência ou concomitância nos bairros que a evasão escolar é maior, a violência se amplia cada vez mais na sociedade. Nossa pesquisa, neste sentido, se iniciou nas comunidades escolares, investigando formas para

minimizar o preconceito e o extermínio da cultura afrodescendente. Ou seja, como funciona na prática a aplicação da Lei Nº 10.639/03 e a temática da educação das relações étnico-raciais. Bem como compreendendo o que é feito para que este jovem permaneça nesta escola. Isto feito dentro de um recorte do eixo cultural afrodescendente, desta comunidade que é sobrevivente, do histórico de minha comunidade, na qual a biografia da pesquisadora se mistura com o bairro Feitoria.

A aniquilação das referências originárias da população negra, dessa comunidade, deixou somente a presença do imigrante, que chegou a São Leopoldo em 1824. A partir deste contexto, dá-se um verdadeiro apagamento cultural imposto que ignora o histórico da presença de africanos escravizados, que atuavam na Feitoria do Linho Cânhamo para a fabricação de cordas para navios negreiros. Na sequencia disto, apenas se destaca a construção da cidade, após a chegada dos imigrantes.

A partir daí o contexto histórico do legado da população negra desta comunidade da Feitoria possui certa invisibilidade da população negra de modo mais geral. Este cenário apresentado no recorte anterior se reflete em cadeia nacional. Ao longo da história, a contribuição socioeconômica da população negra do Brasil, feita com seu trabalho, antes, durante e após a escravidão, passa a ser negado historicamente pela sociedade. Dentro do contexto de São Leopoldo parece haver um apagamento da cultura negra uma verdadeira “usurpação cultural”, neste sentido, seguindo expressão usada por Follmann e Pinheiro (2011, p. 147):

Assim quando, através de um discurso ideológico, se aproxima o fato de São Leopoldo ser o “berço da colonização alemã” à ideia da origem histórica de São Leopoldo, esvaziando o significado histórico da Casa da Feitoria, está se evidenciando algo que poderia ser denominado de usurpação cultural.

Fica evidenciada, a partir das ideias dos autores, a forma como a história dos negros foi abafada no berço da colonização alemã. Passamos assim a visibilizar o contexto histórico de São Leopoldo, centrando no recorte do bairro Feitoria, onde se concentrou importante população afrodescendente nas origens históricas da cidade conforme comentam amplamente Follmann e Pinheiro (2011). Também nos fornece importante subsídio de reflexão o texto de Follmann (2012) no qual ele nos dá elementos para entendermos como se dão os processos de identidade e alienação, sofridos nesta comunidade. Este autor também contribui com sua análise em relação

ao resgate desta história, focada na identidade dos sujeitos negros moradores neste bairro. Neste sentido podemos nos perguntar. Como os negros conhecem e se reconhecem em sua identidade no bairro da Feitoria? Qual a identidade histórica que mais prevalece entre os jovens negros e sua história?

Deste modo, faz-se necessário revermos a história dos colonizados neste bairro e suas adjacências trazendo à tona o resgate do pertencimento e autoestima da juventude negra desta comunidade, que vive em uma fantasia da branquidade. Nesta condição pré-imposta socialmente, embora sejam negros e negras, em sua constituição, são por muitas vezes tomados pela ampla identidade branca, ou seja, não percebem o processo de uma identidade embranquecida normativamente, atuante no cotidiano da juventude negra. Em nossos estudos passamos a perceber o apagamento da memória dos afrodescendentes quando fomos levados pela força e superioridade dos brancos.

Nesta região, sobremaneira no município Leopoldense, os estudos apresentam destaque na população de cultura alemã, embora os alemães neste bairro signifiquem a minoria, e os negros parecem uma grande maioria. Isto é perceptível em tudo, desde as questões políticas. Pinheiro (2014) faz uma reflexão sobre esses conceitos destacando branquidade e branquitude. Para esta autora, “a ideia de branquidade como distinta de branquitude, está associada ao modo como se dá a reação à importância do conceito de raça como um conceito político” (PINHEIRO, 2014, p. 110). Branquidade simplesmente ignora o fato da existência do outro diferente e sua importância, enquanto branquitude respeita a existência o outro diferente.

Ao pensar os conceitos postos no cotidiano das realidades étnicas e culturais, podemos perceber o desconhecimento que ambos possuem de suas histórias que foram passadas por meio da oralidade. Em adjunto, com a escusa psicológica dos avanços tecnológicos, a juventude negra parece não ouvir mais os contos e as histórias de seus antepassados.

Entretanto, é necessário um olhar mais aprofundado a essa situação. A falta de conectividade ao passado tem também como motivo a política de branqueamento e a desconsideração desta população jovem quanto às suas ancestralidades. Para entender isto em nível do território da pesquisa, cabe dizer que a nossa pesquisa teve como objetivo trabalhar a partir de duas políticas públicas, a saber: segurança e educação. A hipótese que temos é que estas duas políticas se entrelaçam

profundamente quando nos referimos à falta de acesso (e permanência) na educação da juventude negra e o aumento da violência sofrida por esta mesma juventude. Temos indícios fortes, e a pesquisa o comprova, de que existe um aumento significativo de evasão escolar e paralelamente um aumento da violência contra a juventude negra. Torcemos que a pesquisa, como é nosso entendimento, possa ser de valia importante para as Ciências Sociais no processo de compreensão deste aspecto da realidade social das periferias de nossas cidades.

O nosso foco específico está em aprofundar o entendimento dos motivos que levam os jovens a evadir da escola, estando assim mais expostos à insegurança, sem uma supervisão adulta. A evasão e a conseqüente exposição à insegurança estão relacionadas com vários fatores. Destacamos dois, a saber: 1) Muitas vezes as escolas não estão preparadas para receber e dar atenção a este aluno dentro de suas necessidades. 2) Isto é reforçado pelo ambiente de ausência de supervisão adulta, vivido por esses jovens, por serem, em sua maioria, filhos de pais trabalhadores, que passam mais de 12 horas diariamente fora de casa.

A descrição desta situação, destacando-se, sobretudo, o problema do despreparo das escolas, e o aumento da drogadição no território, que é um agravante, com os dados levantados pela pesquisa, que poderá ser usada pelos órgãos públicos, ou seja, pelo Estado, para encontrar alternativas que minimizem essas situações.

A pesquisa tem um olhar do trabalho realizado no bairro por várias instituições e lideranças comunitárias, traçando um paralelo com os atendimentos realizados pelo Estado na área da educação e segurança pública. O fato de ouvir as lideranças e profissionais que atuam no bairro Feitoria fez com que conseguíssemos entender os mecanismos que levam a evasão escolar e, se o aumento da violência contra a juventude no bairro Feitoria pode estar relacionada com a evasão escolar.

Outro aspecto de grande valia nessa compreensão foi o fato de estarmos diretamente envolvida com o bairro sendo moradora do bairro e ter atuado como líder comunitária por muito tempo no bairro. Estar no território considerado violento onde muitos jovens ficam em situação de vulnerabilidade social ajuda na compreensão de como se dá esse processo que faz com que esses jovens sejam as maiores vítimas de violência. Nossa pesquisa quis entender este processo de violência para nossa hipótese entender causas e conseqüências que levam o extermínio da juventude negra. Percebendo que as políticas de segurança e educação públicas precisam de

melhorias para dar maior qualidade de vida a população periférica do bairro Feitoria na cidade de São Leopoldo.

A Metodologia utilizada na pesquisa foi subdividida em duas grandes etapas, ou seja, o referencial teórico desta proposta de pesquisa se organiza deste modo: 1) inicialmente efetuamos uma macro análise Quali-quantitativa de caráter nacional e estadual dos estudantes negros que concluem o ensino médio, bem como a porção referente aos estudantes que evadem o sistema escolar. 2) Após esta compreensão dos motivos primordiais para estes fatores de exclusão, em um segundo momento, realizamos uma microanálise também quali-quantitativa desta situação social, porém agora no recorte do bairro Feitoria, na cidade de São Leopoldo.

O índice de evasão escolar por parte da população negra e parda tem aumentado nos últimos anos. Apesar disto segundo alguns recentes dados alusivos ao panorama nacional, revela-se que houve o aumento da escolaridade da população negra. Entretanto, a evasão escolar permanece alta. Fundamentando dos dados mais recentes do IBGE, quando traçamos uma comparação com:

- ✓ O índice de violência aumentado;
- ✓ Os números referentes aos jovens que estão em idade escolar;
- ✓ O número de moradores nos bairros periféricos, mas ao mesmo; e
- ✓ Os números de jovens em situação de cárcere.

Compreendemos que uma das primeiras consequências notórias do processo de evasão escolar é sem dúvida a falta escolaridade. Com isto, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho formal aumenta a baixa estima dentre os jovens que não se sentem visibilizados, alguns acabando no crime.

Conhecida como uma forma mais rápida de conseguir ter os bens, a sociedade capitalista diz a eles o tempo todo o que devem ter. O início de uma vida criminal dá-se muitas vezes como forma para que possam se sentir aceitos e ter certo status dentro do território. Com isto, acabam virando até lideranças, e como em alguns casos, as facções acabam assumindo no território o papel do Estado, ajudando a comunidade nas suas demandas tais como distribuição de alimentos, ajuda na compra de gás, instalações de gatos na luz ou na água. Para esses jovens é importante estarem em cargos de destaque na facção criminal.

Analisando a relação entre a população negra e a baixa escolaridade e alta evasão escolar e suas consequências no bairro Feitoria, podemos compreender que a evasão escolar, motivada pela desigualdade social, faz com que os jovens

abandonem a escola e vão para o subemprego ou para tráfico, a fim de sustentar suas necessidades pessoais e familiares. Esta mesma evasão escolar também permite com que os jovens possam estar mais tempo expostos à violência. Sem a devida escolaridade, e com poucas condições para a conquista de um emprego, que possa sustentar com dignidade sua família, muitas vezes mesmo com todos os riscos expressos, estes jovens passam a ser aliciados pelo tráfico, fomentando ainda mais o índice de pessoas negras na marginalidade. Segundo Bento & Beghin (2005, p. 194):

Principais vítimas da violência urbana, alvos prediletos dos homicidas e dos excessos policiais, os jovens negros lideram o ranking dos que vivem em famílias consideradas pobres e dos que recebem os salários mais baixos do mercado. Eles encabeçam, também, a lista dos desempregados, dos analfabetos, dos que abandonam a escola antes de tempo e dos que têm maior defasagem escolar.

Em um ponto adicional, foi necessário elencar o preconceito territorial expresso pelo Estado, da parte dos seus agentes de segurança pública. Casos nos quais aquele jovem, que vive na favela ou periferia é e pré-julgado como marginal, nos revelam a falta de humanização nas abordagens policiais, gerando ainda mais violência e conseqüentemente alimentando os índices de mortes dos jovens negros de nosso país e sobre maneira no bairro Feitoria, onde estão centrados os nossos estudos.

Este projeto de pesquisa visou tentar entender como se dá o processo que leva a juventude negra para a violência quais aspetos socioculturais, que se originam o processo de extermínio da população negra. Através do apagamento histórico a falta de acesso a política pública preconceito e invisibilidade e desigualdades sociais que conduzem a população negra para o eixo de vulnerabilidade social, aumentando assim o índice de mortalidade

Após fazer nossa explanação dos vários motivos que nos levaram a pesquisar a juventude negra do bairro feitoria nosso entendo a necessidade dos dados estáticos bem como os autores que desrelvem temas que nos fizeram entender os caminhos que levam ao extermínio da juventude.

No segundo capítulo – Educação das Relações Étnico Raciais e a Juventude Negra – visa entender a importância da educação das relações étnico racial para juventude negra trabalhamos o processo de discriminação sofrida pela população

negra no espaço escola e o fato dos juvenis não se sentir pertencentes a este espaço trabalhamos a importância da escola inclusiva para diminuir a evasão escolar.

Em seguida buscamos a Identificação do problema que saber onde estava o jovem negro porque ele evadia a escola e se isto poderia ser um fator para leva-lo a violência. A partir desta percepção buscamos nos ater nas Construções da política afirmativa acreditando ser um caminho para diminuir exclusão do jovem negro nos espaços educacionais. Entendo que um dos caminhos traçados foi o processo de participação deles na política suas intervenções no contexto históricos político. Buscamos entender como se dá o acesso da juventude nas escolas do bairro através de dados estáticos do IBGE e do censo escolar para como a comunidade está nas políticas educacionais. A transformação política e cultural do bairro Feitoria e as ações sociais e a interações no bairro Feitoria. Buscamos por meio da linha do tempo trazer a trajetória da população negra no bairro evidenciando um processo rico da cultura afro dentro deste bairro.

No terceiro capítulo trabalhamos a História do território da feitoria na perspectiva da colonização, trazendo o aspecto político do apagamento da história do sujeito negro nesta região. Buscamos perceber a importância do sujeito negro no aspecto cultural político e econômico para o crescimento desta região e deste estado. Em seguida buscamos conhecer os movimentos negros e presença da juventude e percebemos o quanto através da cultura a juventude tem reafirmado sua identidade. Fizemos uma imersão dentro do território a partir da vivências de suas lideranças suas percepções sobre educação e violência no aspecto da negritude. E nos damos conta o quanto é rica os saberes locais.

No quarto capítulo trabalhamos com o Genocídio da população negra, por meio de dados estatísticos, bem como autores que discorrem sobre este tema. Traçamos um paralelo do Brasil (Rio grande do Sul, vale dos Sinos e São Leopoldo) para chegarmos à Feitoria território pesquisado. Entendendo a importância do processo identitário do sujeito negro no Brasil fomos trabalhar o conceito Raça & cor em um processo de construção identitária, e em seguida, com um recorte específico trabalhamos o processo de identidade da juventude negra no bairro Feitoria. Percendo que o processo de identidade e alienação do jovem negro perpassa pela violência do racismo que ele sofre identificamos a necessidade de trazer para pesquisa a Violência e o racismo estrutural.

No quinto capítulo com indicativos para políticas públicas e gestão de políticas públicas, iniciamos falando da importância das políticas públicas direitos humanos, igualdade racial, na cidade de São Leopoldo trazendo os avanços e desafios destas políticas em uma cidade de colonização alemã. Em seguida buscamos trabalhar acerca da juventude e a saúde mental da população negra, diante deste processo de violência que eles vêm sofrendo, bem como isto afeta o seu emocional. Como último tema, percebemos a necessidade de pensar para frente e pensar nas Juventudes negras e seus desafios. E em nossas considerações finais voltamos ao início retomando quais caminhos foram traçados para realizar a nossa pesquisa, e quais alternativas encontramos para minimizar uma das maiores causas da desigualdade social que leva a evasão escolar e a violência da juventude negra do bairro Feitoria.

## 2 EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS EA JUVENTUDE NEGRA

Quando falamos de educação, um termo plural e amplamente difundido é necessário entendermos sobre qual educação se quer trabalhar. Quando, no contexto escolar não se aborda a cultura afro-brasileira e indígena fazendo com que ao longo do processo educacional os alunos desconheçam sua cultura, certamente estamos diante de um processo deficiente e enganador de educação.

Em alguns dos múltiplos exemplos possíveis destacamos o estudo quanto à importância da população africana que foi escravizada no Brasil; O desconhecimento dos debates acerca de “raça biológica” e “raça social”, que os levariam a entender o processo histórico e consequencial das populações afro-brasileiras e indígenas; E os amplos debates relacionados ao uso de terminologias como de “branquidade” e “branquitude” ou a política de embraqueamento e ainda o quanto ao “mito da democracia racial”, nos auxiliariam a reconhecer em seu dia-a-dia, as práticas de racismo e a complexidade, nas quais uma etnia se sobrepõe a outra, mesmo e um país tão miscigenado como o nosso.

Todas as possibilidades acima, quando não expostas dentro do ambiente educacional, fazem com que todos percam a noção de diversidade, percam a percepção de que todas as culturas são importantes. Um país para ser uma grande nação em sua essência tem o dever de conhecer sua história. Indagamos em meio a pesquisa como um ato de provocação cultural: Quem são os africanos que vieram para o Brasil? Qual sua contribuição para o crescimento deste país. Quais conhecimentos eles trouxeram.

Ao pensarmos na história do estado do Rio Grande do Sul, que teve como sua maior riqueza o charque, indagamos novamente: O que é sabido quanto aos conhecimentos trazidos pela população africana sediada no Estado, e que desenvolveram a preparação do charque, transformando o Estado no maior exportador desta matéria prima?

No Estado do Rio Grande do Sul, certamente não foi diferente do que aconteceu em todo país. Sabe-se inclusive de alguns agravantes, devido ao preconceito presente neste Estado, de que no Estado a escravidão teria sido mais branda. O que é um terrível equívoco quando hoje se sabe dos relatos do que realmente aconteceu de verdade nas charqueadas.

No Brasil, em geral, segundo o autor Hasenbalg (1979, *apud* SANTOS, 2005, p. 21), a abolição da escravatura não trouxe reconhecimento posterior pela contribuição da população africana e afro-brasileira. Muito pelo contrário:

A abolição da escravatura no Brasil não livrou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros (que já eram livres antes mesmo da abolição em 13 de maio de 1888) da discriminação racial e das consequências nefastas desta, como a exclusão social e a miséria. A discriminação racial que estava subsumida na escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros. Mais do que isso, ela passou a ser um dos determinantes do destino social, econômico, político e cultural dos afro-brasileiros.

Em adição, conseqüentemente após a ignorância na transmissão de saberes, as instituições escolares do Brasil infeliz e somente colaboram com a perpetuação do racismo, quando os jovens sofrem preconceito na escola e os professores banalizam os atos e as ofensas, aumentando os conflitos, diminuindo a sensação de pertencimento e aumentando assim, a evasão escolar. Cavalheiro (2005, p. 13) nos relata que:

Afora isso, há outros fatores que, outrossim, favorecem a interiorização/cristalização de ideias preconceituosas e atitudes discriminatórias contra os (as) alunos (as) negros (as). Dissimulações, apelidos, xingamentos, ironias consolidam a perpetuação de preconceitos e discriminações raciais latentes. Situações nas quais estudantes negros (as) são tratados (as) por seus colegas e/ou professores (as) com termos preconceituosos e discriminatórios sinalizam a reiterada prática de investida contra a humanidade dos primeiros, em uma tentativa de transformá-los em animais irracionais ou coisas, não sujeitos sociais: “urubu”, “macaco”, “picolé de asfalto”, “a coisa está preta”, “humor negro”, “carvãozinho”, “filhote de cruz-credo”, etc.

Se fosse implementada como foi planejada, a Lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade do estudo da cultura afro-brasileira e africana poderia ter impactado na diminuição do racismo evidenciado nas escolas. Hoje, 17 anos após sua sanção, sabemos que as escolas não aplicam como deveria. O Ministério da Educação (MEC), quando da sua implementação, fez vários cursos de qualificações para os professores aplicarem a lei, produzindo também diversos materiais pedagógicos. Poucos são os frutos efetivamente notáveis, ao menos dentro do contexto da nossa pesquisa.

É reconhecido que, a partir do momento em que o sujeito negro não se enxerga dentro do contexto de suas vivências, o processo de exclusão torna-se determinante para suas ações sociais. Uma análise do cenário de evasão de

estudantes negros é o ponto de partida para que seja revista a forma como a escola recebe estes jovens, bem como a abordagem das questões sociais referentes ao preconceito e segregação racial.

Em fator consequencial a evasão escolar, este estudo ao longo de seu desenvolvimento também problematiza a relação de violência que acomete a população negra.

Ao partirmos da percepção de quem vive na comunidade, o nível alarmante do índice de evasão escolar dos jovens negros, é percebido com temor e vergonha. Esse segundo sentimento é oriundo da noção por parte desta população em relação à necessidade da permanência escolar em contraponto com as carências externas, tais como a subsistência familiar provida por muitos dos estudantes, muitas vezes arrimos de suas famílias. Em muitos casos é notável a carência alimentar e nutricional somada ou até mesmo as múltiplas carências de substratos alimentícios que possam proporcionar a esta criança e (ou) jovem uma maior concentração e rendimento escolar.

Em um terceiro momento do sentimento de vergonha está a consequência do abandono escolar: Muitos pais, mães e responsáveis acabam por não conseguir possibilitar um suporte educacional adequado por suas próprias limitações de conhecimento. É sabido que esse processo é sem dúvida de origem sócio-histórica.

Em uma análise na linha do tempo de nossa população, após a suposta abolição da escravatura, a população negra foi abandonada à própria sorte. Esta situação ocasionou o elevado índice de desigualdade, deixando a população negra em condição de ex-escravizada, sem direitos adequados à sua própria cultura e cidadania.

Partindo do contexto da evasão escolar da população negra no Brasil, podemos analisar os dados do IBGE, divulgada em 6 de setembro de 2019, com relação a 2018. De acordo com estes dados, enquanto o índice de evasão escolar chega a ser de 44,2% entre os homens, um recorte de gênero e raça revela ainda que sobre as mulheres negras, da mesma faixa etária, o abandono escolar é uma realidade para 33% das jovens, conforme o quadro 1.

### Quadro 1- índices do IBGE relacionados à evasão escolar, por cor e etnia

| Taxa líquida de matrícula de jovens entre 15 e 17 –<br>RAÇA/COR POR QUARTIL DE RENDA |              |              |              |              |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|
|  | Quartil 1    | Quartil 2    | Quartil 3    | Quartil 4    |
| TOTAL  | 57.3%        | 71.4%        | 80.3%        | 91.1%        |
| <b>Branços</b>   | <b>63.9%</b> | <b>75.6%</b> | <b>82.2%</b> | <b>91.9%</b> |
| <b>Pretos</b>  | <b>56.7%</b> | <b>67.5%</b> | <b>69.4%</b> | <b>86.2%</b> |
| Pardos   | 54.8%        | 68.8%        | 79.5%        | 89.5%        |

*\*A taxa líquida de matrícula corresponde ao número de jovens que frequentam a escola na etapa escolar adequada a sua idade.*

Fonte: IBGE (2019)

No caminho conturbado da desigualdade racial na Educação Brasileira, enquanto 76% dos jovens brancos entre 15 e 17 anos estão matriculados no Ensino Médio, esse número cai para 62% entre a população preta - uma diferença de 14 pontos percentuais.

O índice de evasão escolar dos jovens negros é alarmante, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD, 2019). A pesquisa divulgou pela primeira vez dados sobre abandono escolar. Neste sentido aponta que das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos. Esse índice, quando presente em comunidades nas quais o índice da população negra é maior, está visivelmente expresso na ausência destas crianças e adolescentes na vivência escolar.

Por consequência, a baixa escolarização da população negra leva à procura por empregos considerados “inferiores”, tais como faxina, jardinagem, carregamento, construção e cozinha, espaços estes que carregam ainda mais os estigmas de invisibilidade, por causa da baixa escolaridade.

O acesso à qualidade de vida melhor passa por uma educação de qualidade garantindo o acesso à cidadania lembrando o dever do Estado, segundo o artigo 3º da constituição:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil no inciso III e IV  
 III - Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;  
 IV - Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação

Entretanto, quando um dos nossos marcos regulatórios máximos “a Constituição de 1988” diz isto, é necessário ponderarmos sobre que sociedade realmente temos. Dentro do que fora analisado e trazido até esse momento, podemos compreender que a sociedade atual somente garante os direitos a uma parcela de pessoas privilegiadas, que ao longo dos anos vem se beneficiando em detrimento das outras e da maior parcela da população que têm acesso a nada ou quase nada.

Com a percepção inferida anteriormente, esta pesquisa intencionou revelar didaticamente os passos sociais, que fazem chegar ao genocídio da população negra, em específico, dos jovens negros. Conforme observamos anteriormente, o índice populacional negro relativo à evasão tende a ser bem maior que o índice populacional branco apresentado. Assim, ao conduzirmos de modo argumentativo sobre a perspectiva escolar, podemos compreender que esta instituição não está preparada para receber esses jovens, e sincronicamente, que à cultura dos mesmos não é valorizada no currículo escolar.

A partir dos marcos regulatórios a lei 10.639/03 e 11.645/08 que trazem a importância de trabalhar a história e cultura africana, afro-brasileira e a história e cultura indígena nas escolas, e a sua efetivação na prática, são possibilitadas melhores condições para um maior conhecimento dessas realidades invisibilizadas e uma maior visibilidade dos próprios sujeitos dentro dessa história e cultura.

Ou seja, o processo socioeducacional, além de dar visibilidade à história e cultura desta população, vai fazer com que eles se reconheçam na história de nosso país, sua participação na construção cultural, sociopolítica e socioeconômica para o seu desenvolvimento.

Nossa pesquisa parte da perspectiva da escola como caminho para se minimizar o preconceito o extermínio cultural. O objetivo da pesquisa, é reiterado quando através dos dados compilados, é necessário ver que a solução é de fornecer a este jovem o que o Estado e a sociedade têm por obrigação de dar a ele: O direito de ter um futuro.

Cavalleiro (2005) ao comentar sobre a existência dos preconceitos e de discriminação ressalta a importância do reconhecimento da dignidade das crianças e da juventude negra. Segundo a autora.

Não há como negar que o preconceito e a discriminação raciais constituem um problema de grande monta para a criança negra, visto que essa sofre direta e cotidianamente maus tratos, agressões e injustiças, os quais afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento intelectual. A escola e seus agentes, os profissionais da educação em geral, têm demonstrado omissão quanto ao dever de respeitar a diversidade racial e reconhecer com dignidade as crianças e a juventude negra. (CAVALLEIRO, 2005 p. 12).

Assim, a construção de uma escola inclusiva, e que respeite a diversidade não se faz somente “necessária”, mas sim “urgente” para que a juventude negra tenha um futuro, e com isto sejamos de fato uma nação com equidade justiça. O crescimento social perpassa por uma sociedade que acima de tudo se preocupa com a educação.

Entretanto, quando somente uma parcela desta sociedade usufrui e evolui desta mesma educação, esta sociedade não pode ser considerada plena no seu crescimento. Em conclusão prévia a esta unidade temática e falando da evasão escolar da população negra no Brasil O levantamento é do Todos Pela Educação, com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) revelam que:

Com relação a 2018, enquanto o índice de evasão escolar chega a ser de 44,2% entre os homens, um recorte de gênero e raça revela ainda que sobre as mulheres negras, da mesma faixa etária, o abandono escolar é uma realidade para 33% das jovens. (...) enquanto 76% dos jovens brancos entre 15 e 17 anos estão matriculados no Ensino Médio, esse número cai para 62% entre a população preta - uma diferença de 14 pontos percentuais.

Neste sentido podemos perceber que esta população que por diversos motivos abandona a escola contribui para aumentar a desigualdade social porque sem conseguir concluir os estudos fica mais difícil acessar o mercado de trabalho executando trabalhos cujo salário é inferior. É que alguns acabam retornando aos estudos após alguns anos para melhorar seu salário e sua condição profissional, mas isto deve ser considerado ainda um dado quase irrelevante.

É necessário entendermos qual é a educação que queremos trabalhar. Nós pensamos em uma educação, que seja plural e que respeite a diversidade. Não pensamos um contexto escolar no qual não se aborda a cultura afro-brasileira e indígena. Este é um contexto que faz com que ao longo do processo educacional os alunos negros e indígena não se sintam representados. É um contexto que faz com

estejamos evidentemente trilhando um caminho de reprodução de uma sociedade branca elitista. Pensamos em um contexto novo e que seja inclusivo.

Se fosse implementada como foi planejada, a Lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade do estudo da história e cultura africana e afro-brasileira, poderia ajudar diminuir a crueldade do racismo evidenciado nas escolas. Hoje, 17 anos após sua sanção, sabemos que as escolas não aplicam como deveria. O Ministério da Educação (MEC), quando da sua implementação, fez vários cursos de qualificações para os professores aplicarem a lei, produzindo também diversos materiais pedagógicos.

É reconhecido que, a partir do momento em que o sujeito negro não se enxerga dentro do contexto de suas vivências, o processo de exclusão torna-se determinante para suas ações sociais. Uma análise do cenário de evasão de estudantes negros é o ponto de partida para que seja revista a forma como a escola recebe estes jovens, bem como a abordagem das questões sociais referentes ao preconceito e segregação racial. Como fator relacionado à evasão escolar, este estudo, ao longo de seu desenvolvimento, problematiza, também, a violência que se acomete sobre a população negra.

Ao partirmos da percepção de quem vive na comunidade, o nível alarmante do índice de evasão escolar dos jovens negros, é percebido com temor e vergonha. Esse segundo sentimento é oriundo da noção por parte desta população em relação a necessidade da permanência escolar em contraponto com as carências externas, tais como a subsistência familiar provida por muitos dos estudantes, muitas vezes arrimos de suas famílias, ou até mesmo as múltiplas carências de valores nutricionais que possam proporcionar a esta criança e (ou) jovem uma maior concentração e rendimento escolar.

Em um terceiro momento do sentimento de vergonha está a consequência do abandono escolar: Muitos pais, mães e responsáveis acabam por não conseguir possibilitar um suporte educacional adequado por suas próprias limitações de conhecimento. É sabido que esse processo é sem dúvida de origem sócio-histórica.

Em uma análise na linha do tempo de nossa população, após a suposta abolição da escravatura, a população negra foi abandonada a própria sorte. Esta situação ocasionou o elevado índice de desigualdade, deixando a população negra escravizada sem nenhum direito a sua própria cultura e cidadania.

## 2.1 Identificações do problema

Através da linha do tempo do país, mais especificamente na abolição da escravidão, o Brasil era um país agrícola. Com a chegada dos imigrantes europeus para substituir os africanos e afrodescendentes escravizados, estes povos sem espaço de trabalho nem direito a terra, migraram para os grandes centros na perspectiva de subsistência. Nos arredores do município em que se localiza a presente pesquisa, temos o exemplo de alguns quilombos: quilombo do macaco branco (na periferia do atual município de Portão), quilombo da Lomba Grande (entre São Leopoldo e Novo Hamburgo), etc.

Alguns migraram para as cidades de Taquara e novo Hamburgo em um bairro agrícola na Lomba Grande. Segundo alguns moradores mais antigos do bairro ficaram no bairro remanescente de quilombolas e suas terras foram cedidas para uma família de italianos. Neste sentido, a exemplo do que se deu em geral no Brasil como um todo, eram localidades quase sempre bem afastadas dos grandes centros. Assim por se considerar a permanência desta população como algo que feria a estética dos centros urbanos. Na nova República, iniciaram-se, em geral, as ocupações dos espaços considerados irregulares para habitação ou longe das habitações da sociedade considerada como a “elite” da época. É o que continua acontecendo até nossos dias em todas as cidades.

Nesses espaços considerados irregulares o Estado não chegava. Lá não havia saneamento básico, iluminação, acesso a saúde, educação. Era o local aonde a polícia só chegava quando estes moradores de alguma forma atingiam as pessoas consideradas “elites” em um processo de “crime e castigo”, parafraseando Paulo Freire. Neste caso a polícia chegava a esses locais para prender aqueles que estavam à margem da sociedade. Assim, nascia a nomenclatura pejorativa: “marginais”.

Estes espaços aos poucos foram ainda mais ocupados. Além da população negra, os brancos empobrecidos, que coabitavam os espaços periféricos, passaram a ser considerados da mesma forma estigmatizados. Diante deste diagnóstico, algumas das estatísticas apresentadas nos revelam que os públicos centrais dos epicentros de extermínio das populações de vulnerabilidades sociais. Recebem, por via de um senso comum da população em geral, uma imagem deturpada, negativa

ou um estigma sócio identitário no que tange à juventude, sobretudo a juventude negra.

Conseqüentemente, esta linha tênue, nos possibilita entender que os jovens são exterminados por situações de violência ou marginalidade social de várias formas. Sendo assim, esta pesquisa nos propõe uma indagação: Por que a população afrodescendente principalmente os jovens são exterminados? Deste modo, nos parece que os jovens brancos ficam mais protegidos, devido a sua pele branca, ou não são marcados, por causa da cor de sua pele, vistos como brancos. Gomes e Laborne (2005) discutem a relação da juventude negra com violência, temos o comentário em destaque sobre o racismo: num texto que discute a relação com da juventude negra com a violência, resumem o seu texto colocando em destaque a questão do racismo.

Mesmo com o posicionamento de organismos internacionais, as ações em nível do Estado, no Brasil, ainda são tímidas. Tem sido muito mais enfática a consciência social e política, a publicização dos dados sobre violência e vulnerabilidade com recorte raça/cor por órgãos e institutos de pesquisa e a denúncia dos mais diversos movimentos e ações coletivas da juventude negra. Estes últimos podem ser visualizados pela leitura das páginas no Facebook e canais do Youtube protagonizados por jovens negros e negras contendo as suas próprias análises e declarações, a fim de informar e esclarecer a juventude e população em geral sobre a agravante situação de violência. (GOMES; LABORNE, 2005, p. 10)

Assumimos integralmente a abordagem destas autoras como argumento de referência para a nossa pesquisa. Nesse sentido, a partir desse entendimento, é possível comprovar, através de nossa pesquisa o argumento dessas grandes pesquisadoras. Quando as autoras falam do protagonismo da juventude nas denúncias, remetem para o tratamento diferenciado de quem vive nas periferias. É o caso, neste sentido, da nossa pesquisa na qual se procurou saber, se a juventude do bairro Feitoria está vivendo o mesmo contexto que as autoras trazem à luz, ao referir o que acontece na maioria das periferias.

Entretanto, em uma comparação temporal, a população jovem e negra possui acesso a comunicação e suas redes sociais de alta e instantânea divulgação. Mesmo em um prospecto sociocultural no qual a inserção tecnológica não contempla a todos, por exemplo, em âmbito educacional, ainda sim, suas denúncias podem chegar aos órgãos internacionais de direitos humanos. E repercutirem nas mídias

digitais, alertando a grande massa quanto às ações de violência policial. Com o advento da internet não existe crime não denunciado.

Parece-nos uma problemática no sentido do que acontece após o ato da denúncia existe um descaso por parte do Estado. No que se refere ao processo de análise investigação e abordagem quando abarcados a demanda da população negra. Isto se dá pelo fator sócio-histórico e hegemônico no qual a população negra é considerada como “cidadão de segunda classe”. Neste sentido, a ausência de responsabilidade do Estado é elemento consequencial para o extermínio da juventude negra.

Dentro ainda da esfera da abordagem policial, amplamente discutida em unidades futuras desta pesquisa, podemos citar aqui a prática comumente conhecida como “carteiraço”. O processo caracterizado pela autoimposição de poder, por influência de contatos superiores, que destituíram a ação das autoridades – civil e militar – em sua fiscalização, é fruto da alienação social considerada institucionalmente branca constituído por uma provável sensação de superioridade racial. Essa tende a produzir consequentemente uma falsa impressão de que, por ser superior merece ter melhor condição e mais acesso a benesse do Estado, como se a população negra não pagasse imposto assim como ela. Assim segundo Pinheiro (2014, p. 27):

No mundo da violência simbólica, as próprias estatísticas, repetidas com muita voracidade nos meios de comunicação, acabam reforçando preconceitos e discriminações. Até esse momento, ainda não achamos um ponto mais focado para se falar em dados estatísticos, dos órgãos responsáveis pelos dados numéricos que estão sempre na mídia e na sociedade como um todo, mostrando os índices de rebaixamentos da população afrodescendentes em todos os níveis como: escolas, ensino superior, mercado de trabalho, participação nos grupos de pensadores e formadores de opinião.

Não obstante, com este viés de pensamento da autora, é possível acreditar que uma sociedade só será justa igualitária, se todos os cidadãos tiverem os mesmos direitos e acessos a tudo que o Estado deve proporcionar a ele, indiferente da questão Étnico racial socioeconômica ou sócio territorial.

A pesquisa teve em como perspectiva analisar o genocídio da população negra e as causas e consequências destas violências. Referimos o conceito de identidade e alienação de Follmann (2001) que nos ajuda a perceber o processo de alienação da juventude negra no bairro Feitoria, a sua realidade enquanto sujeito

negro e a sua percepção do racismo estrutural no espaço educacional e no seu território. A nossa caminhada com a pesquisa revisitou estudos já realizados dentro da temática. São destacáveis os exemplos daquilo que já foi pesquisado ou aprofundado pelo movimento negro e a educação, como refere Gonçalves e Silva (2005).

Como já apontado anteriormente, a pesquisa também visitou o conceito branquidade e branquitude estudada por Pinheiro (2014) para entender o processo de identidades embranquecidas nesta região até os dias hoje. Fizemos um diagnóstico para entender o processo de construção da cidade de São Leopoldo e do apagamento histórico da contribuição da população negra nesta cidade. E o que isto contribui para a baixa autoestima da população negra.

A trajetória da pesquisa deu-se através da aproximação do conhecimento sobre a problemática da juventude negra no bairro, além de dialogar com lideranças negras que contribuem com a elevação da autoestima da juventude negra através do exemplo e das ações sociais e culturais

Foi utilizado o método etnográfico, além de uma busca ampla por aprofundamento nas literaturas que pesquisam a violência e o racismo contra a população negra. Neste sentido, tivemos como base para o início da pesquisa, Bento (2005), Munanga (2003), Gomes (2005), Santos (2005), Cavalleiro (2005), Gonçalves e Silva (2005), bem como visita a pesquisas estatísticas, que nos mostraram os reais índices de violência, conforme IBGE (2019), bem como o mapa da violência, IDH, e IDEP para falar da evasão escolar, com dados mais voltados para as bases de nosso foco e caminho da pesquisa. Foi feita uma análise da evasão escolar com o objetivo de entender o porquê dos jovens, sobretudo, jovens negros, evadem do meio escolar. Tivemos como foco central a pergunta sobre como a evasão escolar contribui com a violência que acomete a população negra.

## **2.2 Construções das políticas afirmativas**

No contexto histórico das políticas afirmativas podemos destacar a luta para que a população negra tivesse acesso ao mercado de trabalho, à educação e ao atendimento específico na saúde pública. Foram, neste sentido, grandes as demandas do movimento negro ao longo dos anos. Para que acontecesse o reconhecimento da cultura afro para o desenvolvimento do Brasil foram longos anos

de luta, cujos principais resultados só se mostraram com a lei 10.639/03 em 2003. Foram séculos de não reconhecimento da importância do negro para a cultura deste país. Finalmente entre 2003 e 2012 deram-se importantes passos, com lei 10.639 de 2003, a lei 11.645 de 2008 e a lei 12.711 de 2012.

Sancionada em 2012, a Lei 12.711 prevê a reserva de 50% das vagas das universidades e institutos federais de Ensino Superior a estudantes de escolas públicas. Dentro dessa reserva, estipula regras para destinar vagas a alunos de baixa renda, pretos, pardos, indígenas e com deficiência.

Esta lei que abrange os negros pardos e indígenas e os alunos de baixa renda obteve uma grande repercussão por parte da academia. Alguns estudiosos alegavam que estes estudantes iriam diminuir o grau de excelência das Universidades porque não estariam qualificados para aquele ambiente. De acordo com alguns desses intelectuais, esses alunos não dariam conta de permanecer, devido a suas deficiências intelectuais. Estas afirmações são confrontadas por evidências contrárias. Quando buscamos verificar os índices de avanços dos alunos cotistas dentro das universidades segundo pesquisa realizada, o quadro é muito revelador:

Participaram 247 alunos (71 cotistas e 176 da ampla concorrência), ingressantes no primeiro semestre de 2013, pertencentes a seis cursos: Medicina, Nutrição, Engenharia Civil, Engenharia de Computação, Direito e Serviço Social. Dentre os principais resultados, destacamos: a maioria dos estudantes cotistas, embora tenha uma nota menor na pontuação do ENEM ao ingressar, tem desempenho acadêmico similar ao dos estudantes da ampla concorrência. Diversos resultados encontrados, de maneira geral, estão nesse mesmo sentido. Por exemplo: na amostra como um todo, ao compararmos a reprovação e a proporção de evasão de estudantes cotistas e de ampla concorrência, não encontramos diferença estatisticamente significativa. A política de cotas tem colaborado para o acesso de uma parcela significativa de estudantes de camadas populares no Ensino Superior, sobretudo nos cursos de maior prestígio. (PENA, COSTA MATOS, COUTRIM, 2020, p. 33).

Diante da afirmação dos autores podemos destacar de que não oportunizar que estes sujeitos entrem na universidade melhora a sua vida bem como acrescenta de forma positiva na universidade acadêmica apesar de alguns pesquisadores alegarem de que a Universidade iria decair com a sua entrada isto não se confirmou e o espaço acadêmico ficou mais rico com esta diversidade. Segundo Cristina Charão (2016):

Dione Moura conta que a implantação do sistema se deu em meio a muitas resistências e sob críticas de que a política de ação afirmativa poderia criar um conflito racial inexistente no país ou diminuir a qualidade da universidade. À época relatora do projeto, a professora do Departamento de

Comunicação da Sabemos das dificuldades da permanência do acadêmico cotista dentro da academia e neste sentido se faz necessário construir políticas afirmativas de permanência deste dentro da academia. A ideia construída de que este sujeito não tem mérito para estar neste espaço traz para ele vários conflitos e a universidade se torna um espaço inabitável cruel sobretudo para o cotista negro que além da questão socioeconômica sofre do preconceito.

Por diversas vezes o cotista se sente levado a evadir por não se sentir integrado no ambiente universitário. Neste sentido que vários grupos de estudantes têm se reunido para se fortalecer porque no coletivo fica mais fácil enfrentar o racismo. Cultivar políticas afirmativas de permanência é um dos caminhos que poderia colaborar com este sujeito. Neste sentido os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – Neabis, têm sido espaços de reforço e auxílio deste acadêmico onde ele tem liberdade para debater temas de reflexão sobre o racismo estrutural. Os Neabis podem ser considerados políticas afirmativas porque têm potencialidade de interferir diretamente no PDI da universidade trazendo não só o tema, mas também o sujeito para visibilidade.

Mas quando falamos de políticas afirmativas não podemos falar somente na área na educação. Se fazem necessários, também, a atenção à saúde e o acesso ao mercado de trabalho e demais âmbitos da vida social. Sabemos que houve grandes ganhos no que tange um olhar de equidade para um processo considerado universal, em muitos sentidos, especialmente no campo da saúde no Brasil. A saúde tem como máxima que devemos atender a todos de forma universal, mas existem situações que precisaram ser esclarecidas segundo a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (2018):

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) é uma resposta do Ministério da Saúde às desigualdades em saúde que acometem esta população e o reconhecimento de que as suas condições de vida resultam de injustos processos sociais, culturais e econômicos presentes na história do País.

Neste sentido, por exemplo, a construção dos comitês técnicos da saúde da população negra, foi muito importante. A criação dos comitês técnicos estaduais e municipais da saúde da população negra contribuem para uma atuação mais local para fortalecer o atendimento preservando a equidade dos atendimentos a população negra. Não podemos, no entanto, nos furtar de relatar que os atendimentos à população negra na saúde muitas vezes são muito limitados,

enquanto verdadeira política da saúde das populações negras, pois são recorrentes os exemplos de violência obstétrica e outros. São conhecidas situações que evidenciam que as mulheres negras sobretudo as jovens negras são as maiores vítimas de violências. Em reportagem de Hara Flaeschen (2020) para a ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), a abrasquiana Maria do Carmo Leal, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, relata que:

“Mulheres pretas têm quadris mais largos e, por isso, são parideiras por excelência”, “negras são fortes e mais resistentes à dor”. Percepções falsas como essas, sem base científica, foram ouvidas em salas de maternidades brasileiras e chamaram atenção da pesquisadora Maria do Carmo Leal, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). (FLAESCHEN, 2020)

Leal em sua pesquisa realizada em 2011 e 2012 e retomada 2017 nos traz dados relevantes que nós levamos para a importância da saúde da população negra. Essas ações assim relatadas, em nosso entender são ações que deveriam ser consideradas criminosas. Para que aconteçam verdadeiras políticas de saúde da população negra este horizonte criminosamente preconceituoso deve ser explicitado para que se possa pensar de forma afirmativa na política pública.

Em um artigo publicado no 12º Congresso da Saúde Coletiva (2018) os pesquisadores Diana Anunciação Santos; Leny Alves Bonfim Trad, Tiago Ferreira da Silva; João Miguel Diógenes de Araújo Lima está explicitado que quando falamos de política de segurança pública as políticas afirmativas de fato não acontecem. Ao contrário, a segurança pública tem agido de forma extremamente racista, sendo a população negra o conjunto das maiores vítimas de abordagem policial violenta. O índice de mortes ou prisões arbitrárias é grande segundo o que está expresso no artigo:

Ser jovem negro(a) não se traduziu apenas numa fase geracional, mas em reconhecimento identitário e espacial. Os relatos, nas três capitais, referem-se as experiências em torno do racismo, da violência e das vulnerabilidades, definindo-os como criminosos ou potenciais infratores. Todos os interlocutores já haviam sido abordados, e a maioria passava por esta experiência quase cotidianamente. Para eles, a abordagem é um dispositivo de controle social, confinando-os nos “espaços de suspeição”. Identificaram também a presença do racismo na prática dos policiais – produto da sociedade racista, excludente e discriminatória – mas não houve uma associação direta à instituição.

Como falado pelos autores o racismo é uma constante nas abordagens policiais não por falta de encaminhamento dos movimentos negros que vem

solicitando uma abordagem policial humanizada sem esta construção do senso comum de que todo sujeito negro é suspeito até que se prove o contrário.

Quando falamos políticas afirmativas de acesso ao mercado de trabalho se manifesta o mesmo. Por exemplo, processos de contratação por parte das empresas ainda trazem o resquício do racismo em uma disputa de vaga de um sujeito branco com um sujeito negro. Mesmo que ambos tenham o mesmo currículo o sujeito branco tende a ganhar a vaga.

Não é desconhecido que no meio das relações de trabalho, dentro do mercado de trabalho, vêm acontecendo algumas mudanças, mas essas ainda são muito incipientes se observarmos os índices das pessoas desempregadas, comparando a origem Étnicoracial. Com certeza as pessoas que mais têm maior dificuldade de voltar aos mercados de trabalho são da população negra, seja isto por falta de qualificação seja por falta de grau de instrução, ou seja, por aquilo que já são consequências da discriminação e do preconceito.

No setor público em algumas cidades ou estados existe o sistema de cotas nos concursos públicos, mas ainda em processo muito embrionário. Neste sentido quando falamos de políticas afirmativas precisamos aprofundar o tema em um país onde uma parcela da população negra, que é estatisticamente maioria, é alijada do acesso a uma mínima condição de disputar de forma igual a uma melhor qualidade de vida. Sendo esta população, a que predominantemente construiu este país enfrentando uma situação de escravidão e exclusão ao longo dos séculos. Uma população que nem depois da “abolição” do regime escravista continuou não tendo as mesmas oportunidades de população hegemônica branca.

Pensar em políticas afirmativas é dar a devolutiva aos descendentes de africanos que auxiliaram a construir a riqueza deste país, mas não receberam nada por isto.

### **2.3 A participação política da juventude**

A juventude vem se organizando, sobretudo, a juventude ligada a igrejas ou cultos religiosos. Isto historicamente foi notável através de diferentes movimentos de pastoral de juventude nas igrejas, tanto nos espaços das paróquias e comunidades como no meio acadêmico e espaços universitários. Dentro do segmento da tradição cristã, é grande, por exemplo, também, o atrativo que determinadas igrejas

pentecostais e neopentecostais exercem junto a jovens negros. Poderíamos, ainda, mencionar diversas formas de agrupamentos religiosos de jovens em outros segmentos religiosos, como são os de religiões de matriz africana e outras.

Historicamente a organização juvenil é perceptível nos coletivos de jovens dentro dos espaços educacionais (através de grêmios estudantis e outras formas) que através do seu processo mais micro de reivindicação vão se dando conta da importância destas organizações para um nível mais macro, de alcance, às vezes, nacional. Neste sentido podemos citar aqui o movimento secundarista que foi organizado pelos alunos do segundo grau.

O movimento foi chamado Secundarista por estar relacionado ao nível de ensino do segundo grau (atualmente denominado de ensino médio). Em São Paulo, assim como os movimentos universitários, ele foi praticamente extinto pela Regime Militar de 1964. O movimento só ressurgiu em 1967, nas setembradas de 1967, que foi primeira ocasião em que estudantes do segundo grau foram à rua protestar contra o regime militar. (WIKIWAND, s.d.)

O movimento secundarista trouxe as reivindicações dos jovens por liberdade mesmo sendo abafado pelo regime militar em 1964, já em 1967 foi retomado tanto identificado com este movimento como com outros que vieram depois deles. Passada a ditadura, os jovens tiveram a certeza de que organizados poderiam trabalhar por políticas públicas. Nos anos 80 a juventude sai as ruas por eleições diretas (“Diretas Já!”) e organizam festivais em prol da liberdade política. Esta mesma juventude se frustrou quando não passa a emenda Dante de Oliveira.

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 5 de 2 de março de 1983, mais conhecida como Emenda Constitucional Dante de Oliveira, decidiria sobre o restabelecimento das eleições diretas para presidente da república no Brasil após 20 anos de regime militar, foi derrubada em votação na Câmara dos Deputados na noite de 25 de abril de 1984. (WIKIPEDIA, 2017)

Mesmo não havendo eleições diretas inicia-se um processo de uma abertura política com o acordo dos partidos do centro com a criação da aliança democrática que tinham como base os partidos FL e PMDB para eleição de Tancredo Neves:

A campanha eleitoral de Tancredo Neves em 1985 foi suportada pela Aliança Democrática, um pacto promovido entre políticos de vários partidos para tentar vencer a eleição presidencial brasileira de 1985, mais especificamente entre a agremiação FL e o PMDB. O pacto foi bem-sucedido, resultando na eleição indireta da chapa Tancredo–Sarney para

presidente e vice-presidente da República, respectivamente. (WIKIPEDIA, 2017)

A primeira eleição direta após o regime militar elegeu um jovem presidente Fernando Collor que se apresentou com a proposta de acabar com os privilégios dos grandes salários dentro do serviço público. Acaba se envolvendo em vários escândalos que culmina no seu afastamento. Mesmo com a democracia considerada frágil devido ao fato de termos acabado de sair do regime militar, os jovens foram de extrema importância. Foi a juventude “cara pintada” que saiu às ruas para pedir o Impeachment, termo em inglês usado no Brasil para declarar o impedimento de quem está no poder.

Em 2013 o movimento levantou-se uma nova bandeira, em várias capitais, com grande protagonismo dos jovens. Tinham como propósito protestar contra o aumento das tarifas dos transportes públicos e em seguida contra corrupção. A forma como foi conduzida a repressão a alguns protestos potencializou ainda mais os protestos que foram, também, os primeiros organizados pela internet. Eles foram se multiplicando segundo Blog Politize publicado pelo jornalista Rodrigo Silva (2017):

2013 pode ser considerado um dos anos mais enigmáticos da história política recente do Brasil. Em junho daquele ano, surgiu uma onda de pequenos protestos, realizados por movimentos estudantis de algumas capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Florianópolis, com o foco principal de barrar o aumento das tarifas de transporte público. Há muitos anos, o reajuste das tarifas era questionado pelo movimento estudantil pois, além de caro, o transporte público nas cidades brasileiras continua a ser oferecido em péssimas condições.

Os protestos foram reprimidos de forma truculenta causando grande indignação da população com isto os protestos foram ampliados por todo Brasil o movimento foi considerado vitorioso, pois as tarifas não aumentaram e 75% dos royalties do petróleo passaram a ser destinados à educação e os outros 25% para a saúde traçando uma trajetória do envolvimento político da juventude no Brasil podemos destacar várias iniciativas para a transformação da sociedade por parte destes jovens.

#### **2.4 A comunidade e as políticas educacionais**

Quando falamos do território feitoria bairro da cidade de São Leopoldo no Rio grande do Sul precisamos colocar que o bairro possui quatro escolas municipais três

escolas infantil. Se contemplarmos a grande feitoria, com 36.221 mil moradores, os índices populacionais nos revelam que existe um déficit de vagas muito grande. Em pesquisa realizada nos sites das escolas do bairro feitoria e na secretaria de educação podemos constatar que

Tem 3.835 crianças e jovens matriculados, sendo nas escolas estaduais Haydée Mello Rostirolla 685 alunos, CAIC (centro de integração), 990 alunos Daniel Wilhabrand, 183 alunos e as escolas municipais Dilza Flores, 492 alunos, Arthur Ostermann, 302 alunos, Emilio Meyer, 944 alunos, Osvado Aranha, 239 alunos

Segundo os dados desse Censo educacional, os números da população de crianças e jovens no bairro Feitoria é estimada em 33% do total de habitantes. Temos 11.952 crianças e jovens em idade escolar e foi constatada uma defasagem de 8.097 crianças e jovens fora da escola. Quem são estas crianças? Por que elas não estão na escola em território no qual vivem? É visível o fato de grande índice de negros/as neste total das crianças fora da escola. São os mais vulneráveis. São os mais expostos à violência.

Todavia, quando em nossa pesquisa trazemos estes dados comparativos é para exemplificar que as contas não batem. Sabemos por que existem alguns jovens que, mesmo morando no bairro, não estudam nele por opção dos pais, que buscam outras escolas fora do bairro... Mesmo assim, no entanto, o contingente de jovens ou crianças que estão fora da escola e o índice de evasão escolar, sobretudo, neste período de pandemia segundo o informe do Blog-Por E-Docente o censo escolar, 2020 é elevado:

O número de matrículas no Ensino Médio impressiona: segundo o Censo Escolar da Educação Básica, são mais de 7 milhões e 700 mil matriculados. Infelizmente, o número de jovens que conclui essa etapa é espantosamente menor. Cerca de 4 em cada 10 adolescentes até 19 anos não terminam o Ensino Médio, e os motivos da evasão escolar são variados.

Em face desses dados, avaliamos que a evasão escolar terá um impacto para crescimento profissional e econômico. Uma vez evadidos e dada a baixa escolaridade, esses jovens têm mais dificuldades ou até são impedidos de acessar o mercado de trabalho, pois neste se tem exigido cada vez mais qualificação por parte dos empregadores. Resulta daí que estes jovens acabam aumentando o índice de desempregados ou de pessoas que trabalham de forma informal. Obviamente no

tempo de pandemia isto foi agravado. Segundo o informe do Blog - Por E-Docente outubro 2020, temos o seguinte convite para a reflexão:

Assim, diante de todos esses dados que apontam motivos para a evasão escolar e a possibilidade de incremento nesses índices, chega a hora de refletirmos sobre as consequências da evasão escolar. A primeira questão incide na empregabilidade desses alunos. De acordo com a PNAD Contínua, do IBGE, quase 20% dos jovens que não concluem o Ensino Médio se encontram desempregados no 1º trimestre de 2020.

Outra reflexão feita é de que a maioria dos jovens que estão em situação de regime medidas socioeducativas tem pouca escolaridade. Eles abandonaram a escola ou não frequentaram a escola neste. Podemos perceber que esses jovens fora da escola estão mais vulneráveis para se envolver com violência, segundo os comentários contido no mesmo informe divulgado no blog Por E-Docente outubro 2020:

Outro dado que aponta a urgência de trabalharmos contra a evasão dos alunos é que mais da metade dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas não frequentava a escola antes de entrar no sistema, segundo pesquisa da CNJ (Conselho Nacional de Justiça) sobre o perfil dos jovens infratores.

Voltando a nossa atenção para o quadro amplo nacional e regional, o gráfico a seguir nos evidencia que se faz necessário trabalhar a evasão escolar a manutenção dos jovens na escola para evitar o aumento das suas vulnerabilidades e a sua participação em situação de infração que levam para a desigualdade social. Como mostra no gráfico abaixo por região especificando o gráfico da região do Brasil. O quadro 2 traz os dados que traz os índices de jovens que frequentam as escolas e aqueles que evadem por sexo cor ou raça.

**Quadro 2 - Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo e que já frequentaram escola, segundo a idade que abandonou a escola pela última vez, por sexo, cor ou raça e Grandes Regiões – 2019**

|                | até os 13 anos | 14 anos    | 15 anos     | 16 anos     | 17 anos     | 18 anos     | 19 anos ou mais |
|----------------|----------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-----------------|
| <b>Total</b>   | <b>8,5</b>     | <b>8,1</b> | <b>14,1</b> | <b>17,7</b> | <b>17,8</b> | <b>15,8</b> | <b>18</b>       |
| Homem          | 9              | 7,7        | 13,6        | 17,4        | 18          | 16,9        | 17,5            |
| Mulher         | 7,8            | 8,8        | 14,9        | 18          | 17,4        | 14,3        | 18,8            |
| Branca         | 8,3            | 9,5        | 14,6        | 19,4        | 18,2        | 15,2        | 14,9            |
| Preta ou parda | 8,6            | 7,7        | 13,9        | 17          | 17,6        | 15,9        | 19,2            |
| Norte          | 9,7            | 7,3        | 11,3        | 14          | 15,2        | 15,9        | 26,6            |
| Nordeste       | 9              | 7,3        | 13,9        | 14,9        | 16,4        | 16,2        | 22,2            |
| Sudeste        | 8,7            | 9          | 14,9        | 21,6        | 18,2        | 14,6        | 12,9            |
| Sul            | 7,1            | 9,9        | 16,3        | 19,2        | 20,6        | 15,5        | 11,4            |
| Centro-Oeste   | 5,9            | 6,3        | 12,2        | 16,6        | 20,6        | 18,6        | 19,9            |

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Fonte: IBGE (2019)

A pesquisa está divulgando pela primeira vez dados sobre abandono escolar. Das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos. Como podemos observar os índices de abandono escolar pela população preta e parda aumentam as desigualdades sociais, em termos de relações étnico-raciais.

## **2.5 A transformação política e cultural do bairro Feitoria e as ações sociais e a interações em São Leopoldo e no Bairro Feitoria**

Nos anos 90 anos houve várias iniciativas de organização políticas dos jovens. para que estivesse espaço de lazer e cultura no Bairro Feitoria e ajudou sobretudo na construção dos espaços que evidenciavam a cultura afro como as escolas de samba, os coletivos de hip hop e dentro das escolas nas bandas de fanfarras colocando os toques africanos trazendo a cultura afro para dentro das escolas. Sabemos que estas iniciativas nem sempre eram bem aceitas na comunidade escolar.

No contexto cultural do bairro Feitoria que no seu início quando ainda era a feitoria do linho cânhamo onde habitavam um grande número de negros escravizados, que vieram para este local para fazer cordas para navio, da planta do linho cânhamo denominada Faxinal da Courita. Vieram para esta região, Bantos, Yorubas e Sudaneses e, com eles, também sua cultura.

Com o fim da fabricação de corda e a chegada dos migrantes europeus esses negros acabaram alguns sendo transferidos para outras colônias, mas outros, não em grande número, permaneceram na região entrando mato adentro, construindo um quilombo que hoje fica situado na cidade de Novo Hamburgo. Também construíram outro onde hoje é a cidade Taquara, bem como o conhecido “Quilombo do Macaco Branco”, junto à atual cidade de Portão.

Esses remanescentes perpetuaram sua cultura. Com a chegada da abolição os ex-escravizados e mesmo os escravizados já libertos, foram construindo núcleos de convivência na cidade de São Leopoldo salão de bailes igrejas católicas de irmandades negras neste contexto quando a uma nova migração de pessoas negras para a região do Vale dos Sinos nos anos 80 século XIX em busca de trabalho nas empresas couros calçadistas estes sujeitos são recebidos e fortalecem esta cultura através da rodas de samba do carnaval e sobretudo das casas de Religião de Matriz Africana é nestes espaços que a cultura africana e afro brasileira se perpetuam.

No bairro Feitoria não diferente neste espaço surgem três escolas de samba: “Estado Maior da Feitoria” foi a primeira criada; em seguida “Os Gladiadores da Feitoria” e “Imperatriz Leopoldense”. Neste mesmo período, dentro das escolas surgem as bandas de fanfarras, como, por exemplo, a da Escola Haydée Mello Rostirolla e a do CAIC Madezati. Entre essas duas bandas a disputa é acirrada e nestes espaços que os jovens desenvolvem a sua cultura sobretudo quando introduzem os toques africanos nas bandas. É a cultura afro efervescendo.

Deste espaço saiu a cultura hip hop nos anos 80 os grupos de dança a organização cultural interferem na organização política, mas jovens pensando o território como espaço pautando governo para construção de espaços de lazer pistas de skates as casas de religião de matriz africana com a construção de associações e ligação destas casas com as escolas de samba. Vindo para visibilidade espaços dentro das igrejas Católicas as pastorais negras ajudando na construção de movimentos negros exemplo a organização Palmares que foi criada dentro igreja Beato Anchieta do bairro Duque de Caxias onde depois surgiu o “Grupo

de Consciência Negra Palmares” e, também, na sequência a “ONG Anastácia” do bairro Rio Branco.

Este grande avanço na cultura afro na cidade de São Leopoldo acaba não sendo bem-visto pela sociedade hegemônica contrária à cultura negra. Foi crescente o destaque das escolas de samba levando o nome de São Leopoldo para mídia São Leopoldo disputando ser o berço da colonização alemã. Com isto houve um movimento político da marginalização da cultura afro na cidade.

É importante registrar que as escolas de samba eram, também, espaços de venda de bebidas alcoólicas e drogas. Isto gerou muitas situações de conflito. Alguns dos grupos de dança foram invadidos pelo tráfico e acabavam promovendo brigas. Não eram todos, mas todos foram marginalizados em vista disso. Houve cooptação de lideranças negras para política e acabavam tentando amenizar a disputa entre o poder hegemônico o governo e a periferia acamando a massa insatisfeita.

Dentro da periferia se inicia a entrada de igreja neopentecostais disputando espaços com as casas de religião de matriz africana e por sua vez as demonizando. Fica latente que nesta sociedade em que o processo de disputa é grande dentro de um Estado cujo percentual de população considerada branca é maior que dá preta e parda, é também maior o apagamento do contexto histórico e a marginalização da cultura afro.

Produzindo baixa autoestima e, mesmo, uma negação por parte do sujeito negro. Com isto muitas pessoas adeptas das religiões de matriz africana, sobretudo, as pretas se convertem às igrejas Neopentecostais saindo das escolas de samba e abandonando as práticas religiosas de origem afro. Tudo isso na concepção pentecostal e neopentecostal é coisa do demônio.

Aparentemente estas mudanças parecem normais no cotidiano das pessoas. Mudam suas crenças, jovens podem se influenciar e ir para o caminho da marginalidade. De fato, em espaços de culturas como o carnaval, existe a venda de bebidas. Mas como isto vem a ser associado reforçando o preconceito, talvez se deva observar mais minúcias, não contempladas neste trabalho.

Porque os espaços considerados negros são marginalizados, porque o que é negro não presta. O apagamento da história foi feito sem querer, ou havia um objetivo específico por trás disto? Estes pequenos detalhes fazem muita a diferença.

Quando se marginaliza o que é do negro não se leva em conta o capital social que a cultura afro produz. Por exemplo, em Porto Alegre, a violência nos bondes foi causada num vácuo na política de segurança pública. Na sequência as facções de tráfico envolvidas migraram para Canoas e São Leopoldo.

Pouco ou nada foi feito para proteger o jovem que estava fora da escola, no contraturno escolar, nas esquinas ouvindo a sua música, dançando e ensaiando movimentos para as batalhas de hip hop. Eles eram terreno fértil, presentes circulando por todo o bairro, jovens sem antecedentes criminais, mas menores sem supervisão.

Se o Estado tivesse abraçado a sua cultura; se os tivesse levado para dentro da escola, para ali se reunir, ensaiar, talvez muitos deles não tivessem sido cooptados. Estes jovens que participavam das escolas de samba, talvez assim teriam tido uma melhor percepção de como a estrutura está organizada para levá-los a ficarem sem opção a não ser marginalizar-se. As estruturas de poder criam os caminhos primeiros para a marginalização.

A ausência do Estado é um espaço vazio que passa a ser ocupado pelo poder paralelo depois um processo de criminalização do todo. Trabalhamos com o sujeito da micro violência e socialmente marcado: Voltando ao exemplo de Porto Alegre, se você é do bonde é marginal, se você é do batuque é do demônio, se é do carnaval é vagabundo.

O que resta para este jovem, o que sobra para ele, que com autoestima baixa, é abandonar a escola sem perspectiva de uma projeção social para deixar-se sucumbir ao poder paralelo. Este novo contexto lhe dá o status aparentemente que ele precisa para ser alguém nesta sociedade de disputa. Sabemos que a formação a qualificação não é tudo, mas sim um caminho para que este jovem não vire estatística de violência.

Não podemos deixar de falar do racismo estrutural. O branco e o negro na mesma função com a mesma escolaridade, mesmo tendo essa aparente equidade, é assumido, com muita frequência, com naturalidade, que o rendimento do branco seja maior e, conseqüentemente, que a possibilidade de crescimento profissional é maior. Para a população negra a estrutura de poder foi idealizada para que o sujeito considerado branco esteja no lugar de destaque.

Para além de manter as jovens na escola e dar qualificação é preciso dar a ele formação política para que ele não acredite no processo de incapacitação racial.

É preciso que tome consciência de que o processo que foi construído por meio da discriminação racial que define de antemão que o negro é incapaz somente pelo fato de ser negro que ele é desviado para serviços subalternizados, por causa do preconceito e da discriminação, que sempre de novo reafirma que ele só serve para funções inferiores. Isto não passa de racismo. Santos (2008, p. 2) em seu artigo sobre “Discriminação racial no Brasil” traz a seguinte provocação:

Aliás, o léxico de negro, além de designar o indivíduo deste grupo racial, pode significar: sujo, lúgubre, funesto, sinistro, maldito, perverso, triste, nefando etc. O que deve ser desvelado é o seguinte: o que leva tanta gente, no Brasil, a não notar o que realmente acontece? É certo que há uma grande dose de hipocrisia.

É necessário intensificar a formação e construção da identidade e da cultura, elevando a autoestima para que o jovem negro passe a não aceitar as micro violências que lhes são impostas. Para que não sejam colocados num lugar de inferioridade, esta mudança precisa vir a partir do território. Se faz necessário evidenciar as capacidades de transformações de dentro para fora. Organizando com eles a forma de resistir tendo a cultura e a educação como bússola, faz-se com que eles encontrem o caminho da sua emancipação. O sujeito vale pelo que ele é e não pelo que a sociedade o rotula.

### 3 HISTÓRIA DO TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA DA COLONIZAÇÃO

Esta pesquisa se vale de inúmeras vivências e a realidade dessas comunidades periféricas é compartilhada pelas pessoas que foram entrevistadas para esse projeto, e, também, pela própria pesquisadora.

O início das organizações comunitárias foi construído de forma gradativa, principalmente no bairro Feitoria. Este bairro contava nesta ocasião com a presença de três mil famílias e foi o que propiciou o êxito dos avanços sociais neste território. As famílias foram se adaptando no contexto de pertencimento ao núcleo habitacional. Nesta trajetória de lutas, muitos direitos são conquistados, mas outros ficaram para trás. Neste sentido, foi muito importante o processo de organização por meio da militância da juventude trabalhadora.

Por este fato, é entendido que existem mecanismos para manter os jovens negros na escola. Entretanto, ela ainda deve ser mais inclusiva. Para isso, é necessário que esse processo seja feito de tal forma que este jovem permaneça nesta escola. Dentro do contexto histórico das escolas das comunidades do bairro Feitoria é possível perceber que o espaço escolar sofre de um alto índice de evasão, principalmente nas séries finais, quando estes jovens chegam à adolescência e entram em conflito entre buscar recurso para obter seus bens materiais, ou, permanecer na escola.

Deste modo, um questionamento que foi amadurecido ao longo da pesquisa é se não deveria ter uma escola de horário integral, na qual aos contraturnos, o aluno possa realizar cursos de qualificação profissional, cultura e lazer. Com a evasão escolar, muitos jovens ficam sem nenhuma supervisão já que seus pais saem para trabalhar muito cedo entre deslocamento e horas trabalhadas ficam em torno de 12 horas fora de casa, cada dia.

Em um processo catártico da relação da mulher negra e periférica e o “abandono familiar”, muitas destas mulheres, nomeadas como lideranças de suas famílias, saem cedo para trabalhar e deixam seus filhos sozinhos.

Tendo a religião como seu ponto de apoio emocional, dentro de um contexto de ausência de um auxílio sociopsicológico, estas mães negras e periféricas contam com a rede de proteção destes territórios, tais como as lalorixás, e as senhoras rezadeiras, independentemente de suas religiões.

Como muitas destas pessoas não estão inseridas no mercado formal, estas mulheres tornam-se parceiras maternas das mães que trabalham. Neste sentido nossas experiências vividas nesta realidade buscam contribuir com a pesquisa e demais estudos, sobremaneira com novos diagnósticos e novos conhecimentos sobre esta realidade.

Com base nesse recorte cultural expoente oriundo das periferias, bem como na rotina extensa e intensa das trabalhadoras periféricas é compreendido que muitas das escolas da periferia, quando operando em suas funções de jornada integral, poderiam prestar esse retorno à comunidade, como elementos adicionais nessa rede de cooperação e vigilância em relação às crianças e adolescentes.

A nossa reflexão também foi amadurecendo outra questão muito evidenciada que é a quase total ausência de pessoas negras em cargos considerados “elitizados”, tais como caixas de bancos, gerentes bancárias ou de estabelecimentos comerciais. O amadurecimento dessa indagação, fez com a percepção em relação à segregação se agravasse. Estamos em um mercado consumidor no qual o “ter” e o “poder” imperam. Os jovens querem se ver nos produtos e atendimentos. Querem tê-los e empoderar-se, no entanto não percebem que o “ser” deles está profundamente estigmatizado como “não gente”. São muito poucos os jovens negros que não carreguem este estigma, nem tanto por não “ter” bens e ser empoderados, mas simplesmente por não “ser” branco. Isto prejudica a autoestima da juventude negra.

Nossa pesquisa buscou entender a relação entre o aumento de violência contra juventude sobretudo a juventude negra e a evasão escolar. Entendemos que se trata de uma relação que envolve muitos fatores, que deveriam ser mais especificamente aprofundados. Por exemplo, os índices do genocídio da juventude negra (junto aos Ex-tráfico de drogas), os índices de violência familiar e de violência do Estado, deveriam ser mais aprofundados no estudo. A nossa pesquisa, no entanto, se foca especificamente sobre como a evasão escolar pode ser um dado que contribua para a violência.

Com base no argumento apresentado, embora haja a apresentação dos marcos regulatórios e das políticas reparadoras, como a lei 10639/03, e a temática da Educação das Relações Étnico Raciais no ensino superior, ainda assim os afrodescendentes continuam inviabilizados, quando se trata de garantia de direitos e efetivo reconhecimento de pessoas histórias e contribuições culturais específicas.

Para Munanga:

A igualdade supõe também o respeito do indivíduo naquilo que tem de único, como a diversidade étnica e cultural e o reconhecimento do direito que tem toda pessoa e toda cultura de cultivar sua especificidade, pois fazendo isso, elas contribuem a enriquecer a diversidade cultural geral da humanidade. (MUNANGA, 2003 Palestra proferida no terceiro seminário nacional das relações raciais e Educação—PENESBE-RJ, em 05/11/2003)

Esta reflexão de Munanga é uma provocação crítica muito incisiva, pois aponta para a defasagem e o hiato tremendos que existem entre o que a lei prevê e prescreve e a real situação dos espaços escolares. De fato, se consideramos a maioria das escolas, especificamente as que se conhece no território da pesquisa, os espaços escolares frequentados pelo jovem negro não contribuem, ou contribuem muito pouco, para que se sinta incluído.

Pouco se percebe em termos de visibilidade da cultura africana afro-brasileira. Falta ambiente favorável, portanto, para que o jovem negro se sinta incluído na sua especificidade histórica e cultural. Sabemos que esta visibilização é fundamental para que a própria população negra deixe de ser inviabilizada. Buscando entender a fundo a contribuição do pequeno texto de Munganga, pode-se dizer que a escola deveria ser o espaço que favorece plenamente a visibilização da diversidade da cultura, sendo assim espaço de enriquecimento cultural como um todo e verdadeiro ambiente que favorece a Educação das Relações Étnico-raciais.

A partir da realidade vivida nas periferias, podemos perceber que, apesar da existência de bons estudos sobre a violência no Brasil, o recorte étnico-racial muitas vezes não é observado com profundidade. Por este fato, partimos do princípio histórico da população negra sendo a mais empobrecida em suas localizações geográficas e nos arredores os grandes centros. Abaixo trazemos um quadro que traz rendimento e grau de instrução por etnia.

**Quadro 3 - Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais, por raça ou cor e por grau de instrução, em 2010.**

| Cor ou raça                             | Branca         | Preta          | Amarela        | Parda          | Indígena      |
|---|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------|
| Sem instrução e fundamental incompleto  | 865,03         | 666,23         | 650,00         | 700,22         | 280,18        |
| Fundamental completo e médio incompleto | 981,04         | 799,97         | 952,2          | 814,74         | 1482,63       |
| Médio completo e superior incompleto    | 1438,29        | 1275,83        | 974,14         | 1179,98        | 715,94        |
| Superior completo                       | 3533,18        | 2286,03        | 8569,26        | 2898,62        | -             |
| Não determinado                         | 994,43         | -              | -              | 900,00         | -             |
| <b>Média</b>                            | <b>1562,39</b> | <b>1257,02</b> | <b>2786,40</b> | <b>1298,71</b> | <b>826,25</b> |

Fonte: Censo demográfico 2010, do IBGE

No contexto histórico após a suposta abolição da escravatura, a população negra foi abandonada à própria sorte, sem nenhum direito cidadão e vivendo à margem daquilo que se denominava de cidadania. Deste modo, traçando uma linha do tempo, este fato somente se agravou. E apesar de vários marcos regulatórios e políticas reparadoras serem apresentados, mesmo assim os afrodescendentes continuam invisibilizados e impedidos quando se trata de garantia de direitos. Segundo Munganga *apud* MERCURY (2014, p. 11):

É essa pergunta que leva algumas pessoas a falar da segunda e verdadeira abolição da escravatura. Segundo os Censos do IBGE, afrodescendentes representam pouco mais de 50% da população total, mas por onde andam esses 51% em termos de mobilidade, de ascensão social? Onde eles estão? Houve realmente a abolição?

É propósito da pesquisa também, externar o quanto a falta de acesso determina quem morre e quem vive no mundo e sobretudo na sociedade brasileira. Dados comprovam que no Brasil há um extermínio da população negra principalmente de sua juventude. Visibilizar este extermínio tem como meta fazer pensar em como combater o preconceito institucional, quando o Estado não dá o retorno necessário para salvaguardar a juventude negra e se torna, inclusive, um dos atores causadores das mortes dos mesmos, segundo artigo publicado no VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, em relação da visão dos

professores sobre as crianças negras segundo: Iraildes Roberto de Souza\*, Nilvaci Leite de Magalhães Moreira Apud Pinho (2007 p. 79)

Na pesquisa pôde-se constatar: associação das alunas negras à promiscuidade e degenerescência social; desvalorização das potencialidades dos alunos; associação dos alunos dos bairros periféricos à anomia social; coisificação da criança negra; relações afetivas estabelecidas apenas com crianças brancas e muito raramente com as pardas; rejeição às alunas negras. Na percepção dos professores os alunos negros são danados, revoltados, agressivos, violentos; são dados a “coisas erradas” como sexo, drogas e formações de gangues, são estigmatizados como incapazes, de comportamentos perversos e desinteressados para as coisas da escola.

Uma das propostas desta pesquisa foi de não somente constatar que a evasão escolar é correlata ao fato de nossos jovens não estarem nas escolas muitas vezes por não se sentirem pertencentes àquele ambiente, mas também de alertar da responsabilidade social de todos, para essa inclusão. No momento em que este jovem vê como exemplo de poder o chefe do tráfico, a sociedade como um todo e o Estado falharam.

Em fator consequencial à evasão escolar, este estudo também problematiza a relação de violência que acomete a população negra.

Foi também propósito deste projeto externar o quanto a falta de acesso determina quem morre e quem vive. Dados comprovam que no Brasil há um extermínio da população negra principalmente de sua juventude. Compreendemos que uma das primeiras consequências notórias do processo de evasão escolar é sem dúvida a falta escolaridade. Com isto, a dificuldade ao mercado de trabalho formal aumenta a baixa autoestima. Assim, dentre os jovens que não se sentem visibilizados, alguns acabam indo para o crime. Conhecida como uma forma mais rápida de conseguir ter os bens que a sociedade capitalista diz a eles o tempo todo que devem ter, o início de uma vida criminal origina como forma para que possam se sentir aceitos e ter certo status dentro do território.

Com isto, acabam virando lideranças no mundo marginal, e como em alguns casos, as facções acabam assumindo no território o papel do Estado, ajudando a comunidade nas suas demandas tais como distribuição de alimentos, ajuda na compra de gás, instalações de gatos na luz ou na água. Deste modo, para estes jovens é importante estarem em cargos de destaque na facção criminal.

No Brasil, os primeiros estudos Étnico-raciais foram apresentados por Gilberto Freyre, que criticou o termo *branquitude* em prol da defesa da existência de uma democracia racial através da mestiçagem. Por outro lado, no entanto, Alberto Guerreiro Ramos (1955), ao discutir o assunto da *branquitude* chamou de “patologia social do branco” ao incluir os brancos entre os próprios influenciadores da ideologia branca. Guerreiro Ramos, acredita que existe um problema inconsciente do branco colonizado por europeus. Para o autor, o branco deveria romper com o eurocentrismo que o domina, para que fosse revertida a sua patologia social.

Nesse sentido nas relações interétnicas, o racismo é fruto da postura alienada do branco, no qual se introjetou e permanece sendo reproduzido o colonialismo. Pinheiro (2015) faz uma reflexão sobre esse comportamento na discussão sobre *Branquitude e Branquidade*. Para a autora, a ideia de branquidade como distinta de branquitude, está associada ao modo como se dá a reação à importância do conceito de raça como um conceito político. (PINHEIRO, 2014, p.110)

A autora nos auxilia na compreensão sobre as dificuldades centrada na ausência de percepção dos “tidos brancos”, sobre suas próprias faltas de visão de seus recalques identitários. Pois vivemos em uma sociedade adoecida pelo racismo e o padrão branco não ia ser diferente na educação. Tivemos um apagamento ao longo da história, que contaminou toda a população brasileira com a adoção de traços euro-centrados. É o que podemos extrair da constatação e reflexão feitas por Munanga (1986, p. 23):

É através da educação que a herança social de um povo é legada às gerações futuras e inscrita na história. Privados da escola tradicional, proibida e combatida, para os filhos negros, a única possibilidade é o aprendizado do colonizador. Ora, a maior parte das crianças está nas ruas. E aquela que tem a oportunidade de ser acolhida não se salva: a memória que lhe inculcam não é a de seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho [...]. Quando pode fugir do analfabetismo, o negro aprende a língua do colonizador, porque a materna, considerada inferior, não lhe permite interferir na vida social [...] o negro torna-se estrangeiro dentro de sua própria terra.

Os negros brasileiros não sabem sobre a sua história e cultura, como nos advertem os autores Pinheiro e Follmann: “É notável, sobretudo, o flagrante desconhecimento que a própria população afrodescendente tem com relação aos

estudos e saberes acumulados sobre a sua história e sua identidade”. (PINHEIRO; FOLLLLMANN, 2011, p. 143).

Racismo na nossa sociedade é estrutural e está amplamente ligada a condição de acesso à educação a este indivíduo, mas também ao contexto histórico, e para os negros e mestiços esta condição foi negada como salienta Pinheiro (2014, p. 24):

Sem nenhum tipo de instrução e autodefesa, os negros escravizados não tinham margem para ações pessoais ou coletivas e, muito menos escolha para tal. Também os afrodescendentes, mesmo quando “libertos”, viviam em sistemas de tratamento e regimes autoritários, sofrendo como agravante uma educação arbitrária e exclusiva do branco. Além de viverem sob patriarcado. O autoritarismo senhorial da época não permitiu aos afrodescendentes participarem, por exemplo, nem mesmo do direito ao voto.

### **3.1 Movimentos negros e presença da juventude**

Para entender melhor os movimentos negros e suas repercussões para dentro do bairro da Feitoria é importante termos uma percepção mais ampla da organização desses movimentos em São Leopoldo no período histórico mais recente. Também despertou muito a nossa atenção a debilidade do Estado em relação a um bom aproveitamento das contribuições artísticas dos movimentos negros, valorizando o seu potencial de contribuição educativa e cultivo da autoestima da população negra.

Trata-se de um contexto histórico em que organizações religiosas como as confrarias e irmandades e os clubes sociais que se organizavam eram responsáveis pela educação e formação política do povo negro. Nesses espaços os negros eram alfabetizados e, também, criavam consciência de sua identidade. Segundo Gonçalves e Silva (2000, p.135)

As organizações desempenham vários papéis no interior da população negra. São polos de agregação que podem funcionar como clubes recreativos e associações culturais (grupos que preservam valores afro-brasileiros), ou como entidades de cunho político, ou, mais recentemente, como formas de mobilização de jovens em torno de movimentos artísticos com forte conteúdo étnico (hip-hop, blocos afros, funk e outros). Em muitos casos elas se configuram como instâncias educativas, na medida em que os sujeitos que participam delas as transformam em espaços de educação política.

Percebemos que ao longo do tempo o movimento negro vem contribuindo com a educação da juventude negra trazendo a cultura como alternativa para fortalecer a identidade como parâmetro para melhor a estima desta juventude.

Quando trazemos para nossa pesquisa o movimento negro de São Leopoldo não podemos deixar de citar algumas lideranças que atuam até hoje com a juventude, como a professora Lurdes Concilio Machado, fundadora da ONG Anastácia Omira. Esta entidade atua até hoje fazendo reforço escolar para crianças negras do **bairro Feitoria** e Rio Branco. Também é importante mencionar Tania Silveira, uma das fundadoras do grupo Palmares, que atua hoje como promotora popular.<sup>1</sup> Através de conversas informais com estas lideranças e outras foi possível acessar à riqueza e importância das atividades destas entidades e outras no contexto político da cidade de São Leopoldo.

Como já foi citado na pesquisa o movimento negro, na cidade de São Leopoldo, tem um importante momento de nova articulação na década de 80 com a criação da pastoral negra no bairro da Duque de Caxias, iniciado dentro da igreja. Foi a união de várias famílias negras, entendendo que o seu lugar na sociedade, que foi a origem desta primeira iniciativa. O primeiro coletivo chamado Consciência Negra Palmares nasceu dentro da pastoral.

Após alguns anos este coletivo sai da pastoral e formaliza como a primeira organização do movimento negro de São Leopoldo. Esta organização ao longo do tempo cria várias estratégias para fortalecer as mulheres negras com curso de formação de lideranças negras, cursos de formação de tecnologia da informática curso de dança grafite hip-hop para os jovens negros do bairro Feitoria.

Da ONG Palmares saiu uma ramificação mais para trabalhar com mulheres e jovens o coletivo Anastácia que trabalha com fortalecimento das mulheres e dos jovens. Neste grupo foi criado um grupo de dança de meninas também o fortalecimento dos afro-empresendedores, com desfile de modas, nas atividades realizadas pela ONG, sempre privilegiando as modelos negras com vista nas valorizações da juventude negra.

Tanto a ONG Palmares como ONG Anastácia são articuladores políticos hoje atuam diretamente no fórum de entidades negras de São Leopoldo. Elas atuam na

---

<sup>1</sup> As promotoras populares são lideranças comunitárias capacitadas em noções básicas de Direito, direitos humanos das mulheres, organização do Estado e do Poder Judiciário, dentre outras temáticas pertinentes conforme o contexto do bairro ou região na qual estão inseridas.

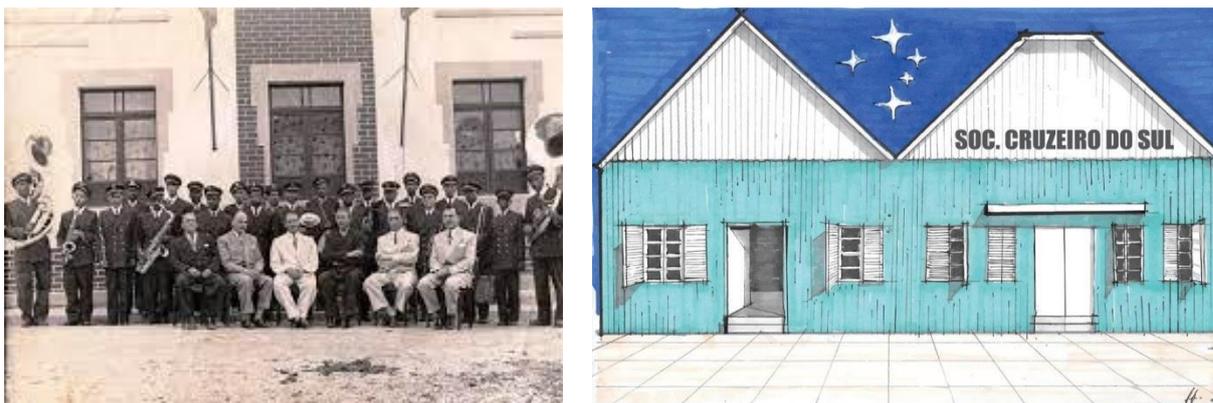
perspectiva das articulações de políticas públicas da população negra. Outros movimentos vieram depois, como o coletivo associação do hip hop, criando alternativas para a juventude negra sair da situação de violência.

A Unegro que é uma organização nacional também atua na cidade de São Leopoldo. Entre outras movimentações que podemos destacar, ao longo dos anos, estão os clubes e salões de festas negras. Alguns mais antigos relatam ter existido o Bar Azul, local hoje conhecido como Bartaclan que foi tombado como patrimônio histórico localizado no bairro Rio Branco. Esses clubes sociais eram considerados espaços de resistência

Na cidade próxima, Novo Hamburgo, em seu bairro Primavera, considerado quilombo da Osvaldo Cruz, onde moravam cinco famílias negras, que criaram a sociedade Cruzeiro do Sul, local também muito frequentado pelos jovens negros moradores do bairro Feitoria

Os espaços de resistências as atividades realizadas nestas instituições visavam fortalecer a autoestima dos sujeitos negros. Contribuíam para isso os bailes de debutantes, de escolhas das mais belas negras, de apresentações culturais dos jovens. Eram espaços considerados seguros que os pais ficavam tranquilos dos filhos frequentarem. Abaixo imagens da Sociedade Cruzeiro do Sul.

**Figura 1 – Sociedade Cruzeiro do Sul**



Fonte: Acervo da autora

Além do salão de baile Bartaclan em São Leopoldo existiam mais dois lugares onde os jovens negros frequentavam: o Cantum que ficava no bairro Rio Branco e a sociedade Havaí. Estes espaços nos anos 80 e 90 eram espaços importantes da cultura afro. Na época as músicas afro-americanas traziam mostras de afro-

americanos para evidenciar sua cultura aqui na cidade. Era comum a reprodução de reivindicações trazidas nas lutas dos jovens com suas roupas neste momento e com as músicas que escutavam.

A blusa com capuz, o skate, as bermudas largas, o barquete, o hip hop com break grafite, que no Brasil tem sua entrada por São Paulo, tudo isto fazia parte do cenário. As letras eram consideradas violentas porque iam contra o sistema capitalista vigente, a falta de estruturas das periferias provocava os jovens a pensar por que uns jovens tinham mais direitos que os outros. Também o funk que no Brasil vem pelo Rio Janeiro, apesar de suas letras não serem tão políticas, trabalhava a questão da vida e o cotidiano da favela. Da mesma forma a cultura jamaicana estava em evidência. O Reggae vindo para o Brasil, através do Nordeste, com as camisas coloridas trazendo o amor à vida e à natureza. As cores da Jamaica e todas estas movimentações culturais evidenciavam a cultura afro, elevando a autoestima dos jovens negros.

Mas qual era a visão do estado para esta culturas o movimento hip hop foi marginalizado. As roupas e a forma de se vestirem entrou para a tipificação do suspeito. Já o funk, música da favela, das gangues, foi considerado espaço de marginais. O Reggae por fim, oriundo de uma cultura rastafari, de uma seita que se utiliza da maconha para entrar em transe, já chega ao Brasil por e para os marginalizados.

A cultura negra é considerada marginal. O samba que hoje é considerado patrimônio cultural do Brasil, já foi considerado música de malandros e prostitutas. Não foi diferente com a chegada destes novos ritmos, mas precisamos no ater ao que este processo de marginalização da cultura do negro interfere na violência do jovem.

Na verdade, estamos frente a uma grande deficiência dos poderes públicos, em utilizar adequadamente todo este patrimônio cultural que vem até a nossa sociedade por diversos caminhos. Poderiam ser importantes meios de educação e enfrentamento de preconceitos em vez de serem motes para promover a marginalização e o crime.

Quando estes jovens se organizam e movimentos culturais e buscam que o estado os respeite que sua cultura não pode ser marginalizada que dentro destes coletivos que eles entendem seu processo de cidadão nos damos um salto de civilidade. Hoje o grafite não é mais crime que diferente da pichação hoje temos

expoente da cultura hip hop que saíram da esfera do Brasil e ganharam o mundo exemplo Eduardo Kobra abaixo imagem do trabalho e do artista.

**Figura 2 – Artista e sua obra**



Fonte: Acervo da autora

Como o Emicida, com álbum amarelo campeão em todas as plataformas digitais, Leandro Roque de Oliveira (São Paulo, 17 de agosto de 1985), mais conhecido pelo nome artístico Emicida, este rapper brasileiro tornou-se mestre no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal. O álbum amarelo também é um documentário que traz a trajetória do movimento negro no Brasil. Imagem abaixo do álbum amarelo e artista que participaram do trabalho.

**Figura 3 – Artista e Álbum**



Fonte: Acervo da autora

Nestas imagens ao lado da capa do documentário ele traz grandes expoentes rapper para cantar com ele a música de abertura do álbum “tudo para ontem” traz uma análise profunda da depressão do jovem negro e da importância do exemplo positivo na vida desses jovens. Os movimentos negros sejam eles culturais ou políticos trazem a presença da juventude, são fundamentais para a construção da identidade deste sujeito que vê nos seus pares a possibilidade de fortalecimento, elevando sua autoestima. Não se pode permitir que a cultura negra seja marginalizada, pois a tendência de marginalizar esta cultura é um dos aspectos integrantes do racismo estrutural. Este racismo estrutural passa como um rolo compressor destruindo potencialidades. Segundo Almeida (2019, p. 60)

Guerreiro Ramos coloca como parte da intelectualidade brasileira essencializa a questão racial e o chamam o problema do negro. Para Guerreiro Ramos o problema racial não era o problema do negro, mais sim da ideologia da brancura presentes nas massas, mas também na academia. Patologia social do branco era como Guerreiros Ramos referia a postura de oposição e rejeição que caracterizava as pessoas brancas brasileiras, diante da possibilidade social da integração com os negros.

Entendemos que o processo de marginalização da cultura negra está pré-estabelecido para a sociedade brasileira como uma alternativa para inviabilizar o povo negro. Como que transformando por meio de uma narrativa patológica da suposta superioridade do branco brasileiro que de forma antropofágica come e absorve para si a cultura do outro e passa a negar a sua origem, sempre que esta cultura se torna útil para o branco. O samba é um exemplo prático disto. Uma cultura negra criada nas favelas e nas periferias, mas como toma o asfalto vira do povo brasileiro, sem evidenciar que é a cultura do negro brasileiro. Ou seja, não há um efetivo trabalho educativo de cultivo da autoestima dos grupos que o gestaram e estão na sua origem, lá no morro.

Nossa pesquisa trazendo para visibilidade contexto histórico e cultural por meio do olhar das lideranças negras realidade do bairro Feitoria nosso caminho passou por ouvir as lideranças e suas análises sobre a segurança pública e educação no contexto da juventude. Os registros históricos acima referidos em grande parte são recortes de falas colhidas junto a lideranças negras. Fica evidente o quão útil poderia ser para o processo educacional da população negra, o real investimento nessas expressões artísticas, que infelizmente, por falta de apoio



**A primeira questão feita pela pesquisadora buscou entender como inicia a trajetória dos entrevistados no bairro.**

ENTREVISTADO C

Eu estou completando 39 anos aqui na Cohab feitoria quando eu decidi investir na educação porque o Brasil precisa investir na educação hoje que eu vi dizer que a educação é um projeto político que foi feito para dar errado porque os governos não investem em educação **se tivesse mais escola turno integral com certeza os jovens não estariam com fácil contato com a droga.**

Todas nossas crianças podem estar dentro da escola, mas infelizmente **se nossas lideranças da comunidade não estão dentro da política porque nós estamos no território não irá acontecer investimento em escola de turno integral** em ONG que trabalhavam **o contraturno escolar para afastar os jovens da violência** olha quanta coisa a gente pode fazer pelo jovem para que ele tenha oportunidade é tudo na vida jovem.

Estas frases do Entrevistado C nos remetem a fazer uma reflexão sobre como a política pública precisa ouvir os agentes que atuam dentro do território para melhorar a qualidade do serviço prestado.

Quem vive a realidade do bairro pode identificar com mais precisão onde estão as deficiências e como pode ser melhorado. Estas pessoas precisam ser ouvidas nos órgãos de controle da política pública os conselhos e comitês técnicos observar o capital social que o trabalho comunitário e como pode e contribuir a melhoria da qualidade de vida das pessoas que moram no bairro.

ENTREVISTADO R

Nasci em encruzilhada interior do Rio Grande do Sul vim morar na cidade de São Leopoldo aos 12 anos de idade. Meus pais trabalhavam tinha uma educação muito rígida não era permitido que eu e os meus irmãos saíssemos de casa somente ir da casa para escola. E não era permitir sair tínhamos as tarefas para fazer e cuidar da irmã deficiente.

Na escola foi onde vivenciei, minha primeira situação de preconceito as classes eram enfileiradas em pares, mas **os colegas não queriam sentar ao meu lado.** Isso me causava bastante desconforto era tímido e tinha dificuldade de relacionamento. Meus pais são evangélicos e sua vida social era ir à igreja não tive amigos na adolescência e **acabei abandonando os estudos após termino do ensino fundamental** e comecei a trabalhar.

Estas frases em realce do Entrevistado R são relevantes para percebermos o quanto a questão do preconceito a rejeição a dificuldade de aceitação atinge direito a permanência do jovem negro na escola.

ENTREVISTADO W

Eu nasci e Canoas tenho 46 anos vim morar na Feitoria no ano 1982 bem na época da ditadura militar não tinha escola.

A escola era na Associação de moradores no ano 1983 inicie na escola Haidê Melo Rostirolla que estava em construção **na escola o preconceito racial já existia o bullying acontecia com os todos jovens na escola.**

Sempre gostei de desenhar as professora me chamavam para pintar neste como gostava das artes me envolvi com várias atividades junto do grêmio estudantil iniciamos o show de talentos esportes teatro dança, música que gente fazia dentro Haidê desde esta época os professores eram desvalorizados já apoiava a luta dos professores e reorganizamos a UNES o movimento secundarista de São Leopoldo.

Eu presidente grêmio do Haydée junto de presidentes de grêmios de outras escolas e juntos saímos em apoio aos professores fomos para rua com professores para luta em favor de melhores salários e melhor condições de trabalho.

Fechamos a BR116 em protesto e ali foi iniciou da minha trajetória cultural e social, pois sai do Haydée me envolvi **com esporte, jogos, torneios interescolares e universitários** quem organizava era GRID (coletivo que organizava os jogo universitário) **que hoje não existe mais uma das coisas importante que falta na educação para estado** funcione e contribua para construção de cidadão bem educados.

Na sua fala podemos perceber o quanto o preconceito a bullying são responsáveis pela evasão escolar no que isto impacta na vida do jovem negro. E a importância de atividades esportivas dentro das escolas e da interação entre as escolas. Como é importante a convivência e a responsabilidade que esporte traz para o cotidiano deste jovem trabalhando a sua sociabilidade principalmente em um momento que ele precisa ser aceito.

ENTREVISTADO P

Eu nasci na feitoria tenho 28 anos minha trajetória no bairro se dá de maneira **diferente do que as outras pessoas minha adolescência passei distante do bairro minha mãe tinha medo da violência** por este motivo estudei desde a pré-escola em uma **escola fora do bairro** quando entrei no ensino médio voltei para bairro comecei a andar de skate inicie minhas amizades através do skate veio rapper ali na coletividade aprendi o que ser periférico minha identidade negra sempre esteve comigo estudar em uma escola no

centro me fez perceber que eu era minoria no espaço sempre tinha uma brincadeira sobre eu ser da feitoria da periferia, quando vim estudar aqui me senti em casa.

O medo da violência fez com que esta mãe afastasse seu filho do bairro, mas para ele, mesmo sendo uma escola considerada segura, não se sentia pertencente aquele espaço pelo fato de ter poucos alunos negros. E ser uma escola considerada de elite. Ele sofreu muito preconceito e só se sentiu acolhido quando veio para uma escola do bairro onde tinha mais alunos negros.

Nossas percepções dos relatos dos entrevistados sobre a sua experiência na escola que eles tiveram o a experiência com racismo pela primeira vez no espaço escolar. Salvo um deles a vivência escolar foi marcante no que tange o seu processo de sociabilidade na escola. Para alguns estes traumas do racismo atingiu de forma profunda e influenciou a sua relação com a sociedade. A baixa estima, o fato de não se sentir acolhido em um momento das suas vidas, que a vida social é fundamental para construção do adulto que eles acabaram se tornando.

**O segundo questionamento feito aos entrevistados se refere a percepção da violência e o processo de evasão escolar pelos jovens.**

#### ENTREVISTADO C

Hoje eu converso com meus amigos que se envolveram com drogas não conseguem oportunidade as pessoas tem preconceito do (ex)presidiário do (ex)drogado hoje nós principalmente à partir da base para transformação e da base projetar pra frente hoje pensar nisto como o meu projeto de vida, **A violência infelizmente está na periferia nós moramos em uma periferia e a música me levou para vários lugares conheci o Rio de Janeiro periferias conheci Rocinha, Vidigal, morro da alemão e quando maior é a periferia maior é a violência o problema é o mesmo só muda o tamanho.** Pra mim é o único caminho investir em educação ligar com a cultura esporte com certeza vai impactar direto na segurança pública nosso papel não combater o crime, nosso papel e dar oportunidade para jovem uma educação de qualidade e investir no profissional da educação dar melhores salários aos professores e única salvação

Quando eu jovem eu parei de estudar eu tocava toda noite em bares tinha muitos shows eu estudava de manhã sempre ia para aula e ficava dormindo. Meu pai concluiu o ensino médio depois dos 50 anos porque filho homem tinha que trabalhar cedo, não podia estudar assim pensavam meus avós. Mas já nossa época a educação foi diferente, meu pai queria que estudássemos. Quando eu quis parar de estudar ele não falou nada me levou na BR 116 me lembro como se fosse hoje: ele me disse tu estás vendo os carros eu jovem pensei o pai está com bobagem: os carros são as pessoas que estão estudando e tu parou

de estudar tu congelaste, tá parado no tempo e vai chegar o tempo que estas pessoas vão disputar emprego contigo e tu vai perder. É tão louco que hoje as pessoas que se formaram lá na frente pelas diversidades estão disputando espaço com tem o ensino médio com isto a disputa fica muito mais difícil para quem não tem estudos e foi isto que ele falou que aconteceu depois terminei o ensino médio a pau e corda a cultura me deu oportunidade de tornar uma figura pública com a música me levou a vários lugares da grandes mídias tinha sucesso mas com tempo eu percebi que falar sobre os jovens não era o suficiente tinha que dar o exemplo eu sempre dizia que voltava a estudar por algum motivo o outro eu não fazia quando me despertou a vontade de trabalhar com jovem eu teria que dar o exemplo hoje eu sou este exemplo para o jovem que admira meu trabalho e para as pessoas da minha idade que hoje me dizem que estão voltando a estudar também ,meu pai sempre buscou isto pra mim hoje eu estou buscando uma galera nós somos pretos periféricos.

Eu estava pensando quando os governantes investem em educação e jovem periférico vão para Universidade quando uma mudança vem entra outro governante querem nos tirar, porque? Para que continuarmos manipulados investir, porquê é melhor ter os dados negativos da periferia de violência.

A sua percepção de como a violência atua nas periferias nos leva a crer que a estrutura do Estado não está preparada para enfrentar esta violência de forma eficiente existe certo descaso por parte dos governantes. Quando se trata de construir processo de políticas transversais para diminuir as desigualdades sociais e por consequência a violência.

#### ENTREVISTADO R

**A boca hoje é este espaço todos vão pra lá pra jogar conversa fora mesmo que aquele que por enquanto não usa lá está todo mundo se tu queres te enturmar vai para lá se tivesse um outro espaço seguro longe da droga ajudaria muito** e ouvi falar que Porto Alegre tem espaço de diversão esporte seria muito bom no nosso bairro não tem nada a escola poderia ser este espaço, mas infelizmente ela não é.

A falta de espaço de convivência de lazer nas periferias ou espaços públicos tomados pelo tráfico traz uma insegurança para o jovem. Porque ele precisa deste espaço de convivência para desenvolver sua sociabilidade. Quando a sociedade não oferece este espaço estamos prejudicando o desenvolvimento social dele e isto pode prejudicar o seu processo de sociabilidade para vida.

## ENTREVISTADO W

A cultura se envolvendo com a escola está sendo um espaço eco da cultura do bairro na minha vida a cultura inicia dentro da comunidade a partir de 87, 88 porque a informação custava a chegar para nós o hip hop não conhecíamos aqui nos dançávamos funk. Nossos pais chamavam ieie começamos a conhecer havia o Michael Jackson primeira simbolização negra com as luvinhas o hip hop o Pop. Na novela partido alto que a gente começa a conhecer, mas não era valorizado. Neste tempo junto com futebol eu conheci o samba com o falecido tico, Pacheco falecido Claudiomiro que me iniciou a tocar repenique surdo de marcação com eles aprendi muito do samba. Foi criado as escolas de samba Gladiadores da feitoria junto com Estado maior da Feitoria depois de alguns contratempos alguns membros saíram e fundaram a escola de samba imperatriz como eu não era da direção, mas fui junto. Com isto criamos o primeiro grupo de samba cativeiro do samba junto com amoroso que tocava cavaquinho Raul Sena, nego André eram os negros das casas misturadas com os negros dos blocos (apartamentos habitacionais). Este grupo durou 5 anos tocávamos nas escolas de samba da cidade e nos outros bairros de São Leopoldo, No Bartaclan), Canto do rio o Havaí (salões de baile afro da cidade de São Leopoldo) este grupo virou a base da bateria da escola de samba onde o Amoroso que tocava cavaquinho foi tocar na escola e eu virei mestre de bateria, onde tive a oportunidade de trabalhar com todo tipo de pessoa. Tinham 120 que eu chamei de ritmista com foi onde foi a primeira bateria que tinha mulher, desenvolvemos vários toques diferenciados misturando toques afros. **Mesmo sem luz que as vezes faltava nos continuávamos tocando houve muitos projetos com a escola aberta que fazia parceria com escola de samba e hoje não temos mais isto.**

Novamente percebemos como espaços de convivência, mesmo que precarizados faz a diferença para o desenvolvimento social daqueles jovens estes espaços produziram um capital social para uma maior qualidade de vida para estes jovens.

## ENTREVISTADO P

**Tínhamos um grupo de jovens negro considerados descolados jogávamos basquete, andávamos de skate dentro da escola produzíamos o slams.** (Os slams começam em Chicago nos anos 80 como uma brincadeira de dar notas às poesias e logo se expandiram pelo mundo, chegando ao Brasil em 2008)

**Quando começamos usar o espaço da escola como um espaço de levar a nossa cultura sempre que a escola fazia o festival de cultura fazíamos questão de trazer a nossa cultura para dentro da escola** as vezes não era bem aceito por alguns professores por este motivo começamos nos articular entrar no Grêmio estudantil ,por bater de frente acabamos perdendo alguns companheiros que acabavam desistindo não só por isto mas também por ter que trabalhar fazer seus corres para colocar comida para dentro de

casa nem todo mundo consegue resistir e gente tem que entender o lado dos cara principalmente aqueles que acabaram tendo filho pequenos o cara tem correr atrás para colocar comida na mesa.

Quando a escola se torna um espaço de lazer onde os jovens negros podem levar sua cultura sua identidade os torna pertencente deste espaço e isto potencializa sua permanência na escola.

A visão dos entrevistados em relação a evasão escolar torna-se visível a questão da importância da escola para o desenvolvimento social e econômico da juventude negra. Mas o fato que eles relatam sobre a facilidade da exposição da violência dos jovens fora do ambiente escolar. E como isto interfere diretamente no futuro desse jovem e a percepção de que eles perderam muitos amigos para a violência. Com isto refletem a não importância que o Estado tem com a proteção desta juventude e o fato ainda ser coo responsável pela violência que eles sofrem.

A terceira questão buscou saber dos entrevistados de que forma a questão da droga e a violência, seja do tráfico ou da polícia, chegou até ele.

#### ENTREVISTADO C

Como desde muito cedo iniciei na música minha vida era fazer show acabei ganhando o mundo mas tinha uma vida regrada muito ensaio e quando volto para o bairro percebo eu meus amigos de infância alguns estão mortos, outros estão presos ou são ex-presidiários e recomeçar e sempre muito difícil tem o preconceito contar os ex-presidiários parece que a pessoa fica marcada **sobre a violência no bairro estamos sempre atentos quando não há guerra do tráfico e a polícia que entra no nosso bairro como se só tivesse bandido ali de arma em punho se tiver que trocar tiro não estão preocupados se pode atingir alguém inocente** mesmo eu que sou uma pessoa conhecida que apareço na mídia quando chega um policial que não me conhece sofro o paredão (Ação que a polícia coloca os suspeitos perfilados e os revista para saber se não tem nenhum substancia psicoativa ilícita ou armas) do mesmo jeito procuro não retrucar mesmo sabendo que estão errados quando somos negros e periféricos não reagir e a alternativa para não morrer. Infelizmente a corporação policial não estar a par nos defender parece que foi criada para nós controlar, mas não os culpo a verdadeira culpa e dos políticos que não criam mecanismo de defesa para nós ainda existem muitas leis que foram feitas para nos criminalizar o sistema e racista somente rompendo com este racismo estruturar acabaremos com extermínio da nossa população.

A preocupação do pesquisado é legítima porque a atuação da polícia, a guerra do tráfico tem grandes possibilidades de atingir uma pessoa inocente. Diante do descaso das intervenções da polícia no território e da extrema violência da guerra do tráfico.

#### ENTREVISTADO R

Aos 20 anos me rebelei com meus pais e sai da igreja comecei a me envolver com pessoas consideradas más companhias comecei a fumar e beber conheci minha primeira mulher e aos 23 anos foi pai enquanto estava casado bebia e fumava escondido aos 24 anos meu relacionamento não deu certo, **neste tempo conheci a cocaína, as pessoas que andavam comigo eram traficantes assassinos todos da mesma idade que eu. Viviam ostentando tinham carro moto e eu só trabalhava tinha medo de fazer assalto nunca assaltei ninguém por medo.** Trabalhava para sustentar meu vício. Tive outro relacionamento e 2 filhos, e esse relacionamento também não deu certo. Tinha um vazio uma solidão e aos 38 anos começou a usar pedra crack como uma válvula de escape dos relacionamentos que não deram certo. Passei durante 15 anos fumando pedra para os donos da boca tu apenas mais um viciado para a sociedade tu és um preto viciado.

É uma Linha tênue que difere um jovem usuário de entrar na criminalidade a violência está muito próxima. O fato de o exemplo ser considerado exitoso e do traficante torna muito difícil que o jovem não se envolva com o crime.

#### ENTREVISTADO W

Nos anos 2000 aconteceu a fatalidade, e depois eu consegui voltar as minhas atividades sociais muita gente não sabe mas **quem me alvejou foi um amigo meu depois de me separar minha ex mulher e meus filhos moravam em uma casa no fundo do meu pátio e aconteceu um problema de violência doméstica ele agrediu minha ex esposa minha filha a gente discutiu ele estava drogado e foi um baque** não consegui mais jogar futebol nos times amadores da cidade mas ensaiar os meus ritmistas e acabei me separando e tive que me apreender recomeçar sozinho estava como uma criança recomeçado o primeiro ano foi bem difícil meus próprios ritmistas tentaram me resgatar isto me dominava durante 6 meses e as pessoas não sabiam lidar com isto uma coisa que me marcou e me chamar de aleijado na época nos 2000 não tinha muitas pessoas portadores de deficiência e as pessoas não sabiam como lidar com isto então foi procurar pessoas iguais a mim procurei a ALDEF entidade que trabalha com os portadores de deficiência que coordenava na época era o vereador Nestor que também era portador lá eu aprendi que não aleijado que esta era forma pejorativa de chamar o portador, aprendi como uma instituição trabalhava mas agora com tema da deficiência e lá eu vi pessoas com mais dificuldades que eu sorriram então criei

força para me adaptar e buscar os meus objetivos e vi que tinha oportunidade de voltar para minha área eu já conhecia o hip hop escutava racionais que falava das voz ativa iniciei a fazer palestra para e jovens para ficar longe das armas para não passar pelo que eu passei .ficar nas ruas agente não encontra boas amizades muitas vezes nossos pais nos dizem mas a gente não leva a sério a importante hoje quando faço oficina de hip-hop falo isto na época quando iniciei eu já conhecia o hip hop eu trouxe para dentro das escola de samba o hip hop trouxe a primeira oficina com um grupo trocando ideia da Fabiane e sua companheira como eu já era uma liderança no bairro juntei a estrutura da ALDEF que tinha uma kombi adaptada e sai fazendo atividades juntamente Douglas criamos a voz da COHAB tudo isto depois de levar o tiro ficar deficiente o hip hop me ensina o poder reivindicar meus direitos dar acara a tapa pra bater sem medo me dava a voz ativa adotou porque o pessoa da escola de samba pela minha deficiência eu teria condição mas o hip hop me abraçou como filho.

Quando a violência nos atinge diretamente o impacto é mais forte a realidade vivida pelo nosso pesquisado nos revela a banalização da vida quando alguém do seu convívio que não hesita em lhe alvejar é muito grave.

#### ENTREVISTADO P

Tenho amigos dos movimentos ligados com tráfico usuários traficantes para trabalhar como, líder comunitário na CUFA eu precisei conversar com todo mundo. Como sabem que estou no processo de organização na entrega de cestas básica ou na entrega de auxílio cultural emergencial através da CUFA eu converso com eles que não estou interferindo no trabalho deles. **Cada um com seu corre (espécie de trabalho como ganhar a vida) que quero ajudar quem precisa meus amigos que são usuário sei que vou conseguir comida eles vão trocar por droga.** Não vou ficar dando sermão cada um com seu corre, eu estou atrás de ajudar arrumar curso de capacitação para a gurizada conversar com as empresas parceira. Para colocar eles no mercado de trabalho em relação a polícia eles estão aqui para nos matar como diz a música do Emicida somos alvos caminhado por aqui. Existe um projeto de extermínio do jovem negro eu sou o perfil a ser abatido. É fato o sistema utiliza da força policial como uma alternativa para isto eu não falo só da morte. Existe as micro violência ser sempre aquele que é parado como suspeito aquele, que levado para averiguação sem ter fixa policial, aquele que vítima da truculência policial. Na realidade somos considerados uma praga que precisa ser exterminada por isto que somos aqueles que viram dados e estatísticas. Os governos não se fazem nada para mudar isto até o dia que a preferia ocupar o asfalto exigindo que seus direitos. Quando a favela descer o morro aí não vai ficar bom para eles. Nós somos a maioria deste país. Temos que tomar o poder penso que chega dos racistas fazer o que quiser e não serem punidos sei que você vai achar que sou radical, mas é assim que penso.

Esta afirmação feita pelo nosso pesquisado que mesmo ciente que seus amigos irão usar a cestas básicas para comprar drogas, com sua família passando necessidade, mas o vício é mais forte. E o fato de P saber que este alimento será desviado para continuar trabalhando no território sem ter atrito com tráfico precisa abrir algumas concessões

Nossa percepção da forma como os entrevistados vem a violência no território de que o processo de violência está diretamente ligado a falta do estado como agente de transformação da realidade local. Se percebe a força policial muitas vezes mais inimiga dos moradores da periferia que o próprio traficante. Que uma distorção de valores o estado que deveria proteger, mata. humilha muitas vezes mais que o considerado marginal. A droga e um flagelo que os atravessa indiscriminadamente todos tem total consciência como este mal interfere diretamente no cotidiano das suas vidas. Seja porque alguns foram usuários ou porque perderam alguém para droga seja no confronto de gangues ou no confronto com a polícia e está violência afeta o emocional de todos.

**Na próxima pergunta os entrevistados foram questionados se eles se veem como exemplo a ser seguido.**

ENTREVISTADO C

A cultura me deu oportunidade de tornar uma figura pública com a música me levou a vários lugares das grandes mídias tinha sucesso, mas com tempo percebi que falar sobre os jovens não era o suficiente tinha que dar o exemplo. **Eu sempre dizia que voltava a estudar por algum motivo o outro eu não fazia quando me despertou a vontade de trabalhar com jovem eu teria que dar o exemplo hoje eu sou este exemplo para o jovem que admira meu trabalho e para as pessoas da minha idade** que hoje me dizem que estão voltando também, meu pai sempre buscou isto pra mim hoje eu estou buscando uma galera nós somos pretos periféricos. Exatamente eu a partir da experiência vivida posso ser um agente de transformação para contribuir com a minha periferia somente através da educação conseguiremos sair desta situação de miséria e falta de direitos sociais.

O fato de o pesquisado perceber o que seu exemplo faz para os jovens na sua comunidade é muito importante porque tudo que estes jovens precisam é de bons exemplos para serem seguidos.

## ENTREVISTADO R

**Depois 15 anos viciado estou limpo há 5 anos.**

**Mas é necessário se afastar de pessoas que usam drogas tu pode ajudar dar conselhos, mas não estar naquele lugar se tu vais te abalar a reação da falta da droga se reforça em cristo reza busca ajuda.** Uma mãe me procurou pediu ajuda como fazer para seu filho sair da droga falei pra ela ele precisa querer precisa viver um dia de cada vez. Hoje. não tenho grandes ambições, não quero mais constituir família ter uma casa, quero apenas ter um emprego de carteira assinada curtir meus pais, filhos minha família.

O fato de R depois de usar drogas durante 15 anos e conseguir sair disto com certeza é um grande exemplo para usuários de drogas como ele também sair desta situação de dependência.

## ENTREVISTADO W

O primeiro ano foi bem difícil meus próprios ritmista tentaram me resgatar isto me dominava durante 6 meses e as pessoas não sabiam lidar com isto. Uma coisa que me marcou e me chamar de aleijado, na época nos 2000 não tinha muitas pessoas portadores de deficiência e as pessoas não sabiam como lidar com isto. Então foi procurar pessoas iguais a mim procurei a ALDEF entidade que trabalha com os portadores de deficiente. Que coordenava na época era o vereador Nestor que também era portador lá eu aprendi que não aleijado que esta era forma pejorativa de chamar o portador. **Aprendi como uma instituição trabalhava, mas agora com tema da deficiência e lá eu vi pessoas com mais dificuldades que eu sorrirem então criei força para me adaptar. Buscar os meus objetivos e vi que tinha oportunidade de voltar para minha área eu já conhecia o hip hop escutava racionais que falava da voz ativa. Iniciei a fazer palestra para e jovens para ficar longe das armas para não passar pelo que eu passei.** Ficar nas ruas agente não encontra boas amizades muitas vezes nossos pais nos dizem, mas a gente não leva a sério. E importante hoje quando faço oficina de hip-hop falo isto na época quando iniciei eu já conhecia o hip hop eu trouxe para dentro das escolas de samba o hip hop trouxe a primeira oficina com um grupo trocando ideia da Fabiane e sua companheira. Como eu já era uma liderança no bairro juntei a estrutura da ALDEF que tinha uma kombi adaptada e sai fazendo atividades juntamente Douglas criamos a voz da COHAB tudo isto depois de levar o tiro ficar deficiente o hip hop me ensina o poder reivindicar meus direitos. Dar a cara a tapa pra bater sem medo me dava a voz ativa adotou porque a pessoa da escola de samba pela minha deficiência eu teria condição, mas o hip hop me abraçou como filho.

Não daria conta e hip hop me abraçou DNN, o mano OX o e pessoal do hip hop sul aqui no Rio grande do Sul que vieram para se apresentar aqui na escola Gladiadores. No ano de 2001 nos organizamos criamos a oficinas de hip-hop grafite bibox Dj logo depois em 2003 aqui criamos nos organizar criamos cultura na praça. Fazíamos domingo cultural todo

mês. Atuávamos onde a gente trazia a comunidade a economia solidaria o pessoal do teatro o roque trazíamos alguém de fora, mas valorizávamos a cultura local. A escola de samba continuava fazendo, mas não queríamos fazer uma organização social com todos os atores cada um na sua área no sétimo domingo. Cultura a escola de samba também veio logo depois criei o grupo de hip hop. Só mais um Aliado através do grupo eu levava a minha música não só para dançar para fazer pensar tem cunho social político. A gente que faz cultura faz política como desenho desde criança fiz o grafite na organização acabamos criando a associação de hip hop hoje tenho aluno que está se formando em arte a importância.

W utiliza da violência que sofreu para oportunizar aos jovens a importância de ficar longe das armas e das drogas e fantástico que utilize sua dor para auxiliar jovens negros do seu território.

ENTREVISTADO P

**Hoje atuando como liderança no bairro porque percebi que tinha que fazer a minha parte faço faculdade de administração. Trabalhei como educador social na secretaria de cultura, quando estive no governo vi que quem recebe a informação primeiro, sempre se tem mais acesso.** Que as informações não chegam para periferia, percebi que se a gente não se unir os caras vão sempre se beneficiar “os seus”, participar da Cufa me fez ver que nós podemos fazer por nós lutando para que o governo as universidades as grandes empresas nos deem o que temos por direito hoje eu puxo a frente mais sei que sozinho não consigo nada se sou exemplo confesso que não sei só quero contribuir com para meu povo.

Ao longo da entrevista percebi que ele não se considera um exemplo, mas com certeza ele é. O fato de usar seu conhecimento para ajudar seus pares, o transforma um exemplo a ser seguido.

Nossa constatação que atuação desta liderança influencia positivamente para uma mudança de paradigma sobre o jovem preto periférico eles com suas determinações são exemplos mesmo que muitas vezes não se dão conta disto. e para aquele que se reconhecem sabem a importância de ser o exemplo e a responsabilidade que isto acarreta na suas vidas.

A postura de enfrentamento das diversidades o processo de empatia com outro, a visão ampla do processo político e visão que a estrutura está posta para gerar a discriminação. Que o poder determina quem deve viver e que deve morrer. Nos faz perceber que nossa pesquisa está no caminho certo não somente nossa

percepção que existe um sistema criado para o extermínio da juventude Negra. As lideranças do território têm a mesma visão e observar que estas lideranças estão fazendo a sua parte. Pode parecer pequena contribuição destas lideranças, mas em um território que o Estado chega de forma precária para que recebe o auxílio e muita coisa.

**Os entrevistados foram instigados a lembrar de momentos difíceis e momentos bons, passado no bairro.**

ENTREVISTADO C

**Para mim meu pior momento: Quando certa vez cheguei de volta de uma viagem do Rio de Janeiro tinha feito muito shows e quando cheguei no bairro havia me falaram o meu melhor amigo de infância tinha morrido na troca de tiro com a polícia fiquei triste ele era cara legal alegre** jogávamos bola junto queria ser jogador de futebol se envolveu com a tropa e hoje está morto sentei na calçada e fiz um avaliação meus amigos ou estavam presos ou mortos e aquele que conseguiram sair tinham dificuldade de arrumar emprego e acabavam voltando para o crime

**O meu melhor momento: Quando várias lideranças do bairro mais antigas me convocaram para ser candidato a vereador pelo bairro Feitoria** pelo partido democrático trabalhista PDT senti que deveria aceitar mas este desafio porque queria levar a periferia para câmara suas demandas suas lutas.

O fato de seu pior momento estar relacionado diretamente com a violência sofrida pelo seu amigo. Sua morte mesmo ele estar envolvido com tráfico marca a vida de C porque as pessoas boas podem se deixar envolver pelo crime. Por outro lado, o fato de ele ter sido escolhido pelas lideranças mais velhas para ser candidato a vereador só corrobora que ele é uma grande liderança e poderia contribuir politicamente para ajudar o bairro em suas demandas.

ENTREVISTADO R

**Para mim foi o pior momento: nunca comprei fiado as drogas comprava e pagava vi pessoas morrer na boca ,certa vez vi um cachorro comer os miolos de uma pessoa conhecida minha pegou droga não pagou e foi pegar de novo e eu na hora ne me dei conta do horror que era aquela cena só queria pegar a pedra na fissura de satisfazer meu vício** depois fiquei pensando poderia ser eu esta cena me marcou muito , outra vez tinha um viciado que pegou 15 pedra dividiu com todo mundo foi a festa dos viciados eles tinham que pegar 3 e vender o resto mas deu pinaltiado (termo usados pelos usuários quando pegam a droga e não pagam) nós que usamos as pedras poderíamos ter

morrido com ele o dono da boca mandou buscar ele onde estávamos depois apareceu morto e nós sabendo que droga era do dono da boca usamos sem pensar nas consequência

**O meu melhor momento: A minha filha mais velha já tem 30 anos tenho uma neta tinha prometido pra ela que quando minha neta nascesse iria parar. E ela me cobrou que exemplo tu vais querer dar para tua neta desse jeito não vai ver ela crescer** meus filhos nunca me abandonaram, meus irmãos minha mãe somente meu pai nunca foi me ver lá onde eu morava num casebre todo sujo aquilo não era uma Casa. Hoje consigo ter paz a relação com a família é ótima, me olham com outros olhos a receita se reforçar na religião e para sair desta situação primeiro tem que querer sair.

O horror de ver uma pessoa morta, o fato de ser alguém que ele conhecia, e que isto não o abalou naquele momento, faz com que se perceba que hoje mexe com seu psicológico a forma como o vício da droga o faz banalizar a vida. O lado positivo se mostrou através do apoio da família, que foi fundamental para saída dele da droga esta estrutura forte potencializou a vontade dele de sair também percebemos que ele encontrou na religião um caminho para auxilia-lo.

ENTREVISTADO W

**O pior momento:** Como já falei O primeiro ano foi bem difícil meus próprios ritmista tentaram me resgatar isto me dominava durante 6 meses e as pessoas não sabiam lidar com isto. **Uma coisa que me marcou e me chamar de aleijado, na época nos 2000 não tinha muitas pessoas portadores de deficiência e as pessoas não sabiam como lidar com isto.**

**O Melhor momento:** Quando o hip hop me ensinou o poder reivindicar meus direitos. Dar a cara a tapa pra bater sem medo me dava a voz ativa adotou porque a pessoa da escola de samba pela minha deficiência eu teria condição, **mas o hip hop me abraçou como filho.**

O fato de ter ficado deficiente e as pessoas amigas não saberem como lidar com isto e ele precisar se adotar se reinventar foi um momento difícil, mas que o ajudou a forjar o sujeito quem ele é hoje. O aspecto positivo destacado por W demonstra o quanto a cultura salva através da inclusão quando ele se sente acolhido consegue contribuir traz a esperança para um recomeço, sobretudo de uma pessoa tão ativa como ele que de repente se vê imobilizado, mas percebemos com uma mente brilhante não se deixou abater e através da cultura seguiu-o sua trajetória de liderança no bairro.

**Entrevistado P**

**O pior momento:** ver a galera que cresceu comigo se envolvendo com a tropa (Grupo de pessoas ligadas ao tráfico) a gente sabe que está galera tem pouco tempo devida não existe traficante aposentado ver uns guris inteligentes que eram bons alunos, mas que não resistiram a ir para os corre para ganhar dinheiro fácil muitas vezes tenho que ter cuidado como lidar com eles porque quando estão na fissura assaltam qualquer um até os amigos.

**O melhor momento:** Quando através da CUFA pode distribuir mais de 500 mil em recurso direto para as pessoas que trabalhavam com a cultura, entregamos para as pessoas que estavam sem salário nenhum, por causa da pandemia. O valor de 2,000,00 reais por pessoas e por coletivos informais 5.000,00 reais e coletivos formais 10,000,00 foi a maior distribuição de recurso pela CUFA no Rio Grande do Sul. Ver alegria no rosto das pessoas por receber o recurso valeu todo trabalho feito. Depois consegui distribuir mais de 1000 cestas básicas, para pessoas carentes da cidade de São Leopoldo.

Nós percebemos que todos tiveram momentos difíceis, mas conseguiram vencer seus obstáculos seus exemplos de superação que fizeram eles serem está referência no território o momento difícil de ver um amigo morto ou ser alvejado pelo amigo a dor da perda a luta para recomeçar todas estas mazelas foram importantes para forjar as pessoas que eles se tornaram, e a importância que eles têm no seu bairro.

Além das entrevistas realizadas, o caminho da pesquisa nos levou a entrevistar, também, profissionais da educação que atuam no bairro Feitoria. A seguir apresentam-se as perguntas e respostas da coordenadora pedagógica L, que respondeu à pesquisadora.

**Na sua opinião a evasão escolar contribui com a violência da juventude?**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

A escola é um espaço onde o jovem convive com outros jovens mesmo aqueles que estão fora da escola vem na para frente da escola esperar os amigos para conversar, aquele jovem que não na escola está fica exposto a situações de violência até porque este jovem que fica em casa se supervisão de um adulto ele quer se relacionar quer conviver com outros jovens com isto muitas vezes acabam se envolvendo em situações de violências.

**Na tua opinião o que leva o jovem a evadir a escola?**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

Participo de um grupo de pesquisa da Unisinos nossa pesquisa mostrou que 30% dos jovens evadem.

### **Por quais motivos os jovens evadem?**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

Na sua maioria por desigualdade social os jovens evadem porque precisam ajudar suas famílias acabam indo para sub emprego ou para o comercio acabam trabalhando 8 horas por dia num trabalho cansativo e continuar estudando a escola se esforça para auxiliar distribui cestas básicas quites de higiene este não o papel da escola. A escola é lugar de conhecimento. mas precisamos fazer trabalho porque a desigualdade está cada vez maior outra causa da evasão escolar porque não houve uma modernização da escola. A escola tem que ser mais inclusiva com acesso a computadores modernos e espaços de interações. Hoje os computadores dos alunos são melhores que os da escola com isto existe um desinteresse por parte dos alunos por exemplo na pandemia tivemos que nos adaptar com a plataforma que o governo implementou os alunos estão tendo dificuldades de adaptação e um processo muito impessoal os deveres são enviados a média de 13 exercícios por semanas eles acabam por não fazer e vão acumulando e respondem de qualquer jeito e reclamam quando não tiram notas boas alegando que entregaram entendendo só o fato de entregar já seria o suficiente.

Acredito que a escola deve voltar a sua normalidade que precisamos vacinar todo mundo para que haja segurança para retorno também se faz necessário dar mais condições aos professores cursos de qualificações melhores condição de trabalho o mundo evolui e a escola ainda está vivendo no passado não a nossa escola, mas algumas escolas não conseguem atrair os alunos.

### **Na questão da evasão escolar no quesito raça cor a juventude negra evade mais ou para você e mesma proporção?**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

Sem dúvida a juventude negra que mais evadem a escola por causa da desigualdade social, os jovens negros evadem para ir para o mercado de trabalho. Porque se você não ter o que comer e estudar ele vai comer muitos deles acabavam indo para os trabalhos informais "bicos" ou para comercio onde o trabalho e bem cansativo. Uma coisa que percebi na minha pesquisa foi o embranquecimento das últimas turmas do ensino médio. Normalmente no ensino fundamental o contingente de alunos negros e maior a partir que vai indo para seres finais do ensino médio. Os alunos negros vão evadindo porque seus pais não tem condições de mantê-los somente estudando que o correto eles precisam trabalhar para ajudar e não conseguindo se manter na escola e trabalhando acabam desistindo alguns acabam voltando depois.

Nesta semana uma mãe me procurou dizendo que sua filha conseguiu uma vaga de jovem aprendiz no mesmo horário da escola. Com a pandemia perda de renda ele tem mais dois filhos menores um autista e o estado não ajuda com tratamento este emprego da filha mais velha judaria muito a família. A orientei transferir a filha para outra escola em outro turno porque par ter a vaga de jovem aprendiz precisa estar na escola.

### **Tu achas que eles desistem porque não gostam de estudar?**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

Não estes alunos só abandonam a escola por causa das desigualdades sociais. Temos alguns alunos brancos que não gostem de estudar, mas estes permanecem na escola vem contrariados dão trabalho, mas ficam porque seu país pode mantê-los na escola.

### **Na tua opinião o que escola precisa fazer para ser mais inclusiva:**

COORDENADORA PEDAGÓGICA L

Vou falar de uma política pública que já existia em tempo integral tínhamos os alunos que vinham de manhã faziam atividade lúdicas de lazer almoçavam e a tarde estudavam já aqueles que estudavam de manhã a tarde no contra turno faziam atividade lúdica de lazer sempre com a supervisão de uma mãe do CPM o fato dos alunos estarem em tempo integral na escola com a supervisão de um adulto dá uma certa tranquilidade aos pais porque mesmo estando em casa sozinhos com o advento da internet eles não estão sozinhos e muitas vezes este acesso se supervisão pode trazer muitas tristezas foi que aconteceu com um dos nossos alunos estamos com atendimento de uma psicóloga que nós diz que para entender nossos alunos precisamos estar atento aos sinais os adolescentes dão em relação que estão vivenciando.

A resposta obtida da nossa pesquisa nos faz concluir que nossa hipótese se confirma não em um desinteresse, por parte do jovem negro aos estudos, mas existe uma questão fundante para a evasão escolar deles: as desigualdades sociais. Eles querem permanecer na escola, mas não conseguem porque precisam ajudar em casa e sua renda contribui para renda da família. Nossa inquietação nos faz refletir como diminuir as desigualdades sociais para manter estes jovens na escola.

Por fim, concatenado com estes depoimentos e entrevistas, encontramos uma análise do professor Jéferson Luís da Silva, que atua nas áreas de Língua Portuguesa, Literatura e em Projetos Autorais e (ou) Colaboração. Desta última, o professor coordena grupos de pesquisa científica entre jovens estudantes da escola estadual CAIC Madezatti, contendo intensos debates sobre as diversas necessidades da comunidade. De acordo com o Anexo A é possível encontrarmos tanto algumas das pesquisas e seus eixos territoriais, quanto as considerações deste professor, sujeito negro e pertencente a comunidade do Bairro Feitoria, em relação a importância das pesquisas e dos incentivos de iniciação científica para jovens comunitários.

#### 4 GENOCÍDIO DE JOVENS NEGROS NA PERIFERIA DO BAIRRO FEITORIA

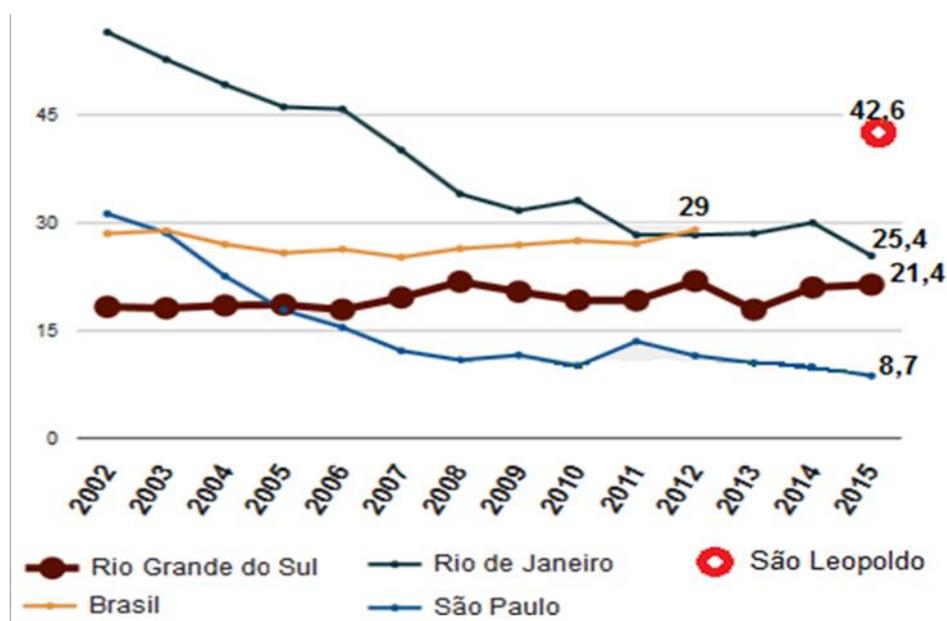
Podemos perceber pelos dados apresentados que os índices de homicídios têm aumentado que sobre tudo da população negra que precisamos entender que estas mortes impactam diretamente a sociedade que não consegue construir políticas públicas efetivas que elimine esta violência contra população negra

Dentro da realidade do estado do Rio Grande do Sul, cujo índice da população branca 78,6% dos habitantes do Rio Grande do Sul se consideram brancos – é o segundo maior índice do País, atrás somente de Santa Catarina região majoritariamente branca população, conforme o IBGE em 2017, o número de assassinatos de negros é maior na proporção, mas menor em números absolutos.

Em comparação ao nível nacional, a população negra representa quase 75,5% das vítimas de homicídios. Foram 49,5 mil negros assassinados contra 14,7 mil não-negros, segundo o Atlas da violência do RS.

Ao nos depararmos com estes índices acima, devemos nos preocupar quando, em um estado, onde o número demográfico da população negra é menor e mesmo assim os registros de homicídios desta população são muito altos observando o gráfico 1 – Taxa de homicídios: comparação entre taxas de homicídios a cada 100 mil habitantes por ano.

**Gráfico 1 – Taxa de homicídios**



Fonte: Atlas da violência do RS (2019)

Especificamente o Vale do Rio dos Sinos e a cidade de São Leopoldo, segundo a pesquisa do Instituto Humanitas, apresentaram o maior número de casos na região. Apenas os municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo foram responsáveis por mais de 68% dos casos, segundo o mesmo instituto, entre os anos de 2009 e 2016.

Na cidade de São Leopoldo, mais especificamente nos bairros considerados mais violentos, os dados divulgados pelo Jornal Vale dos Sinos (VS), no dia 23 de maio de 2018, informaram que nestes bairros – Feitoria e Vicentina – foram registrados 7 dos 31 homicídios, de toda Cidade. Estes bairros, em sua maioria, são compostos pela população negra. Em fator consequencial a evasão escolar, este estudo também problematiza a relação de violência que acomete a população negra.

A violência contra a juventude negra impede que ela tenha seus direitos garantidos exemplo o direito de ir vir, diversas vezes estes jovens são abordados pelos policiais, que alegam estarem em situações suspeitas o famoso “paredão” são circunstancias constantes estas abordagens policias são realizadas muitas vezes de formas violentas.

O constrangimento de sofrer a abordagem policial, as pessoas conhecidas os verem naquela ocorrência, esta conjuntura traz um sentimento de aversão ao trabalho da polícia porque eles se dão conta de que existe o racismo. Neste caso é o racismo socio ambiental porque nos bairros considerados nobres a abordagem não acontece desta forma, um grupo de jovens brancos com a mesma vestimenta, blusa com capuz bermuda e skate tem abordagem diferentes os jovens negros são considerados suspeitos.

Existe uma máxima que se fala na periferia, que segundo estes jovens é muito usado na corporação policial *“negro parado suspeito negro correndo ladrão mais de dois negros agrupados bando meliante tramando assalto”* este texto que muitas vezes e usado em forma de brincadeira não passa de micro violência se você for jovem e negro não use blusa capuz, não ande em grupos.

A adolescência é o momento que os jovens passam se organizar em sociedade, que querem ser aceitos ter amigos viver no coletivo e fundamental para sua construção em quanto cidadão. Quando o estado por meio da as força policial proibi esta coletividade está fazendo uma intervenção arbitraria na vida deste jovem que resultar para sua vida adulta.

A violência contra a sua vida social está vinculada a uma visão preconceituosa por parte do estado que analise o território de forma homogenia. Um

território violento onde acontece várias mortes onde o tráfico atua intensamente os dados mostram que é um local onde o policiamento deve ser ostensivo e polícia não tem como saber se jovem parado na rua é bandido ou não.

Neste caso utiliza se uma máxima que todos são suspeitos até que se prove o contrário segundo relatos da polícia existe uma abordagem padrão para estes locais. Num bairro como a Feitoria que possui mais de 36.221 moradores cujo o índice de jovens e criança são em 11.952 avaliando-os com o mesmo tratamento todos como suspeito porque mesmo aqueles frequentam a escola em dado momento irão estar vivendo no coletivo parado em uma esquina ou andando de bicicletas com amigos andando de skate nas praças, é uma violência não é porque o bairro considerado violento, todos os seus moradores são bandidos.

Porque em todos os processos democráticos conferencia da juventude conferencia da igualdade racial as reivindicações são sempre as mesmas uma abordagem policial humanizada o fim da truculência policial ,Uma formação contra o racismo e discriminação na força policial esta reivindicações vem sobre tudo dos jovens negro, Claro que querem acesso ao mercado de trabalho mais cursos de qualificações incentivo à cultura ,mas a questão da violência policial é uma das maiores reclamações deles que estão corretos o estado precisa protegê-los não extermina-los não constrange-los.

A juventude negra vive um processo de extermínio por vários motivos a violência nos territórios guerras do tráfico disputa de poder. Além disto a própria ação da polícia nos bairros considerados violentos onde a atuação é ostensiva causando perdas pelos jovens vinculados ao tráfico bem como aqueles que de alguma forma estão expostos porque mesmo não estando ligados tem amigos envolvidos e acabam ficando entre a polícia e acabam mortos dados sobre as balas consideradas perdidas que matam inocentes e preocupante. Segundo Rayane Rocha (2021) para a CNN no Brasil em 2020.

Ao longo de todo o ano de 2020, o Fogo Cruzado registrou 123 pessoas alvejadas por balas perdidas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Deste total, 26 pessoas morreram e 97 apresentaram ferimentos A Região Metropolitana do Rio de Janeiro contabiliza 100 vítimas de balas perdidas só em 2021. O levantamento foi realizado pelo Instituto Fogo Cruzado, responsável por uma plataforma de monitoramento de violência armada. De acordo com as informações da entidade, a marca foi atingida no último sábado (16). Ao todo, 23 pessoas morreram por disparos de armas de fogo esse ano e outras 77 ficaram feridas em situações em que não tinham nenhuma ligação com o confronto. O instituto estima que, mensalmente, 10

cidadãos foram alvo de projéteis nestas condições no período de janeiro a outubro deste ano.

Esses dados são do estado do Rio de Janeiro que considerado o primeiro do ranking, mas essas violências podem acontecer em todo Brasil entendendo de que este tipo de confronto acontece em bairros periféricos onde a população que lá habitam estão vulneráveis por estar vivendo dentro de um confronto. Podemos traduzir que a violência que os atinge está ligada ao racismo socio ambiental porque ela acontece por a periferia ser um espaço marginalizado e a maioria da população que mora lá ser preta e parda. Conforme Iuri Corsini e Maria Mazzei, da CNN BRASIL (2021):

A pesquisa aponta que a favela brasileira é uma condição urbana: 89% desta população está situada em Regiões Metropolitanas. Segundo a pesquisa, nelas, a população negra representa 67%, um patamar bem acima da média nacional, de 55%. Pós-doutor em História Comparada, pela UFRJ, e conselheiro do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), o babalaô Ivanir dos Santos destaca que a data é importante como instrumento de busca de visibilidade, e ressalta o contexto histórico no qual a expressão surgiu, que aponta como discriminatório.

A pesquisa realizada pelo Ceap confirma o processo discriminação socio ambiental o fato da maioria dos moradores serem negros e esses espaços serem onde o estado chega de maneira precária nos mostra o quanto o racismo atua de forma marginalizar a população negra historicamente.

O processo que leva a dados considerados alarmantes do que tange os homicídios da população negra no Brasil nos fazem refletir quais alternativas que devem ser implementados para que essa violência não continue acontecer segundo pesquisa do Mapa da Violência (2019):

A chance de uma pessoa negra ser assassinada no Brasil é 2,6 vezes superior àquela de uma pessoa não negra. A taxa de homicídios por 100 mil habitantes negros no Brasil em 2019 foi de 29,2, enquanto a da soma dos amarelos, brancos e indígenas foi de 11, 2.

Os dados do mapa da violência refletem que as estáticas que a cada ano o aumento dessa violência traz um contexto de extermínio da população negra sobre tudo da juventude que esta consequência impacta diretamente o futuro desta população.

Quando a falta de prospecção de futuro para jovens periféricos, favelados que são onde mora a maioria da população mais empobrecida. Podemos estimar que

pode não haver futuro para jovens pobres no Brasil mesmo parecendo uma visão catastrófica pensando nos índices das mortalidades e o aumento significativo da violência. Esse quadro pode se agravar, caso não haja uma ação contundente por parte da autoridade de política de segurança pública.

Segundo dados do IPEA no Mapa da Violência 2021 a morte dos jovens negros em 2019 é alarmante a cada 100 jovens entre 15 e 19 anos morrem em torno de 39 foram vítimas de violência. Nesse sentido, o organizador do Atlas da Violência 2021, Daniel Cerqueira (2021), aponta:

Com efeito, no Brasil a violência é a principal causa de morte dos jovens. Em 2019, de cada 100 jovens entre 15 e 19 anos que morreram no país por qualquer causa, 39 foram vítimas da violência letal. Entre aqueles que possuíam de 20 a 24, foram 38 vítimas de homicídios a cada 100 óbitos e, entre aqueles de 25 a 29 anos, foram 31. Dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 23.327 jovens que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país.

Ao trazer o dados do mapa do violência nossa pesquisa quer trazer para o parâmetro que estes dados que vem se ampliando a cada ano só reflete que o trabalho da segurança pública tem tido dificuldade de diminuir violência e nossa percepção de que este trabalho não pode ser realizado por apenas uma política pública existe um processo transversal de ações que precisam serem executadas e necessário trabalhar as políticas de educação, a política de assistência social e segurança pública para juntas diminuir os índices de violência contra a juventude negra.

A construção de um povo considerado forte se faz necessário uma resistência deste povo que apesar de todas as adversidades o povo negro busca sua identidade dentro de uma sociedade que precisa garantir direitos a todos.

#### **4.1 Raça & cor em um processo de construção identitária**

Quando fazemos uma análise sobre o processo de identidade do sujeito afrodescendente, sua analogia está intrincadamente ligada às desigualdades sociais, devido a uma visão de mundo que coloca este sujeito como inferiorizado considerado na construção de uma sociedade que cresceu economicamente com a escravidão.

E somente subjugando o sujeito que consegue explorá-lo e enriquecer com o trabalho, neste sentido a manutenção do preconceito para manter o que se considera ser o padrão de cidadão cria uma sociedade racista homofônica sexista. Segundo APPIAH (2016, p. 26):

Infelizmente vivemos em sociedades que tem tratado muitas pessoas com desprezo, por serem digamos, mulheres homossexuais negras e judeus como nossa identidade são moldadas dialogicamente “segundo Taylor: as pessoas com características as têm considerados essências –o mais das vezes negativas essenciais as suas identidades”. A política do reconhecimento começa quando se percebe que isto está errado.

Quando percebemos que a sociedade, dita “evoluída”, perpassa por ações que levam a atitudes discriminatórias entendemos que esta sociedade está vivenciando um processo de alienação da sua própria identidade.

A estrutura montada para discriminar os conceitos criados para que esta sociedade tivesse um entendimento de que alguns eram superiores a outros. Esse arranjo alienou e essa alienação contribui com uma ideia de sociedade que só a diminui, e, por não entender seus privilégios, acabam reproduzindo o preconceito. Segundo Pinheiro (2014, p. 44):

Parece-nos que é através deste poder simbólico que este branco busca fortalecer e ampliar a sua força de dominação, principalmente quando isso se estabelece no campo social das lutas por igualdades de direitos. Para Bourdieu (2004, p. 166), “[o] poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores”.

O preconceito fora criado como uma alternativa para a exploração do ser humano, que é colocado como inferior pela sua cor da pele. Tendo em vista o uso desta mão de obra, considerada barata por ser escravizada, a construção desta métrica possibilitou a desigualdade social que assola os descendentes de escravizados, da mesma forma, os descendentes daqueles que escravizaram estão hoje em uma situação de privilégio.

Neste sentido, os descendentes de africanos ou de europeus, hoje precisam se autoanalisar e entender o seu lugar nesta construção de mundo menos desigual, sem preconceito, porque, segundo APPIAH (2016, p. 26):

Mais vale insistir que o dano causado por práticas anteriores de exclusão não foi simplesmente a negação da estima a coroação do autorrespeito.

Todas as velhas formas de desprezo levam não só a negação do respeito, mas mantêm as pessoas fora do emprego, educação, dinheiro e poder.

Diante da análise do autor, ao perpetuar as práticas de exclusão, potencializam-se as desigualdades sociais. Neste contexto, nossa análise dos jovens negros periféricos nos conduz por caminhos que fazem perceber o quanto a baixa estima e a falta de entendimento de sua etnia distancia a compreensão da sua importância para o crescimento deste país (processo análogo à alienação).

O jovem periférico do bairro Feitoria e sua concepção de identidade. Trazendo esta reflexão para a pesquisa realizada com a juventude negra no bairro Feitoria, Bairro da cidade São Leopoldo no estado do Rio Grande do Sul. Analisando a relação entre a população negra, baixa escolaridade, alta evasão escolar e suas consequências no bairro, podemos compreender que a desigualdade social faz com que os jovens abandonem a escola, indo para o subemprego ou para o tráfico, a fim de sustentar suas necessidades pessoais e familiares.

A evasão escolar também permite com que os jovens possam estar mais tempo expostos à violência. Sem a devida escolaridade, e com poucas condições para a conquista de um emprego, que possa sustentar com dignidade sua família. Muitas vezes, mesmo com todos os riscos expressos, estes jovens passam a ser aliciados pelo tráfico. Fomentando ainda mais o índice de pessoas negras na marginalidade.

Nossa análise perpassa pelo processo de desigualdade social que impede a identidade do jovem com o ambiente escolar. No contraponto, esse jovem alienadamente se identifica com o tráfico, e o poder instantâneo proporciona a sensação de estar em um lugar destinado a ele, como se não tivesse alternativa, somente a marginalidade.

A falta de pertencimento ao ambiente escolar, devido a sua cultura não ter visibilidade na escola que é originada pelo racismo estrutural que introduz esta premissa com o objetivo da construção de uma sociedade desigual que tem a necessidade da exploração do outro para sobreviver, quando falamos dos menores salários, daqueles que na sua maioria (pretos e pardos) são os que estão em trabalhos inferiores e análogos à escravidão.

A justificativa para exercerem estas funções são sempre as mesmas: falta de qualificação, baixa escolaridade. A juventude negra é a mesma que evade a escola por não conseguir permanecer, devido a desigualdade social, fome, desemprego dos

país. Em um ciclo vicioso social, acabam indo para o subemprego ou até mesmo para o trabalho escravo. A questão racial conta nesse momento como um processo político.

A raça, neste caso, serve para determinar quem é o excluído do acesso ao poder constituído o capital as classes dominantes determinam qual pedagogia utilizada nas escolas. Segundo Bourdieu (1958):

Através do uso da noção de violência simbólica ele tenta desvendar o mecanismo que faz com que os indivíduos vejam como "natural" as representações ou as ideias sociais dominantes. A violência simbólica é desenvolvida pelas instituições e pelos agentes que as animam e sobre a qual se apoia o exercício da autoridade. Bourdieu considera que a transmissão pela escola da cultura escolar (conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas linguísticas), própria à classe dominante, revela uma violência simbólica exercida sobre os alunos de classes populares.

Esta violência simbólica relatada pelo autor é uma das causas da evasão escolar por parte dos alunos negros também a construção de uma identidade alienada que não vê sua cultura como exemplo a ser estudado que a relação com tudo que vem do negro e ruim não tem importância que sempre a cultura considerada europeia é superior a construção de hegemonia das classes dominantes por esta visão de mundo onde o outro sobretudo o negro e o indígena mesmo no século 21 é considerada inferior.

Não podemos deixar de ressaltar o processo, sobretudo no continente latino americano (no qual a população é constituída de indígenas e negros), de alienação dos europeus, sujeitos colonizadores.

A elite constituída de descendentes destes colonizadores chegou a esta terra com privilégios para explorar, retiraram suas riquezas, e, essa herança de privilégio perpetua-se até hoje.

A construção dessa da elite dominante desta sociedade que parte do pressuposto de que só é dominante porque lutou por isto que foi através do seu mérito não se dá conta de que o negro e o indígena não foram tratados de forma igual pelo contrário foram escravizados considerados animais e a desigualdade é a herança deixada pelos seus antepassados assim como os descendentes de europeus receberam de herança o privilégio não entender isto e se alienar do processo da construção da identidade da elite brasileira. Segundo Follmann (2001, p. 49):

Na sociedade brasileira, como um todo, é vítima de um complexo processo de alienação, sendo levada, por exemplo a ver-se e a entender-se como branca e, também, à Processos de identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas referenciar as suas relações no campo religioso ao catolicismo. A narrativa histórica brasileira não permitiu, durante séculos, o desempenho livre de diversos sujeitos, pois os marginalizou, desqualificou, retirou sua autonomia e sua voz.

Follmann (2001, p. 49) acrescenta ainda que “a identidade não existe a não ser na forma de manifestação da capacidade autônoma dos indivíduos e grupos na construção de sua história.”

A construção da sociedade brasileira perpassa por um processo de alienação cuja verdadeira história não foi contada. Quando a educação nos traz uma história contada de forma única se observar os dois lados da história exemplos os bandeirantes para uma parcela dos brasileiros podem ser considerados heróis os desbravadores das selvas, que abriram os grotões do Brasil para explorar trazendo muitas riquezas, sobretudo para os portugueses e a elite de brasileiros que se beneficiavam destas expedições.

Mas para os indígenas os bandeirantes não passavam de demônios que dizimaram tribos inteiras destruíram espaços religiosos roubaram as riquezas escravizaram não somente os indígenas, mas também os africanos trazidos para esta terra a força.

Esta história é contada de forma romantizada construiu se uma ideia de que aqui todos viviam em a harmonia e apenas alguns não aceitara se civilizar e acabaram tendo que ser sacrificado toda esta construção de narrativa foi propositalmente colocada nos livros e ensinada aos jovens com objetivo de propagar esta identidade alienada.

Quando à cultura do povo que construiu esta sociedade não é valorizada, aquele sujeito que não se vê representado ele por sua vez pode se deixar alienar acreditando que de fato inferior sendo a ele não foi dado as mesmas condições para, sobretudo no espaço de poder, a educação é destes lugares. Para Pinheiro (2014, p. 42):

Essa dominação e vigilância parecem se relacionar com os medos da perda deste “lugar de privilégio e status”. Neste sentido, muitos outros aspectos “patológicos” vão sendo desenterrados destes porões históricos dos brancos que, ao longo desses processos culturais sutilmente ou mascaradamente vieram desviando ou até mesmo “torcendo” a própria consciência dos sujeitos das culturas dominadas e excluídas.

Ser branco neste país e estar em lugar de privilégio neste sentido o conceito raça esta como um conceito político não biológico. Quando falamos do sujeito pardo ou preto, indígena em relação ao sujeito branco as outras etnias estão em desvantagem mesmo sendo da mesma classe social.

Um jovem branco pobre não é abordado da mesma forma pela polícia por exemplo, também a frequência destes jovens em espaço públicos considerados de elite há sempre uma situação constrangedora. O acesso ao mercado de trabalho são os jovens negros e indígena que tem mais dificuldade de arrumar um emprego.

Quando falamos de desigualdade social no Brasil está ligada a questão racial. As pessoas em mais situações de vulnerabilidades sociais são as pretas pardas e indígenas. Entretanto, somente com políticas públicas afirmativas para que se trabalhe a equidade. Construir uma sociedade mais justa e igualitária passa pelo respeito as diversidades, e quando todas as culturas forem valorizadas a identidade de cada sujeito será aceita.

A juventude negra periférica que se reafirma na cultura negra no Hip Hop no grafite que valoriza religião de matriz africana frequenta e escola de samba estuda trabalha que se reconhece sua cor sua identidade.

Mas também existe aqueles que não se reconhecem, que se utilizam de subterfugio para elevar a autoestima, se auto declaram morenos, não se identificam com nada que se refere a cultura afro, mas ao mesmo tempo vivenciam preconceitos e ainda assim não associam ao racismo e sim à questões sociais. Dessa forma é nítido que processo de identidade alienada prejudica a forma como devem sair na busca dos seus direitos.

Sobretudo, porque a estrutura social proposta precisa de pessoas que se sintam inferiores para exercer o papel do explorado no sistema capitalista a mais valia impera sobre aquele que está em vulnerabilidade a desigualdade social. foi organizada para acontecer a sociedade brasileira foi construída em uma economia baseada na escravidão. A transformação das pessoas em coisas alegando que eram selvagens não tinham alma por este motivo poderiam ser escravizados., O termo utilizado para definir os escravos eram semoventes.

Estes jovens que receberam estas heranças da baixa estimam que não reconhecem a importância da cultura negra que acredita que tudo que vem do negro não é bom estão mais suscetíveis para ser manipulado. A baixa autoestima reflete

também a necessidade de autoafirmação no caso do jovem periférico se unir ao poder paralelo pode dar ela o status que precisa para se sentir pertencente.

Hoje estão diretamente envolvidos com o que chamam de “tropa”, pessoas essas que são denominadas em seu meio social como “MDF” (Mortos De Fome) agora não querem mais se esconder.

Assumem serem traficantes, fazem carreatas para mostrar suas armas, são extremamente violentos, invadem casas de moradores, determinam que eles saiam para colocar um comparsa dentro do local. Aumentou-se ainda mais a violência no território. Muitos jovens negros orgulham-se de ter a identidade vinculada a marginalidade.<sup>3</sup>

A construção da identidade do “ser negro no Brasil” está ligada a uma construção de inferioridade devido ao processo de escravidão que neste contexto sair desta situação não simples já que estamos falando em construção programada da desigualdade social.

O processo do conceito raça, cor como uma identidade considerada inferior prejudica o processo de evolução da sociedade brasileira que passa uma imagem de que no Brasil não há preconceito de que todos são tratados de forma igual. Os estrangeiros vêm o Brasil como um país miscigenado onde não existe preconceito e todos vivem em harmonia as pessoas são hospitaleiras.

Esta identidade difundida do Brasil como um país que recebe a todos sem distinção provoca uma grande migração de africanos para cá. Que acreditando ser um país das oportunidades, mas acabam ao chegando aqui deparando-se com um país racista extremamente violento para as pessoas negras não obstante aqui as oportunidades de trabalho são sempre para os empregos mal remunerados estes africanos normalmente chegam aqui fugindo de guerras no seu país.

Porém aqui podemos observar que há uma guerra silenciosa que mata tanto o quanto as guerras civis, sobretudo o jovem negro Permanece de fato um extermínio da juventude negra no país. Seus motivos são vários: o tráfico, guerra de gangues, violência policial, as desigualdades sociais, etc.

Os pretextos são vários. Mas o porquê isto acontece está diretamente vinculado ao racismo estrutural a arma que atira tem uma razão o racismo que intrinsecamente ligado ao processo de identidade e sociabilidade.

---

<sup>3</sup> Semovente que anda ou se move por si próprio. 2.substantivo masculino jurídico (termo) ser ou coisa animada que se move por si mesma e é susceptível de afastar-se de determinado lugar.

A sociedade brasileira é cúmplice do extermínio desta juventude quando normaliza a morte deste jovem congolês, que foi espancado até a morte no bairro da Tijuca no Rio de Janeiro, no dia 2 de janeiro, também a morte do homem negro na entrada do condomínio onde morava no bairro São Gonçalo no Rio de Janeiro. Ambas as mortes em menos de 15 dias com grande repercussão na mídia.

O motivo destas mortes é novamente e continuamente a violência causada pelo racismo estrutural que escolhe quem são os corpos que devem morrer. A forma como os algozes destas vítimas agira friamente, sem hesitar, banalizando aquelas vidas, acreditando na impunidade. Estas mortes noticiadas amplamente são só a ponta do iceberg do problema da violência no Brasil.

O racismo estrutural é a arma que mais mata. As estatísticas mostram que segundo o Mapa da Violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). De acordo com Alves (2022):

Entre as vítimas de violência letal aqui no país, 74,4% são negras. A cada 23 minutos morre uma pessoa negra. São 23.100 jovens negros mortos por ano, cerca de 63 por dia. A chance de um jovem negro ser morto é 2,5 vezes maior do que a de um jovem branco. No Brasil, a polícia também mata mais a população preta. Em 2019, o braço armado do Estado fez 5.804 vítimas. Do total, 75% (ou 4.533) eram negros. E, mesmo entre policiais, o número de mortos é superior quando se trata de pessoas pretas, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 65,1% dos policiais assassinados são negros.

Estes dados só nos revelam que nos dias que aconteceram aquelas mortes morreram 23 pessoas a mais que não foram para as mídias neste sentido que percebemos o quanto a questão racial é determinante na escolha de quem vive ou morre a identidade de quem está sendo exterminado.

Existe um padrão são homens negros com idades de 13 a 40 anos. A justificativa serem possíveis suspeitos de crimes ou estar envolvido com algo ilícito. As causas desta construção da identidade do sujeito negro como possível suspeito simplesmente não dão direito à defesa.

Porque ser suspeito não imputa ao sujeito o crime segundo a lei todos são inocentes até que se prove contrário, mas, para o sujeito negro não há este direito. Ele é julgado condenado e recebe a pena da morte muitas vezes pelos mesmos que deveriam protegê-lo. Sem que o negro não tenha direito a defesa. Neste sentido a identidade negra não dá garantia de direitos os marcos regulatórios criados para a proteção do cidadão não se aplicam ao cidadão se ele for negro.

Dados nos revelam que a sociedade brasileira precisa repensar a forma como se percebe. As pessoas identificadas como negras não são possíveis que este índice de cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil é como se não houvesse futuro para uma expressiva quantidade de pessoas é preocupante que não se tem feito nada para proteger este jovem.

O Estado que deveria construir política pública que proteja quando se trata de segurança pública está mais preocupada com a punição. Se criam mais presídio do que escolas. Isso não é uma construção de uma política de prevenção à criminalidade.

É necessário proteger o jovem antes de entrar para marginalidade construindo processo para mantê-lo na escola para que tenha um futuro. Também é preciso construir políticas de acesso ao mercado de trabalho, pois sem uma rede de proteção não é possível que este jovem permaneça vivo ou fora do sistema prisional de acordo com os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.<sup>4</sup>

Em 15 anos, a proporção de negros no sistema carcerário cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Hoje, de cada três presos, dois são negros. É o que revela o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado neste domingo (18) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Dos 657,8 mil presos em que há a informação da cor/raça disponível, 438,7 mil são negros (ou 66,7%). Os dados são referentes a 2019. (ACAYABA, REIS, 2020)

Como revelam os dados, é a população negra que está em maior número no sistema prisional que não tem conseguido reabilitar trabalha na perspectiva punitiva. Deste modo saímos da senzala para favela, do tronco para presídio este paralelo não foi criado à toa. Ele está posto, quem são aqueles mais pobres, quem são aqueles que estão em maior número no sistema prisional ou aqueles que tem mais dificuldade de acessar ao mercado de trabalho, quem vive de trabalhos informais são as pessoas negras.

Porque conceituar, debater “Raça & Cor” como pontos identitários, entre diferentes etnias, mas principalmente, ser objeto de busca e pesquisa por parte desta nova população branca (que possui meios e métodos de se auto informar, e não deve colocar o sujeito em foco como seu tutor constante) deve ser ponto motriz, quando queremos construir uma identidade negra forte potente.

---

<sup>4</sup> O Anuário Brasileiro de Segurança Pública se baseia em informações fornecidas pelas secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, entre outras fontes oficiais da Segurança Pública.

Não podemos não olhar para trás, como Sankofa, pássaro africano que caminha olhando para trás (vide imagem abaixo). É necessário entender de onde viemos para saber onde vamos chegar.

Viver em sociedade é um processo complexo. Por isso precisamos entender quem somos, qual nossa identidade para exercer a sociabilidade. Quem é a população negra no Brasil, qual sua cultura, e no que ela o contribui para o crescimento deste país? Enquanto população negra, somos sobreviventes da escravidão, do preconceito e da miséria gerada pela desigualdade social, mas construímos cultura, saberes e vivências.

Mesmo com todas as adversidades, a população afro-brasileira, e sobre tudo sua juventude, é territorialmente periférica. Permanece lutando, todavia, faz se necessário mexer na estrutura de poder, construída para que o povo negro ficasse às margens do direito, da cidadania, tornando-se definitivamente um marginal. Essa identidade que nos foi imposta ao longo dos séculos, não nos determina.

De fato, pondo ao lado a pesquisadora Sueli, permito-me expressar como a mulher negra, periférica e brasileira que sou. Sou também pesquisadora, fruto de incentivos estudantis para a acessibilidade e equiparação sócio histórica.

### Figura 5 - Imagens que auxiliam o conceito dos últimos capítulos



Fonte: Acervo da autora

Da “favela” não nascem bandidos. Eles são formados mediante processo social. Assim, saí-me bacharel em Serviço Social e mestranda em Ciências Sociais. De modo a evidenciar minha cultura, concluo esta pesquisa e análise citando Emicida, com sua música Amarelo:

Permita que EU fale. Não as minhas cicatrizes  
Elas são coadjuvantes. Não, melhor, figurantes  
Que nem devia tá aqui.

Permita que EU fale. Não as minhas cicatrizes  
Tanta dor rouba nossa voz. Sabe o que resta de nós?  
Alvos passeando por aí

Permita que EU fale. Não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre a vivência. Me resumir a sobrevivência  
É roubar o pouco de bom que vivi. (EMICIDA)

#### **4.2 O processo de identidade da juventude negra no bairro Feitoria.**

As juventudes quando falamos de juventude precisamos identificar de qual juventude nos referimos, quando falamos da juventude negra do bairro Feitoria estamos falando da juventude trabalhadora filha de trabalhadores que tem uma rotina. Que estamos falando de um bairro com vários núcleos habitacionais.

Os pais destes jovens saem muito cedo para o trabalho na sua maioria trabalham em outras cidades ou em outros bairros. A Feitoria não é um bairro industrial com isto o bairro se torna apenas um lugar de moradia. Estes jovens ficam boa parte do tempo sozinhos. Na sua maioria estuda nas escolas do bairro em no turno da manhã, tarde ou noite. Aqueles que estudam nos diurnos nos contra turnos que não estão na escola ficam sozinhos nas praças, campos de futebol pistas de skates ou nas *lanhouses*<sup>5</sup> muitas vezes jogando ou entrando nas plataformas digitais.

As praças alguma não estão e bom estado de conservação os campos de futebol alguns até tem acesso, mas alguns são de instituições particulares. Não existe escola de turno integral percebemos que existe alguns trabalhos que podem serem feitas no contra turno e muitos jovens para ter acesso a internet acabam se utilizando deste expediente para conseguir está em coletivos em espaço seguro.

Quando falamos de espaço seguro porque as praças pistas de skate e campos são espaços também usados pelos traficantes para vender seu material sem despeitar suspeita por parte da polícia, mas sabemos que este expediente já de conhecimento da inteligência da polícia e quando a uma quantidade grande de

---

<sup>5</sup> Estabelecimento comercial em que é possível, mediante uma taxa equivalente ao tempo de uso, ter acesso a computadores e, na maioria das vezes, à internet, com o objetivo de pesquisar, jogar, receber e enviar mensagens eletrônicas.

drogas no bairro estes são os primeiros lugares que a polícia faz a abordagem ostensiva.

Também a grupos de traficantes que fazem questão de identificar o território como dele e deixam sua marca como acontece na praça da caixa d'água na parada 8 do Bairro Feitoria COHAB podemos observar que a gangue MDF pinchou sua marca que um rosto parecido de um extra terrestre e a sua sigla para que outras gangues saibam que ali a área e deles está praça fica localizada próximo a caixa d'água do espaço do SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgotos de São Leopoldo)

Podemos observar que esta praça está revitalizada provavelmente pelo órgão responsável pela praça, mas os jovens não podem se utilizar deste espaço público com segurança porque existe o tráfico que se toma este espaço como seu como observamos no espaço a seguir.

**Figura 6 – Praça da caixa d'água**



Fonte: Acervo da autora

Com isto que tiver destes espaços está à mercê desta violência bem como ficar no confronto entre a 'polícia e o tráfico. Este que muitas vezes procura esses lugares para socializar conversar jogar conversa fora, falar do futebol da menina que

conheceu na escola a meninas também frequentam estes espaços porque os meninos estão lá.

A vida social destes jovens passa conviver da forma que da percebemos que alguns jovens iniciam no mercado de trabalho muito cedo no temos alguns supermercados que acabam absorvendo a mão de obra destes jovens.

Que trabalham no contra turno escolar ou acabam indo para estudo noturno outra observação que fizemos que alguns destes jovens vão para a EJA<sup>6</sup> Os jovens trabalhadores estudantes, a cada dia ficam mais preocupados em manter seus empregos tem feitos jornadas maiores de trabalho como muito pouco tempo para diversão ou sociabilidade e acabam se relacionando dentro do ambiente de trabalho, sobretudo as jovens acabam casando muito cedo e tendo filho também cedo com isto acabam abandonando os estudos.

A questão da gravidez na adolescência tem uma incidência muito grande no bairro é uma das causas da evasão escolar. Segundo levantamento recente da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), apontado por Agnes Sofia Guimarães (2021):

De 2018 a 2020, enquanto houve diminuição de 10% nos casos de gravidez entre meninas brancas de 10 a 17 anos, entre meninas negras, a redução foi de apenas 3,55% nos maiores estados das cinco regiões do país: São Paulo (Sudeste), Rio Grande do Sul (Sul), Bahia (Nordeste), Pará (Norte) e Goiás (Centro-Oeste). Só em 2020, 62,74% das gestações de mães adolescentes eram de jovens negras, diante de 36,52% de gestações de jovens brancas, 0,38% de amarelas e 0,36% de indígenas.

É fato que a adolescência de jovens negras impacta diretamente do “não retorno” delas para os estudos, pois têm-se uma política conservadora no que se refere a educação sexual. Temos como exemplo a ministra Damaris, que prega a abstinência sexual por parte dos jovens.

Não existe uma política de prevenção de cuidado com essa jovem, que acaba engravidando na adolescência, comprometendo o seu desenvolvimento social, e conseqüentemente, na sua maioria acabam criando seus filhos sozinhas ou com a ajuda dos pais. É inexistente, portanto, ao pensarmos no papel do Estado, uma preocupação, quando se trata uma política que tenha um recorte étnico racial.

---

<sup>6</sup> EJA é a sigla de Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. A EJA é popularmente conhecida como supletivo.

Segundo a página eletrônica de pesquisa “PV Mulher”, é possível compreender mais sobre esse contexto.

Infelizmente o que a gente tem visto no Brasil é que todas as políticas públicas para a população negra estão baseadas na punição, no encarceramento e na responsabilização dessas pessoas. É preciso mudar a lógica dessa política, sair da penalização para buscar um olhar de desenvolvimento.

A jovem negra é vista pela o Estado e a sociedade como um problema o acesso ao mercado de trabalho para uma jovem que tem filho é mais difícil o fato dela não ter qualificação e ter um grão de estudo mais baixo também é um dado complicador e voltar para escola depois de ser mãe exige desta jovem um certa resistência porque a sociedade vai olha-la como um exemplo que não deve ser seguido as mãe na maioria da vezes afastam a suas filhas desta jovens consideradas más companhias dai podemos falar da solidão da mulher negra que na sua maioria sobre tudo na periferia que assume seus filhos e acabam criando sozinho seja porque o pai abandonou ou porque o pai foi preso ou morto.

Esta jovem acaba ficando estava ficando rotulada e para tocar sua vida acaba indo para o emprego informal depois de algum tempo volta aos estudos normalmente no EJA para conseguir ter um emprego melhor.

Também não podemos de falar da jovem que se mete com tropa as gangues de drogas está ainda fica mais estigmatizadas porque mesmo que não trafiquem o fato de andar com traficante já justificativa para todos apontar o dedo. E tem aqueles que se envolvem diretamente que traficam se tornam donas das bocas. Normalmente isto acontece quando seus companheiros estão em regime prisional.

Ela acaba assumindo o trabalho do marido até para sustentar a família e levar dinheiro para ele na cadeia para que tenha vida boa lá dentro. Esta é considerada a fiel que bem considerada pela tropa conversamos informalmente com uma delas que nos disse que a tropa da toda a proteção que ela precisa cuida dos filhos ela assumiu um espaço público do bairro para cuidar segundo ela os guris estavam fazendo baderna não deixavam os moradores dormir.

Então teve uma ordem do marido lá da cadeia para entregar a chave do local para ela e um local de festa e aluga mesmo sendo um lugar considerado perigoso no bairro a população do entorno faz suas festa no local e não da nenhum atrito

todos a respeitam Obs. o estado sabe que está sobre a intervenção dela e não faz nada porque de alguma forma ela está controlando a violência no território .

Esta juventudes negras neste bairro que diversa que tem seus anseios ,tem suas trajetórias tem alguns pontos em comum sofrem continuamente com preconceito ,a falta de acesso ao mercado de trabalho, a dificuldade de permanecer na escola e a violência do Estado do tráfico, mas apesar de suas mazelas são pessoas alegres catam e dançam a Feitoria e um dos bairros onde a cultura e efervescente recentemente foi feito um mapeamento de agentes culturais no bairro e foram mais de 300 que receberem recurso da leiadir Blanc existe um processo de desenvolvimento através da cultura sobre tudo a cultura afro que mexe com bairro, uma grande cooperativa de credito vai colocar uma sede no bairro e se reunião com lojistas, lideranças perguntando o que poderia fazer pelo bairro e todos solicitaram que investissem em cultura espaço de lazer sobre tudo para juventude .

### **4.3 Violência estrutural Racismo**

O estado como um agente que contribui para com o racismos podemos perceber que a estrutura do estado colabora para que existe a segregação de terminada população no caso do Brasil esta estrutura reage de forma violenta a qualquer tentativa de que as pessoas negras tenha seu direito garantido ou quando ele se faz representar dentro da estrutura do Estado como observamos nos casos de racismo ameaças de morte ou até mortes daqueles lideranças negras LGBTQI+ como se aquele lugar não devesse pertencer a eles e o estado se omite e colabora para esta violência para Almeida (2019, p. 54).

Uma vez que o Estado é a forma política do mundo contemporâneo, o racismo não poderia se reproduzir se, ao mesmo tempo, não alimentasse e fosse também alimentado pelas estruturas estatais. É por meio do Estado que a classificação de pessoas e a divisão dos indivíduos em classes e grupos é realizada. Os regimes colonialistas e escravistas, o regime nazista, bem como o regime do apartheid sul-africano não poderia existir sem a participação do Estado e de outras instituições como escolas, igrejas e meios de comunicação.

Como o autor no traz se o Estado não alimentasse o racismo não teria estrutura para se perpetuar quando existe uma inércia por parte do Estado em reagir a violência sofrida pela população negra ou quando o Estado é o agente desta violência também como relata o autor o regime apartheid sul africano não poderia

existir sem a participação do Estado e de outras instituições escolas e igrejas trazendo para realidade do Brasil está segregação e feita entre favela e asfalto o Estado trata de forma diferente quem vive na favela.

O Estado vê o negro favelado periférico como um inimigo que precisa ser abatido quando entra na favela atirando contra o traficante e não se preocupa se um inocente pode ser atingido ou quando ela vai para este espaço não para prender quem é marginal para executar e nesta situação se um inocente morrer e um rico calculado ou seja a corporação precisa preservar seus quadros e para isto se for preciso precisa priorizar o fato deste cidadão estar num lugar considerado marginal já confere a ele este título para Almeida (2019, p. 72).

As relações entre política e terror não são recentes, mas é na colônia e sob o regime do apartheid que, segundo M bembé, instaura-se uma formação peculiar de terror que dá origem ao que o sociólogo chama de necropolítica. (...) a característica mais original dessa formação de terror é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio.

Como o autor no traz o Estado de sitio do apartheid permitia que fosse feito qualquer tipo de violência para manter a segregação assim como no Brasil quando o Estado através da corporação policial pode fazer qualquer tipo de violência que aceite pela sociedade porque é um lugar onde mora negros pardos e brancos pobres por este motivo justifica o estado de exceção e a violência está estruturada no racismo no preconceito.

A violência gratuita por parte da sociedade que acredita estar certo a polícia agir desta forma porque não entende o outro como igual despreza porque acredita que superior decente não deve se misturar com este tipo de gente como se todos não fossemos gente igual para Munganga (2008, p. 6)

A agressão ou violência física pode no caso limite provocar a eliminação física ou a morte do "outro", do "alheio", do diferente de "nós". Discriminação propriamente dita é a negação da igualdade de tratamento aos diferentes, transformada em ação concreta ou comportamento observável.

Como o autor nos traz a violência sobre o alheio não abala a sociedade porque ela não sente igual uma família negra atingida por 80 tiros no Rio de Janeiro mas sociedade não se sentiu incomodada com isto muitas pessoas alegavam ser uma fatalidade 80 tiros em só veículo que mataram um pai de família dentro do carro seu filho e esposa e sogro que também se feriu além de um pedestre que passava e

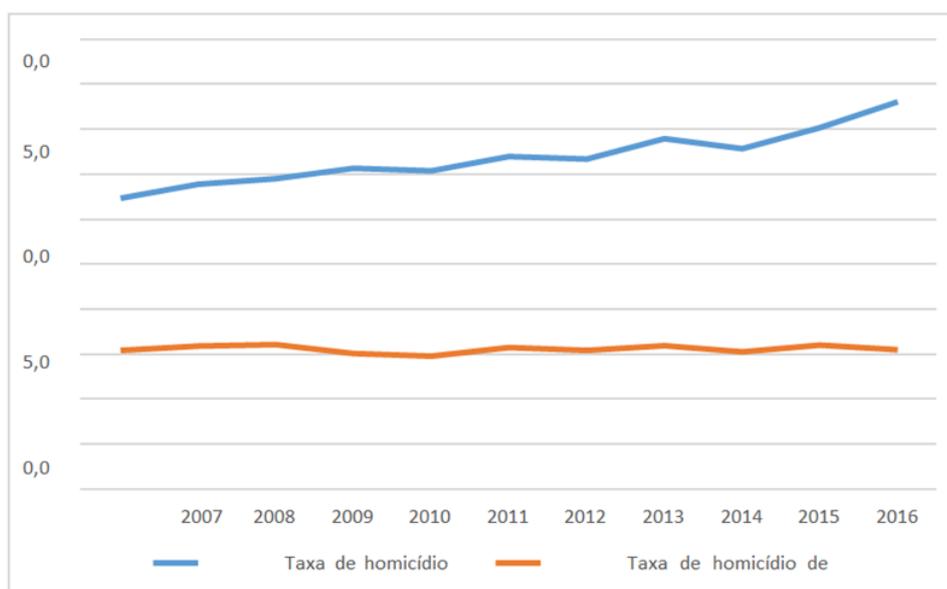
tentou ajuda O estado matou este homem mas a sociedade não se importou com sua morte A violência nas favelas nos bairro periféricos acontecem sem que se faça uma reflexão sobre a o racismo estrutural e a violência que ele gera .

A cultura de que mora na periferia na favela é bandido nos leva a um empasse nós estamos identificando que o espaço que ele vive o transforma em marginal que não possível sair deste local uma pessoa considerada digna. O absurdo deste pensamento que leva algumas pessoas da elite banalizar a morte das pessoas que vivem nas favelas para segundo Almeida (2019, p. 76).

A descrição de pessoas que vivem “normalmente” sob a mira de um fuzil, que têm a casa invadida durante a noite, que têm de pular corpos para se locomover, que convivem com o desaparecimento inexplicável de amigos e/ou parentes é compatível com diversos lugares do mundo e atesta a universalização da necropolítica e do racismo de Estado, inclusive no Brasil.

A banalizar a morte e a violência sofrida pela população que vive na favela a dor e sofrimento vivenciado por esta população que sofre no seu cotidiano com a perda violenta de seus entes queridos o racismo sofrido a humilhação de ser tratado como bandido por Estado e a sociedade as violências sofridas pelo racismo estrutural ,levam a população negra ao extermínio no Brasil o índice de mortalidade desta população é enorme No ano de 2017, o Atlas da Violência apresentou o índice de mortes da população negra, de acordo com o gráfico 2:

**Gráfico 2 – índices de mortes da população negra**



Fonte: Atlas da Violência (2017)

A partir dos dados referidos podemos constatar que a violência atinge diretamente a juventude, sobretudo juventude negra. Neste sentido, percebemos aqui que precisamos intensificar nossa pesquisa possamos entender as causas desta violência. O Atlas da Violência (2017), lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País. A população negra corresponde a maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

## 5 INDICATIVOS PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

Para concluir este trabalho de dissertação retomamos alguns indicativos para políticas públicas, considerando referências históricas e urgências apontadas na realidade estudada, para na sequência pontuar algumas considerações finais.

### 5.1 Política da Promoção da Igualdade Racial

A primeira política constituída para promoção da igualdade racial foi feita em 2003, pelo presidente Luís Inácio Da Silva. A Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SNPIR, vinculada ao Ministério dos Direitos Humanos, nasceu, em 2003, do reconhecimento das lutas históricas do Movimento Negro brasileiro.

No ano 2014 a presidenta Dilma constitui o SINAPIR Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial. Este programa de adesão do ente federativo a políticas de promoção da igualdade racial O SINAPIR é um instrumento fundamental para a institucionalização da Política de Promoção da Igualdade Racial em todo o país. Segundo informação colocada no programa os estados e municípios teriam que aderir para que houvesse transferência de renda também os estados e municípios precisariam colocar dentro dos seus orçamentos e construir políticas públicas a nível municipal segundo informação do SINAPIR (2014, p. 6)

Para sua operacionalização, é necessária a adesão dos Entes Federados, que possibilitará a atuação conjunta na implementação dessa política, potencializando os resultados e garantindo o acesso prioritário desses entes às iniciativas do Governo Federal.

Para que aderir este programa os estados e municípios teriam de constituir fóruns de debates bem como conselhos com intuito do debate com a sociedade civil também esta mesma sociedade como órgão de controle da política pública a ser desenvolvida neste momento houve vários avanços no que tange as políticas consideradas afirmativas aumentos de vagas em universidade públicas para população negra a possibilidade de cotas para serviço público federal para negros sobre tudo mulheres. Mas as desigualdades sociais no Brasil são estruturais e mesmo com estes avanços está políticas não chegaram à maioria da população.

Sabemos que micro política que acontece no território depende muito da vontade política dos governantes locais e mesmo com iniciativa por parte do governo federal na época não havia interesse por parte de alguns governadores e prefeitos de aderir ao programa. Para Cristina Charão (s.d. p. 2).

Avanços nos indicadores socioeconômicos da população negra atestam o impacto positivo das políticas universais. Ao mesmo tempo, os dados mostram a necessidade urgente de ações afirmativas de caráter amplo na busca por igualdade racial no Brasil. Segundo Douglas Belchior, “O jovem negro tem, hoje, oportunidades que seus pais não tiveram, mas isso não significa que elas sejam iguais”

Tendo em vista o artigo publicado pela autora entendemos que mesmo com políticas públicas afirmativas ao longo do tempo houve avanços e estas políticas estão efetivadas. Contudo, é preciso que sejam mantidas no mesmo nível ou com mais eficiência, mas há quem diga que ainda há muito para ser feito no que tange políticas para população negra. Douglas Belchior, o jovem negro entrevistado por Cristina afirmou que houve mais oportunidade, mas isto não significa que elas sejam iguais. A juventude teve mais oportunidade que seus pais. Ainda assim, mesmo que a juventude negra teve mais acesso que seus pais, não foi mais acesso que a juventude branca. Cristina Charão (s.d. p. 2) também entrevistou o economista Marcelo Paixão:

Mesmo reconhecendo que políticas universais podem ser, às vezes, mais positivas, a questão é saber se seus efeitos tiveram a capacidade de, efetivamente, enfrentar o abismo socio racial no País. E a resposta é “não, não tiveram”, diz, taxativo, o economista Marcelo. Paixão analisa a evolução dos negros no mercado de trabalho como um exemplo dos benefícios e limites das políticas universais. Segundo ele, há uma aproximação recente entre a renda do trabalho auferida por negros e brancos, mas longe de significar o fim das desigualdades.

O fim da desigualdade social só terá fim quando a população negra tiver as condições de disputar de forma igual os espaços destinados a todos. Porque hoje o preconceito o racismo estrutural não dá de forma igualitária as oportunidades aos negros mesmos que tenhamos políticas públicas fazer estas políticas serem compridas não é tarefa fácil. Seque está a frente desta política não quer que ela se cumpra mesmo que exista marcos regulatórios que os obrigue a sempre formas que eles utilizam para burlar a lei e não as executar. Vamos dar o exemplo da política de

saúde da população negra que foi instituída no dia 13 maio 2009 que segundo ministério da saúde tinha esta tipificação:

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) é um compromisso firmado pelo Ministério da Saúde no combate às desigualdades no Sistema Único de Saúde (SUS) e na promoção da saúde da população negra de forma integral, considerando que as iniquidades em saúde são resultadas de injustos processos socioeconômicos e culturais – em destaque, o vigente racismo – que corroboram com a morbimortalidade das populações negras brasileiras

Trabalha sobre tudo a equidade que consiste na adaptação da regra existente à situação concreta, observando-se os critérios de justiça. Mas os comitês técnicos estaduais e municipais que iriam trabalhar mais no território na micro política foram instituídos em 2014 com isto podemos perceber a morosidade da política como podemos atestar na portaria que aprova o regimento do comitê feita em 2015

Considerando a Portaria nº 2.629/GM/MS, de 27 de novembro de 2014, que redefine o Comitê Técnico de Saúde da População Negra (CTSPN) no âmbito do Ministério da Saúde; Considerando que a gestão estratégica pressupõe a ampliação de espaços públicos e coletivos para o exercício do diálogo e da pactuação das diferenças, na perspectiva de construção de consensos, e, portanto, do fortalecimento de práticas participativas, conforme versa a PARTICIPASUS, que tem como um de seus princípios a promoção da inclusão social de populações específicas, visando à equidade no exercício do direito à saúde;

A política de Saúde da população negra é uma das primeiras políticas consideradas afirmativas a ser iniciada em 2007, mas existe vários hiatos entre a implantação e aplicação propriamente dita neste sentido entendemos que as políticas para população negra vem enfrentando diversos desafios para de fato chegar até a população, neste sentido acreditamos que as desigualdades sociais perpassam por ter acesso a educação saúde e necessário resistir para que estas políticas sejam efetivadas a população negra e não negra que tenha a mesma visão de mundo que querem um mundo justo e igualitário precisam juntos lutar para que as políticas públicas que são o direitos dos cidadãos cheguem a todos.

As políticas para a população negra ganharam alguns avanços, mas é necessário, mas se faz necessário uma efetivação destas políticas e uma maior agilidade para aplicação das mesmas e claro que isto perpassa pela vontade política dos entes federativos quando existe a iniciativa por parte dos políticos governadores,

prefeitos a possibilidade das ações que tragam qualidade de vida a população negra aconteça no território com mais eficiência.

## **5.2 Gestão de polícias públicas, direitos humanos, igualdade racial, juventude**

Secretaria de Direitos humanos SEDHU da cidade de São Leopoldo atualmente coordenada pela ex- primeira vereadora negra da Maria Nadir de Jesus é a responsável pela políticas das minorias excluídas de direitos sobre tudo a igualdade racial dentro do departamento de igualdade racial que hoje é coordenada pela Adriângela Cabral também uma mulher negra ialorixá LGBTQI+ dentro do departamento de igualdade racial atuam dois conselhos importantes o Conselho municipal de promoção de igualdade racial CMPIR e o Conselho Municipal de Povos Tradicionais de Matriz Africana COMPOTMA além da responsabilidade junto da sociedade civil de tocar esta políticas são inerentes a cultura afro o junto da Secretaria de Direitos Humanos departamento de igualdade racial de atribuições de trabalhar o tema dentro da outras áreas políticas no processo de transversalidade para a população negra da cidade de São Leopoldo abaixo a tipificação da atuação do trabalho da secretaria segundo site da prefeitura

A Secretaria Municipal de Direitos Humanos, também conhecida como Secretaria de Direitos Humanos, tem por objetivos incidir no acesso aos Direitos Humanos. atuando no âmbito do monitoramento e acesso às garantias fundamentais, na Educação em Direitos Humanos e na promoção dos mecanismos e instâncias democráticas de relação entre Sociedade Civil e Governo. Compreende a realização de programas, ações, atuação normativa, de participação social, de acessibilidade, na melhora dos índices de gestão e promoção em Direitos Humanos e de políticas públicas e diretrizes voltadas principalmente aos direitos da juventude, de igualdade racial, do idoso, das lésbicas, gays, bissexuais e transexuais - LGBT, das pessoas com deficiência e demais minorias sociais, assim como a prevenção e conscientização sobre o uso de drogas, objetivando a integração à vida comunitária e a melhora na qualidade de vida

Quando na pesquisa a política de direitos humanos na cidade de São Leopoldo porque acreditamos ser importante ter um espaço político que se responsabilize por ações que tragam qualidade de vida para a população negra. O reconhecimento pelo poder público da necessidade de ter uma secretaria que trabalhe com a juventude com a população LGBT o idoso e população negra.

Sobre tudo trazendo conceito da Interseccionalidade é um conceito sociológico preocupado com as interações e marcadores sociais nas vidas das

minorias. Para entender a importância de trabalhar com a juventude negra e suas especificidades se um jovem negro e LGBT é pobre periférico todas estas facetas o atravessa trazendo um aumento de preconceito é violência para ele. Por isto ter uma política pública que garanta seus direitos é muito importante

Vamos fazer um parêntese para falar do conceito Interseccionalidade que a autora Patrícia Hill Collins (2021, p. 14):

Ativistas de direitos humanos e representantes do funcionalismo público também transformaram a Interseccionalidade em parte das atuais discussões sobre políticas públicas globais. Lideranças de movimentos de base buscam orientação nas variadas dimensões da Interseccionalidade para nortear seu trabalho de justiça reprodutiva, iniciativas de combate à violência, direitos da classe trabalhadora e outras questões sociais similares.

Quando falamos de minorias aleijadas de seus direitos construir políticas públicas específicas para esta população é importante para que esta maioria que está em minoria no que tange as benesses do Estado. Sobre tudo em uma região extremamente racista em uma cidade que se orgulha se o berço da colonização alemã.

É um desafio por que política é disputa de poder visibilidade e nesta disputa muito embates acontecem existe certa elite que se sente contrariada quando a alguém destaque para qualquer destas políticas e o fato de quem está a frente duas mulheres negras tem sido vários embates que por enquanto estão sendo vencidos

Pelo que nos trouxe a primeira vereadora negra, e hoje secretária de direitos humanos, Nadir Maria de Jesus, há uma reflexão sobre os avanços e desafios vivenciados. Em seu relato Nadir nos revela que:

Ser a primeira vereadora Negra em 175 anos de Câmara de vereadores de São Leopoldo é motivo de muito orgulho e alegria, pois represento uma comunidade injustiçada e desrespeitada ...mas ao mesmo tempo, triste, pois sabemos que esses espaços já deveriam ser ocupados há muito tempo, por mulheres...por mulheres Negras.

Também organizei o primeiro debate étnico Racial para vereadores e servidores da Câmara de vereadores em novembro de 2021...assim como várias atividades afro dentro dos 15 meses. Como secretária de Direitos Humanos estou dando continuidade ao meu mandato como vereadora e expandindo para demais temática que fazem parte da secretaria. É uma experiência nova, desafiadora, até porque temos um grande grupo de secretários homens brancos e poucas mulheres. E eu, no momento, a única secretária negra desta gestão...agradeço a confiança do prefeito Ary Vanazzi, que sabe que nós negros, não precisamos estar apenas nos espaços de Igualdade Racial e sim, estarmos em todos e qualquer espaço. Sinto o "espanto" muitas vezes quando sou anunciada como a Secretária de Direitos Humanos de São Leopoldo ... e eu, bem linda e orgulhosa me

coloco representando um percentual da nossa cidade. Mas não deixando de lutar e atender toda população no respeito e garantia de direitos.

### 5.3 Saúde mental da população negra

A saúde mental da população negra está ligada a processo de discriminação que ele sofre o preconceito adoece e o fato de o processo do racismo iniciar muitas vezes na infância isto atinge diretamente o processo de sociabilidade da criança que quando sai do seu seio familiar sofre a violência do preconceito porque seus colegas não foram educados para conviver com diferente esta afirmação foi feita jornalista Taísa Silveira, em colaboração para o blog Viva Bem (Canal UOL) em 2020:

Era o ano de 1993. Pátio da escola lotado, centenas de crianças correndo de um lado para o outro no horário do recreio. Eu era uma delas. O sinal tocou e rapidamente criou-se uma fila em frente ao bebedouro, uma por uma foi saciando a sede. Eis que chegou a minha vez e, assim como os outros, fui bebendo água, até ser interpelada por um coleguinha: -- Ande logo! -- Espere -- respondi calmamente. -- Ainda estou com sede. -- Você não deveria nem estar bebendo essa água daqui. Você deveria beber a água do esgoto, que é preta feito você... Essa foi uma situação real que aconteceu comigo, quando eu tinha apenas sete anos e estava aprendendo o bê-á-bá. A escola pode ensinar muitas coisas; infelizmente, naquela época, não estava preparada para ensinar aos meus colegas brancos o que é respeito ao próximo e, a mim, o que era o racismo.

A declaração da jornalista nos demonstra como o preconceito pode atingir diretamente a vida da criança e do adolescente em momento de sua vida que ele quer ser aceito. Este racismo causa muito sofrimento para população negra. Porque mesmo uma jornalista conceituada, que consegui vencer na vida ainda lembra da frase que marcou sua infância ser comparada a água de esgoto. A discriminação racial causa um impacto emocional nas pessoas que sofrem cujo o fardo psicológico e carregado por toda vida. Para, Marinete Gouveia Damasceno, Valeska M. Loyola Zanello. (2017, p. 2).

A discriminação racial e seu impacto em pessoas negras têm sido documentados de forma interdisciplinar. Pieterse, Todd, Neville, & Carter (2012) apontam o compartilhamento de objetivos entre os trabalhos de Dubois, de Fanon e de Feagin, qual seja, que “as experiências de racismo impõem um fardo psicológico significativo sobre as pessoas” (p. 2). De especial interesse para este estudo é o trabalho de Fanon (1952/2008), que argumentou que o racismo ocidental penetra as estruturas psíquicas do homem moderno de forma que opressor e oprimido terminam regidos por um mesmo registro de recalque e repressão. Contemporaneamente, os próprios estudos de psicólogos multiculturais (Carter, Helms, Parham, Pedersen, Ponterotto, Ridley, os irmãos suem etc.) são elaborações do pensamento de Frantz Fanon.

As pesquisas revelam que o racismo faz mal para quem sofre, mas também para quem aplica. Mas quem é atingido pelo racismo o sofrimento físico é maior e fica marcado para o resto da vida as consequências sofridas pelos oprimidos pelos racismos são diversas a baixa estima, depressão o processo de constrangimento de quem vive a situação de racismo e violência que marca a vida das pessoas. Por isto é necessário que a política pública de saúde da população negra seja feita de uma forma mais efetiva por que para Marinete Gouveia Damasceno, Valeska M. Loyola Zanello. (2017, p. 1).

(...) o fortalecimento da atenção à saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social.

As causas que levam alguns jovens para depressão muitas vezes este transtorno tem a origem na falta de aceitação pelos seus pares a solidão vivida por estes jovens que tem sua estima baixa em um momento que ser aceito é uma das coisas importante e está falta de sociabilidade vai refletir na sua vida adulta segundo a jornalista Taísa Silveira, em colaboração para o blog Viva Bem (Canal UOL) em 2020

América Latina, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), com cerca de 12 milhões de pessoas afetadas pela doença. Ainda de acordo com a OMS, a ansiedade é outro transtorno que acomete 18,6 milhões de brasileiros. Na faixa etária de 10 a 29 anos, o índice de transtornos mentais também é preocupante, especialmente entre jovens negros: estes chegam a ter 45% mais chances de desenvolver depressão que um jovem branco. Por isso, precisamos falar sobre a saúde mental da população negra

Como nos traz a autora é importante falar sobre isto 45% mais jovens negros desenvolvem depressão estamos falando de um percentual significativo. Acreditamos que são dados que precisam ser observados pelas autoridades de saúde porque a depressão é uma das causas que levam alguns jovens ao suicídio.

O cantor Emicida em seu álbum amarelo inicia com um relato de um jovem que era usuário de substância psicoativas e depressivo e vem tomando medicamentos há dois anos e segundo ele no seu relato nada melhora e vontade de acabar com tudo e muito grande e Emicida alega que isto é um grito de alerta quando este jovem coloca não aguentar a pressão da sociedade sobre ele e um

rapper uma letra de uma música ou uma triste realidade das periferias do Brasil veja o que letra diz:

Às vezes me sinto mau mano. Eu tenho medo de ter feito as coisas erradas a ponto de não conseguir mudar mais ta ligado? (..) É f#\*a irmão e tipo doença está P#\*\*a Parece que está P#\*\*a de remédio não está adiantando merda nenhuma mais de um ano coisa quase dois anos tomando essa P#\*\*#. Sei lá só preciso falar alguma coisa para alguém.

Este relato foi dito no início da música que o Emicida diz que um grito de alerta vários jovens assim como relato da música reverberam sua dor e muitas vezes se seus familiares não se ater acabam comentando suicídio. O racismo adocece mentalmente as pessoas como coloca a jornalista Taísa Silveira, em colaboração para o blog Viva Bem (Canal UOL) em 2020:

Racismo e adoecimento mental Falar sobre raça nos ajuda a entender como pretos e brancos são percebidos no Brasil e, conseqüentemente, de que maneira são tratados. Na década de 1990, o jornal Folha de S. Paulo conduziu uma pesquisa em que perguntava aos seus participantes: "Você conhece alguma pessoa racista?". 90% das pessoas responderam que "sim", mas quando questionadas se eram racistas, este número surpreendentemente caiu para zero. Essa pesquisa demonstrou que o reconhecimento do racismo como um problema social parece não produzir efeitos no mundo real. Segundo o professor e antropólogo Kabengele Munanga, o racismo é o crime perfeito: produz vítimas, mas não existem autores.

Não pode existir racismo se não houver pessoas racistas. O fato das pessoas não se conhecer racista dificultando que sua mudança quantas pessoas brancas alegam não ser racista, mas não querem que seus filhos casem com uma pessoa negra. Ou que no seu cotidiano agem de forma racista alegam que foi sem querer. No sábado do dia 11 de junho 2022 apresentadora do programa É de casa da rede globo, pede a uma doceira convidada que faz cocadas que sirva todas as pessoas como se fosse a empregada.

E ao tomar esta atitude nem se dá conta que está sendo racista ainda manda a convidada mostrar os dentes para mostra como está feliz. A convidada faz constrangida até que jovem negro Manuel Soares apresentador do programa interrompe este espetáculo dantesco e alega que convidada não está ali para servir ninguém e assume servir as pessoas. Depois dos internautas fazer muitas críticas ela veio a público pedir desculpa principalmente a Silene doceira alegando que não

teve a intenção que estava muito constrangida é preciso fazer uma análise das micro violência que as pessoas negras sofrem causando dor e constrangimento.

#### **5.4 Juventudes negras e seus desafios**

A juventude negra que precisa se reinventar todos os dias para conseguir estudar trabalhar. Para tentar diminuir as desigualdades sociais os desafios que enfrentam não são fáceis. Mas eles enfrentam porque sabem que somente por meio da educação conseguiram sair das situações de vulnerabilidade social. Estes jovens entendem seu papel político na sociedade e tem consciência da sua importância da importância de buscar seus direitos e quanto sujeitos negros.

A meta e não abrir mão dos direitos alcançados e ampliar as políticas públicas para juventude a organização destes jovens em seus territórios é fundamental. Para que suas reivindicações também entenderam que primeiro conhecer quais são os seus direitos e deveres. Depois organizados pautar os governantes para uma melhor qualidade de vida, segundo a jornalista Cecília Garcia, em colaboração para o blog Inovação pela Educação (Canal Criativos da Escola) em 2019:

Todos os dias, os mais de 48 milhões de jovens brasileiros entre 14 e 29 anos enfrentam os desafios de viver, estudar e trabalhar em um país de proporções continentais, desigualdades abismais e culturas diversas como o Brasil. São jovens como Conceição, que faz licenciatura teatral; ou Rodrigo, que acorda às 6h40 para pegar ônibus e ir para a escola; ou ainda Brena, que toca um projeto sobre igualdade de gênero na sua comunidade. As múltiplas vivências de jovens como estes e de outras partes do mundo são celebradas em 12 de agosto, Data instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), a solenidade marca um compromisso mundial pela garantia de direitos para esse público no mundo todo, reconhecendo-os também como figuras-chave no processo de transformação da sociedade.:

Acreditamos que o processo que leva estes jovens a resistir apesar de muitas vezes, não terem as mesmas condições que outros jovens. A luta pelo acesso a uma internet para estudar as dificuldades que eles vêm tendo devido a questão social. Observamos que no período da pandemia muitos jovens ficaram para trás nos conteúdos programáticos das escolas. As desigualdades sociais ficaram bem visível muitos jovens tiveram que se esforçar muito mais para conseguir acompanhar os estudos. Segundo a estudante de direito em artigo publicado na revista eletrônica da Universidade Corporativa Unieducar, segundo a jornalista Williane Marques de Sousa, em colaboração para a publicação “Educação em tempos de pandemia:

desigualdade social ainda mais em evidência” (Revista eletrônica Unieducar), em 2021:

O site Agência Brasil (2) comentou um estudo que reúne pesquisas sobre a educação na pandemia e uma delas mostra que, três meses depois do início da suspensão das aulas presenciais em março de 2020, ainda havia cerca de 4,8 milhões de estudantes, o equivalente a 18% do total de alunos do ensino fundamental e do ensino médio da rede pública, que não teriam recebido nenhum tipo de atividade, nem por meios eletrônicos, nem impressos. Além disso, mais de quatro em cada dez estudantes, o equivalente a 42%, não teriam, segundo seus familiares, equipamentos e condições de acesso adequados para o contexto da educação não presencial.

Diante da falta de acesso adequado a educação em tempos de pandemia estes jovens acabaram tendo um retrocesso no seu aprendizado que no decorrer dos próximos terão que fazer um esforço maior para conseguir superar estas dificuldades enfrentadas. Sabemos das dificuldades dos alunos que de escolas públicas quando entram na faculdade ou no ensino técnico estas dificuldades tendem a se agravar.

Por este motivo vemos tantos jovens procurando cursos de aperfeiçoamento que reforçam seus estudos principalmente quando saem do ensino médio e querem entrar na faculdade ou curso técnicos os espaços de cursos gratuitos são sempre muito disputados.

Outro desafio da juventude negra este ligado direto ao território a população negra pelas desigualdades sociais acabam indo morar em espaços periféricos longe das áreas industriais e comerciais. Com isto como na sua maioria são jovens trabalhadores eles precisam se deslocar durante horas para chegar até seus empregos e depois no retorno para casa. Aqueles estudam muitas vezes vão do trabalho direto para a escola ou universidade.

Estes jovens que acabam tendo jornadas muito cansativas aprender se torna mais difícil. Permanecer estudando e um dos maiores desafios desta juventude em nossa pesquisa percebemos que uma das causas da evasão escolar é esta questão destes jovens não conseguirem conciliar trabalho e estudo, segundo a jornalista Camila Brandalise, em sua coluna de comportamentos, na revista eletrônica Isto É nos traz o relato de uma jovem, em 2018:

A decisão de parar de estudar da auxiliar de limpeza Regina de Jesus Araújo, hoje com 24 anos, se deu por motivos econômicos. Há seis anos,

quando ela morava com os pais, considerava ter uma estrutura de vida precária e preferiu se dedicar ao trabalho para conseguir se sustentar. Conciliar os estudos, na época, com 18 anos, não era viável

A jovem Regina precisou fazer uma escolha para conseguir se manter financeiramente. Tendo que abandonar os estudos sabemos, que no decorrer da sua vida para acessar o mercado de trabalho com uma maior renda terá que se qualificar. E por consequência retornar aos estudos ou cursos de qualificação.

Os desafios da juventude negra se manter conseguir se sustentar e ajudar sua família se manter na escola apesar de todas as dificuldades que as desigualdades sociais os impelem também a questão de ter que conviver com a violência permanecer vivos empregados estudando. Ter seu território valorizado com saneamento básico escolas, postos de saúdes pertos tudo isto são desafio da população negra como todo.

Mas os jovens que estão vulneráveis porque estão mais expostos a violência também são elas que estão mais na rua utilizando dos espaços públicos neste sentido passam a ter que dividir estes espaços são também ocupados pelo tráfico aumentando assim a violência para com eles.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a juventude do bairro feitoria tem muito saberes e tem consciência de suas necessidades e as causas que levam tanto a evasão escolar bem como as várias causas de violência no qual sofrem. O bairro está localizado na zona leste da cidade de São Leopoldo na região do vale dos sinos no Rio grande do Sul.

O objetivo principal nos fez trilhar pelo caminho desta pesquisa visou entender quais as causas que levam os jovens a evadir as escolas e o fato desta evasão influenciar na violência que estes jovens sofrem e por consequência seu extermínio. Nossa trajetória nos levou por vários caminhos inicialmente fomos buscar os autores que discorriam sobre o tema da pesquisa Eliane Calheiros nos levou para o universo escolar e o processo de discriminação sofrida pelas crianças negras, Kabengele Munanga nos induziu pela trajetória da violência sofrida pela população negra sobre tudo sua juventude Nilma Nilo Gomes e Ana Lucia Laborne vão nos trazer sobre a pedagogia do racismo e o extermínio da juventude negra.

Consideramos um processo de análise próxima a etnografia também trabalhamos um método semelhante a pesquisa-ação e quali-quantitativo. O projeto tem como método o estudo de caso. Em um primeiro momento foi feito o levantamento bibliográfico e estatístico acerca do tema. No decorrer o estudo foi realizado entrevistas com jovens considerados referenciais na comunidade do bairro para entender como o bairro vivencia as experiências de violência e utilizar a análise das histórias coletadas para entendermos a “real realidade”, do bairro Feitoria.

Bem como foi entrevistado profissionais da educação agentes públicos dos direitos humanos e igualdade social. Utilizamos em nossa pesquisa trabalhos das turmas nas séries finais do Ensino Fundamental e Médio, sobre a sua percepção de vários temas diversos, mas sobre tudo temas relevante para eles a violência e suas vivencias no bairro. nosso trabalho ao observar a pesquisa dos alunos foi entender como este jovem se reconhece como sujeito dentro do território onde vivem

José Ivo Follmann vai nos falar sobre o processo de identidade e alienação, Adevanir Aparecida Pinheiro nos traça o conceito de branquitude e branquidade estes dois últimos autores também nos ajudaram a entender o contexto histórico do bairro Feitoria. Silvio Almeida nos ajudou a refletir sobre o racismo estrutural além

destes autores buscamos os alguns jornalistas que nos trouxeram temas relevantes para contribuir nosso trabalho.

Iniciamos com a identificação do nosso objetivo que era saber onde está o jovem negro? Fragilidades socioeducacionais da juventude negra: evasão escolar, violência e extermínio. Diante disto buscamos entender as causas e consequências que levam o extermínio da população negra no processo passou por resgatar a nossa própria história de jovem negra dentro do bairro como moradora e agora como pesquisadora aprofundar os conhecimentos sobre o bairro.

Também buscamos trazer o contexto histórico do bairro que é a origem da cidade de São Leopoldo trazer a história do faxinal do Courita a Real Feitoria do Linho Cânhamo e quem era a população negra que habitava nesta região.

E com ajuda dos autores Follmann e Pinheiro conseguimos começar a entender o apagamento histórico da população negra nesta região nossos caminhos trilhamos por dados estatístico do IBGE, IPEA, INEP. Para conseguir entender a os números de violência contra população negra bem como a falta de acesso desta população a escola os índices de evasão aprofundamos nossa pesquisa no que tange a escola e a violência e para cidade de São Leopoldo e para o bairro Feitoria.

Principiamos com dados do Brasil e logo em seguida Rio grande do Sul para num processo de específico pesquisar a cidade de São Leopoldo e o bairro Feitoria fazendo um parâmetro entre a evasão escolar e a violência contra a juventude negra.

Considerando a importância teórica dos destes temas evasão escolar e violência contra juventude negra e a necessidade de trabalhar a política pública de educação e segurança pública. Para que a juventude negra não seja exterminada este processo perpassa no reconhecimento da cultura afro da identidade da juventude negra da importância de trabalhar políticas afirmativas para minimizar as desigualdades sociais.

Acreditamos em um processo de que a sociedade através dos espaços de participação e controle social possa reivindicar que as políticas públicas aconteçam de forma eficiente. Em nosso diagnóstico podemos perceber que existe um grande índice de evasão escolar por parte da juventude negra que acontecem por diversos motivos. Mas que esta evasão traz consequências para o aumento das desigualdades sociais que estes jovens que abandonam as escolas têm menos

oportunidade de acesso ao mercado de trabalho tendo em vista a falta de qualificação profissional e pouca escolaridade.

Também percebemos o aumento da violência e um índice elevado de mortes da juventude negra devido a vários fatores, o envolvimento destes jovens com tráfico o aumento da entrada deles para a criminalidade o confronto com a polícia a discriminação racial por conta da raça e do espaço onde estes jovens habitam.

No nosso caminhar pelo tema encontramos vários caminhos que nos levaram a muitos lugares, mas com diz o cantor Chico Serra caminho se conhece andando-me moradora do bairro Feitoria a mais de 30 anos e mãe de um jovem negro me encontrei com a pesquisadora. E fazendo uma imersão dentro do bairro que pensei que conhecia com as minhas percepções pré concebidas precisei me desconstruir e me reconstruir para alcançar o objetivo da pesquisa. E encontrar onde está o jovem negro do bairro Feitoria que tem idade escolar, mas não está na escola que está em idade de iniciar no mercado de trabalho, mas não está trabalhando.

Mas que está nos índices de evasão escolar e nos índices de violência nas estatísticas de quem mais morre de quem mais vai para o sistema prisional quais as causas que levam este jovem não estar no espaço que seu direito. Por que a sociedade não protegeu sua infância porque o Estado não lhe dá direitos existe vários mecanismos de proteção. Nossa análise parte do princípio que, existe um processo complexo estrutural para que a desigualdade exista no Brasil.

Trabalhar uma política educacional de inclusão que permita a proteção da juventude a permanência destes jovens na escola impede que seu futuro. Neste sentido foi observado que a política de segurança pública deve ser melhorada sobre tudo a ações ostensivas realizadas nos espaços periféricos o caminho para o minimizar as desigualdades sociais se faz necessário investir na educação na qualificação da juventude a ampliação acesso ao mercado profissional

Outra ação importante é fortalecimento da cultura local elevar auto estima do jovem periférico investindo em espaços públicos de convivência fortalecendo espaços do terceiro setor que trabalham espaço seguro de convivência e vínculo e tornar seguro os espaços de esporte e lazer fazer já existentes são mecanismos que podem ser utilizados pelo poder público para.

## REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia. REIS, Thiago. Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. **G1 São Paulo**. 19 out. 2020. Disponível em: <<http://glo.bo/3IZK8c9>> Acesso em 17 jul. 2022.

ALMEIDA Silvio. **Racismo Estrutural**. S.l.: Editora Jandaíra. 2019.

APPIAH Kwame Antoni, **Identidade-como-problema**. São Paulo: EDUSP. 2016.

BENTO Maria Aparecida Silva. BEGHIN Nathalie. Juventude negra exclusão radical. **Políticas Sociais – acompanhamento e análise**. N. 11, ago. 2005, pp. 194-197. Disponível em: <https://bit.ly/3PVOHXc> Acesso em 19 jul. 2022.

BRANDALISE Camila. Uma nova e preocupante evasão escolar: **ISTO É: Comportamento**. 20 abr. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2JRlgD3>. Acesso em: 29 jun. 2022.

BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Fev. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3ISmT3n> Acesso em: 20 jul. 2022.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação Anti Racista, do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CERQUEIRA, Daniel, et al (Orgs). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3uQZcTm> Acesso em 17 jul. 2022.

CERQUEIRA, Daniel. BUENO, Samira. (Coords.). Et al. **Atlas da violência 2020**. IPEA. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3PDSCHS> Acesso em 31 mar. 2022.

CHARÃO Cristina. **O longo combate às desigualdades raciais**. IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Igualdade Racial. S.d. Disponível em: <https://bit.ly/3IMUXOh> Acesso em 17 jul. 2022.

CHARÃO, Cristina. **Cotas e contestações**: as ações afirmativas colocaram o combate ao preconceito na agenda nacional. IPEA. 03 ago. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3OkVBnt> Acesso em: 20 jul. 2022.

COLLINS, P.H; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORSINI, Iuri. MAZZEI, Maria. Pesquisador da Fiocruz: 'Brasil caminha para o abismo com aumento da letalidade'. **CNN BRASIL**. 20 mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3aPcSaQ> Acesso em 17 jul. 2022.

DAMASCENO, M.G; ZANELLO, V.M.L. Saúde Mental e Racismo contra Negros: Publicações Brasileiras nos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**.

Brasília, v. 38, n. 3, p. 450-464, jul./set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3PVHICH> Acesso em 26 jun. 2022.

FLAESCHEN, Hara. **Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica**. ABRASCO. 06 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3IZUEjD> Acesso em: 17 jul. 2022.

FOLLMANN J.I; PINHEIRO A.A. (orgs.) **África e afrodescendentes no sul do Brasil: história, religião e educação**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. 134 p. (Coleção NEABI DIGITAL: refazendo laços e desatando nós; 2). Disponível em: <https://bit.ly/3BhHxII>. Acesso em 29 jun. 2022.

FORSTER, Paula. Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef. **CNN BRASIL**. 28 jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3IV93ND> Acesso em 20 jul. 2022.

GARCIA, Cecília. Dia da Juventude: A voz de jovens que transformaram suas realidades. **Criativos da Escola: Design for change**. 18 ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3BfbtVz>. Acesso em: 28 jun. 2022.

GOMES Nilma Lino. LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da Crueldade: Racismo e Extermínio da Juventude Negra. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.34, ed.197406, 2018 Disponível em: <https://bit.ly/3RXHYh2>. Acesso em: 29 jun. 2022.

GUIMARÃES, Agnes Sofia. **Gravidez na adolescência diminui, mas entre meninas negras a queda é de apenas 3,5% em três anos**. 14 out. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3uUwOzN> . Acesso em: 17 jul. 2022.

IBGE **Educação. Índices de evasão escolar, por cor e etnia**. Disponível em: <https://bit.ly/3cGywOP>. Acesso 17 jul. 2022.

IBGE **Desigualdades Sociais. Índices de homicídios por cor etnia**. Disponível em: <https://bit.ly/3veb9m9>. Acesso 17 jul. 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. PNAD 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3RQX08r> Acesso em: 20 jul. 2022.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2017** mapeia os homicídios no Brasil. 05 jun. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3vcVnbn>. Acesso em: 17 jul. 2022.

MUNANGA Kabengele, Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. **Revista Geledes**, abr 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3cszJcv>. Acesso em: 29 jun. 2022.

PENA Mariza Aparecida Costa, MATOS Daniel Abud, Seabra, COUTRIM Rosa Maria da Exaltação. Percurso de estudantes cotistas: ingresso, permanência e oportunidades no ensino superior. **Avaliação**. Campinas. 25 (01). Jan-Abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3uW9cL0> Acesso em: 17 jul. 2022.

PINHEIRO, Adevanir Aparecida. **O Espelho Quebrado da Branquidade: Aspectos de um Debate Intelectual, Acadêmico e Militante**. Curitiba: Editora Appris, 2021.

PINHEIRO, Luana. SOARES, Vera. **Brasil Retrato Das Desigualdades. Gênero Raça**. [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/3ofUPh5> Acesso em: 13 jun. 2022.

ROCHA, Rayane. Grande Rio chega a 100 vítimas de bala perdida no ano, aponta levantamento. **CNN BRASIL**. 18 out. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3cg5wgN> Acesso em: 17 jul. 2022

SANTOS Sales Augusto. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do movimento negro. IN: **Educação Anti Racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3otlypk>. Acesso em 17 jul. 2022.

SANTOS, Diana Anunciação, et al. Abordagem policial e racismo: ser jovem negro em condições de vulnerabilidade. In: **ANAIIS DO CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA**, 2018, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3uTXT66> Acesso em: 17 jul. 2022.

SANTOS, Hélio. **Discriminação Racial no Brasil**. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3OhxICB> Acesso em: 20 jul. 2022.

SÃO LEOPOLDO. PREFEITURA MUNICIPAL. **Diagnóstico Socioterritorial: Política Municipal de Assistência Social**. Sistema Único de Assistência Social. Jun. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3B1J1Xn>. Acesso em: 31 mar. 2022.

SECRETARIA DE SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL. **Saúde da População Negra**. 07 mar. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3Pg94yh> Acesso em: 17 jul. 2022.

SILVA, Rodrigo. **5 vezes em que a juventude brasileira marcou a história do país**. Politize. 06 jul. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3RF6P9e> Acesso em 17 jul. 2022.

SILVEIRA, Taísa. Racismo faz mal à saúde mental, mas falar sobre ele é forma de prevenção. **VivaBem**. 10 nov. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Px0OtZ>. Acesso em 17 jul. 2022.

SOUSA. Williane Marques. Educação em tempos de pandemia: desigualdade social ainda mais em evidência. **Unieducar**. 24 mar. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3z7YYbV>. Acesso em 17 jul. 2022.

SOUZA I.R; MOREIRA N.L.M; PINHO V.A. Desempenho escolar de alunos negros: um olhar para as relações raciais na escola. **VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristóvão, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3vdSQ0J>. Acesso em: 31 mai. 2022.

VALLE, I.R. et al. **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron: 50 anos de os herdeiros**. Santa Catarina: CRV, 2020.

WIKIPÉDIA. **Eleição presidencial no Brasil em 1985**. Set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3IQwqli> Acesso em: 20 jul. 2022.

WIKIWANG. **Movimento Secundarista**. S.d. S.l. Disponível em: <https://bit.ly/3RRwPyq> Acesso em 17 jul. 2022.

## ANEXO A – DEPOIMENTO DE PROFESSOR DO CAIC DO BAIRRO FEITORIA

Um professor negro da escola CAIC do bairro Feitoria foi entrevistado e levou até seus alunos nossas inquietações sobre a violência e o processo de identidade dos jovens do bairro Feitoria. Abaixo iremos trazer uma amostra das percepções dos alunos em relação ao tema proposto pelo professor.

Jeferson Luís da Silva nos relata:

Minha percepção em ser um professor negro tutoreando processos científicos é de extrema alegria e autorrealização. Eu, enquanto aluno negro, nunca pude vivenciar o meio científico, ainda mais debater sobre o meu meio (a Feitoria).

Dessa forma, os trabalhos têm evidenciado muitas reflexões acerca da Feitoria, seja nas áreas de estigmas sociais, violência, saúde mental, entre outras.

Porém, os estudantes tem uma necessidade urgente de falar sobre seus sentimentos, e ainda isso é muito novo para o meio escolar. Muitos novos debates e reflexões, que sequer eram considerados, hoje estão entrando nas "rodas de cafezinhos" dos professores. Dessa forma, a quebra de ruptura (estouro das bolhas sociais pode a longo prazo, evidenciar aos docentes, muitas vezes privilegiados, a necessidade de olhares empáticos. E a curto prazo, dá a eles a voz tão almejada, e negligenciada, na rotina social.

Imagem da escola CAIC.



## Esportes no bairro feitoria

### RESUMO

A prática de esporte no bairro é de fácil acesso? Praticar esportes é necessário para termos uma melhor qualidade de vida e uma saúde melhor. Por isso a pratica de esportes deve ser incentivada desde a infância até a terceira idade.

O objetivo macro do nosso grupo, é mostrar como é a disponibilidade de espaços públicos para a pratica de esportes, se quem precisa, tem e se estão em boas condições para praticar atividades físicas. E também queremos saber se temos projetos no bairro que incentivam a pratica de esportes como futebol, vôlei, basquete etc... Os objetivos específicos são: queremos mostrar os projetos que incentivam as práticas de esportes, mostrar as condições desse locais, e também mostrar a importância de praticar atividade física regularmente, quais os benefícios.

**Palavras chave: esporte, prática, acesso, saúde.**

### ABSTRACT

Is the practice of sports in the neighborhood easily accessible? Practicing sports is necessary to have a better quality of life and better health. Therefore, the practice of sports should be encouraged from childhood to old age.

The macro-objective of our group is to show how is the availability of public spaces for the practice of sports, if those who need it, have it and if they are in good condition to practice physical activities. And we also want to know if we have projects in the neighborhood that encourage the practice of sports such as football, volleyball, basketball etc... The specific objectives are: we want to show the projects that encourage the practice of sports, show the conditions of these places, and also show the importance of practicing physical

## RESUMO

O presente trabalho visa informar as pessoas acerca dos projetos sociais que ocorrem na nossa comunidade relacionando-os com as ONGs que ainda estão presentes, e as que deixaram de ser ativas, pois discutindo sobre o tema vimos que não é muito difundido entre as pessoas. Os projetos sociais são um esforço solidário que possui como objetivo melhorar um ou mais aspectos de uma sociedade. Com iniciativas de pessoas que nos cercam, queremos contribuir nesses projetos, para que essas ações continuem existindo, transformando várias realidades e potencializando a cidadania e consciência social dos indivíduos, envolvendo-os na construção de um futuro melhor. Visto que sabemos a importância de conhecer lugares onde podemos encontrar ajuda, queremos apresentar esses determinados lugares, a outras pessoas que precisam.

**Palavras-chave:** Projetos sociais; Comunidade; ONGs; Sociedade; Cidadania.

## Segurança no bairro Feitoria

Nosso objetivo com esse trabalho é saber um pouco mais sobre o bairro Feitoria, que tem uma grande população. Com 36.221 mil habitantes, será que todas essas pessoas têm segurança no bairro que moram. A localização específica que moram traz segurança. Bom falar de segurança hoje em dia é um pouco confuso para as pessoas, será que realmente temos segurança? Será que estamos seguros no bairro onde vivemos? O aumento da violência na feitoria é preocupante, de acordo com o jornal VS o aumento do tráfico de drogas e mortes são maiores nesses últimos anos. Nossos objetivos específicos, tem o intuito de investigar alguns pontos do bairro.

A infraestrutura do lugar que escolhemos para morar, existem aquelas pessoas que moram em condomínios fechados que de certo modo tem uma segurança maior. Porém tem pessoas que moram em bairros mais perigosos, e sabemos que infraestrutura não é igual para os dois ambientes.

A movimentação noturna quem conhece o bairro Feitoria, sabe que existem alguns pontos de encontro em diferentes lugares. Será que estamos seguros de sair em qualquer horário, sem se preocupar.

Opinião dos moradores, para o nosso trabalho vai ser algo bem importante, na qual cada um tem um pensamento sobre o lugar onde mora. Se tem algo a sugerir, por mais que não vamos poder fazer nada, vamos saber o que os moradores sugerem para as melhorias do bairro.

Policimento é um assunto que pode dividir bastante opiniões, o que os moradores acham do policiamento do bairro é algo que deixa a desejar ou estão satisfeitos. Um dos principais objetivos, nas escolas existe o patrulhamento da polícia ou da guarda municipal, será que os alunos estão seguros.

Os tipos de comércio também tem um fator que influencia bastante, que tipo de comércio o nosso bairro tem, será que tem alguma influência para criminalidade aumentar.

Morre tanta gente inocente por falta de segurança nos lugares, tantos furtos que acabam em tragédia. Hoje em dia é complicado a segurança, não somente no bairro feitoria, mas assim como em todo o Brasil.

Pode-se afirmar que o governo é bastante negligente quando se trata em investir nas ações de medidas preventivas ao combate a violência, a falta de planejamento, baixos investimentos na área da segurança e o escasso uso das políticas públicas torna o sistema falho e prejudicial para nós cidadãos de bem.

## Resumo do trabalho de literatura

tema: criminalidade nome: .

Em 2017, o Brasil alcançou a marca histórica de 63.880 homicídios.

Isso equivale a uma taxa de 31.5 mortes por cada 100 mil habitantes, uma das mais altas taxas de homicídios internacionais do mundo. Em 2020 o país teve 43.892 homicídios e uma taxa de homicídios de 19.7 por 100 mil habitantes, tendo sido desde 2017, o ano com maior número de homicídios já registrados.

O limite considerado como sustentável pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de 10 homicídios por 100 mil habitantes.

As músicas nem sempre é só música os vezes é um jeito de expressar os seus sentimentos como os Racionais que falam sobre as violências nas favelas ou Edson Gomes que fez a música Criminalidade que fala sobre as violências nas ruas da cidade.

## RESUMO

O tema deste trabalho é a violência contra a **mulher** na **FEITORIA**. O Objetivo macro deste trabalho é discutir sobre o tema, trazer **estatísticas**, debates, **entrevistar** pessoas do bairro vendo suas opiniões e pontos de vista e informar as pessoas que verem o trabalho oque fazer, quais meios de **ajuda** procurar, formas de acabar com o problema.

Os temas específicos são trazer **estatísticas** e gerar/informar formas de ajudar a combater o problema.

## ABSTRACT

The subject of this paper is violence against women in FEITORIA. The macro objective of this work is to discuss the theme, bring statistics, debates, interview people from the Feitoria, seeing their opinions and points of view, and inform the people who see the work what to do, what means of help to seek, ways to end the problem.

The specific themes are to bring statistics and generate/inform ways to help combat the problem.

**Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo principal analisar a influência que as instituições religiosas exercem em nossa comunidade. Desta forma pretende-se pesquisar, provar, entender e analisar como as diferentes religiões atuam em nossa comunidade. É constatado que as instituições religiosas, por pregarem amor e respeito, são um importante exemplo para a comunidade em ações sociais.

**Palavras-Chaves:** Instituições religiosas, comunidade e exercer.

**Abstract:**

This reaserch aims to analyze the influence that religious institutions has in our community. In this way we intend to research, prove, understand, and analyze how the different religions act in our community. It is noted that religious institutions for preach love and respect, are a important example for our community in social acts.

**Keywords:** Religious Institutions, community and exercise.

---

#### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal evidenciar a violência existente no bairro Feitoria.

Desta forma pretende-se mostrar, destacar e conscientizar a violência na Feitoria, principalmente a violência cometida contra mulheres e crianças, que, muitas vezes acontecem por um motivo fútil, mulheres são agredidas sem motivo aparente, sem ter feito nada mas seu companheiro que a agrediu estava embriagado ou com uso de alguma substância, por exemplo, ou até mesmo por ciúmes ou brigas internas. Além de mostrar e conscientizar as pessoas sobre a violência neste bairro, queremos que a sociedade em geral entenda que qualquer tipo de agressão ou abuso deve ser denunciado à polícia.

Mas isso tudo tem começa por nós, temos que mudar e fazer as pessoas mudarem nem que seja um pouco. Temos que entender que tudo pode se resolver na base de conversas ou ações de carinho, não precisamos chegar num nível tão crítico ao ponto de usar a violência como forma de "resolver as coisas".

palavras-chave: violência, mulheres, crianças, substância, denúncia.

#### ABSTRACT

The main objective of this work is to highlight the existing violence in the Feitoria neighborhood.

In this way, it is intended to show, highlight and raise awareness of violence in the Feitoria, especially the violence committed against women and children, which often happen for a futile reason, women are attacked for no apparent reason, without having done anything but their partner who assaulted was drunk or using some substance, for example, or even out of jealousy or internal fights. In addition to showing and making people aware of the violence in this neighborhood, we want society in general to understand that any type of aggression or abuse should be reported to the police.

But it all starts with us, we have to change and make people change even a little. We have to understand that everything can be resolved on the basis of conversations or affectionate actions, we don't need to reach such a critical level to the point of using violence as a way to "solve things".

keywords: violence, women, children, substance, denunciation.

### Resumo sobre o Preconceito no bairro Feitoria

Neste trabalho vamos falar sobre os tópicos abaixo:

- 1) O que é o preconceito e como ele é nessa região da cidade;
- 2) As principais regiões da Feitoria que tem preconceito na sociedade;
- 3) A visão das pessoas de dentro e fora do bairro.

Palavras Chaves: preconceito, Feitoria, bairro.

- 1) Preconceito é o ato de julgar algo ou alguém antes de conhecer de juiz. A Feitoria sempre teve um grande julgamento de fora, por ser um bairro onde já teve e tem muitos envolvimento com drogas e até mesmo com mortes. Isso vem se gerando a tempos, muitas das ruas da feitoria são paralelepípedos, e o baixo é mais constituído por pessoas de baixa e média renda. Tanto é que se pararmos para ver, a região não é um lugar com grandes casas luxuosas. Muitas das casas, foram dadas para famílias pela prefeitura para pessoas que não tinham muitas condições. Em torno disso, muitas vezes com a falta de mão de obra da prefeitura e com a questão de roubos, a Feitoria passou a ter uma visão de fora de uma região que muitas vezes não se torna segura, e que não seja um bom lugar para ir morar ou até mesmo passar uma simples tarde, isso acabou sendo como um preconceito em que a sociedade invés de investir na região, tem se ignorado pelas pessoas de fora.
- 2) Algumas das regiões da feitoria são Vila sapo, Seller, Cohab. Essas são umas das regiões que mais sofrem preconceito. Em muitos lugares as pessoas falam que é da Cohab, por exemplo, e já olham torto sem ter trocado alguma conversa com a pessoa.
- 3) Muitas pessoas que são de fora da feitoria, não tem conhecimento sobre a feitoria e acabam ouvindo coisas apavorantes sobre, por isso muitas delas acabam tendo preconceito. Muitas falam mal sobre pessoas que moram na feitoria, sem mesmo nem saber a real.

Sobre as pessoas que moram na feitoria e tem visão sobre:

Essas pessoas são as que mais sofrem, mas também algumas responsáveis pelos atos, muitas pessoas tem a vergonha de falar o lugar da feitoria onde moram pois tem medo do olhar preconceituoso de algumas pessoas, mas também aquelas que se acham no dever de mostra a criminalidade e o perigo do lugar para mostrar dominação e exigirem o respeito.

Acho que devemos respeitar famílias e pessoas que moram na feitoria, pois muitas das famílias só querem sossegado e seu lar tranquilo.